

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PPGCS - MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

IXCHEL LUNA LARA

“O povo Garífuna da América Central: entre lutas de  
poder, categorias identitárias e territórios”

**VITÓRIA**  
**2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PPGCS - MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

IXCHEL LUNA LARA

**“O povo Garífuna da América Central: entre lutas de  
poder, categorias identitárias e territórios”**

Texto de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Sandro José da Silva.

**VITÓRIA  
2016**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (PPGCS)**  
O povo Garífuna da América Central: entre lutas de poder, categorias identitárias e territórios.

**Ixchel Luna Lara**  
**Orientador: Prof. Dr. Sandro José da Silva.**

Texto de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, aprovada pela banca composta pelos seguintes professores.

Aprovada 1 de Novembro de 2016

---

Prof. Dr. Sandro José da Silva  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Espírito Santo (PGCS/UFES)  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Pavesi  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Espírito Santo (PGCS/UFES)  
Membro Interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Zanetti  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social- Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Membro Externo

VITÓRIA - ES  
2016



A minha mãe, minha super-heroína, que sempre me disse que o melhor presente nesta vida é o conhecimento, “vai aprenda e depois comparte, filha”.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao meu orientador pela atenção, paciência, carinho, apoio e compreensão em todos os momentos nesta trajetória. Obrigada pelas conversas, as orientações e pelos conhecimentos transmitidos nas nossas trocas culturais e linguísticas. Sobretudo agradeço a ele, a Carolina e a Magdalena, por me aceitar como mais um membro da sua família e me fazer sentir em casa novamente. Agradeço também a pela amizade e as lembranças que levarei comigo por sempre.

A Profa. Dra. Patricia Pavesi e a Profa. Dra. Cleyde Rodrigues Amorin e Profa. Dra. Daniela Zanetti por seu interesse e contribuições detalhadas à formação desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais com quem tive aula, obrigada pela troca de conhecimento dentro e fora das salas.

À Organização de Estados Americanos (OEA) e a CAPES por me dar a oportunidade de estudar no Brasil e pela concessão da bolsa para a realização desta pesquisa.

A mi familia, a mi madre que siempre tiene palabras apoyo, de amor y de conforto en todo momento. A mis hermanos porque al igual que mi madre, han estado apoyándome en todo momento. Finalmente, a José, mi compañero de vida, por incentivar-me a seguir mis sueños.

A mis amigos, *Los Cheveres*, la familia escogí, la familia que Brasil unio. Aos meus amigos das CSO com os que a pesar da barreira linguística no começo consegui estabelecer e fortalecer uma amizade desenvolvida por nossos encontros fora das aulas comendo pudim, três leites ou *sopa azteca*, todos vocês guardam um lugar especial no meu coração.

E a todos os colegas, professores e amigos que ofereceram sua ajuda e apoio.



## RESUMO

O povo Garífuna da América Central: entre lutas de poder, categorias identitárias e território. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado. 2015.

O presente texto de pesquisa intitulado “O povo Garífuna da América Central: entre lutas de poder, categorias identitárias e territórios” visa descrever como o povo Garífuna articula os discursos sobre a luta pelo seu território ancestral observando aí as diferentes mobilizações entre as categorias identitárias. Acontecem através de diferentes processos históricos transformações com suas identificações especialmente nos últimos 30 anos desde a pronúncia da virada multicultural na América Latina. Exploramos aqui as diferentes categorias de representação definindo nosso objeto de estudo que se desdobra em duas organizações representantes dos Garífunas: a OFRANEH e a ODECO. O tema e objeto de estudo foram produzidos em base as leituras de construção e desconstrução de identidade. Tentamos aqui entrelaçar a bibliografia existente sobre os Garífunas como uma etnografia virtual para contextualizar e descrever a uma mobilização dentro das categorias identitárias do povo garinagu na América Central. Os resultados descrevem uma bipolaridade no discurso identitário de representação no grupo a partir do ponto de vista de nosso objeto de estudo.

Palavras-chave: Garífuna. Honduras. América Central. Identidade. Território.

## RESUMEN

El pueblo Garífuna de Centroamérica: entre las luchas de poder, categorías identitarias y territorios Programa de Posgrado en Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Espírito Santo. Tesis de maestría. 2015.

Este texto de investigación titulado "El pueblo Garífuna de Centroamérica: entre las luchas de poder, categorías identitarias y territorios " tiene como objetivo describir cómo el pueblo Garífuna articula su discurso sobre la lucha por su territorio ancestral, observando las diferentes movilizaciones entre las diferentes categorías de identidad. El grupo atraviesa por de diferentes procesos históricos de cambios en cuanto a su identificación, especialmente en los últimos 30 años desde la pronunciación de una transformación multicultural en los países de América Latina. Aquí exploramos las diferentes categorías de la representación que definen nuestro objeto de estudio dos organizaciones que representan a los garífunas: a OFRANEH y ODECO. El tema y objeto de estudio se produjeron en base a las lecturas de la construcción y deconstrucción de la identidad. Tratamos aquí de entrelazar la literatura existente con una o etnografía virtual para contextualizar y describir la movilización dentro de las categorías de identidad del pueblo garinagu en Centroamérica. Los resultados describen una bipolaridad en la representación del discurso de la identidad en el grupo desde el punto de vista desde nuestro objeto de estudio.

Palabras clave: garífuna. Honduras. América Central. Identidad. Territorio.



## **ABSTRACT**

The Garífuna people of Central America: between power struggles, identity categories and territories. Graduate Program in Social Sciences. Universidade Federal do Espírito Santo. Master's Thesis. 2015.

This research entitled "The Garífuna people of Central America: between power struggles, categories and land" aims to describe how the Garífuna people articulates its discourse on the struggle for their ancestral territory, through observing the different movements between the different categories of identity. The group goes through different historical processes of change in their identification, especially in the last 30 years since the pronouncement of a multicultural transformation in Latin America. Here we explore the different categories of representation defined by our object of study, two organizations representing the Garífuna: OFRANEH and ODECO. We have taken into account our reading of the construction and deconstruction of identity to produce our topic and study object. We try here to intertwine the existent academic and activist literature with a netnography to help us contextualize and describe the mobilization within the categories of identity of the garinagu people in Central America. The results describe a bipolarity in the representation of identity discourse from the point of view of our study object.

Keywords: Garifuna. Honduras. Central America. Identity. Territory.

## LISTA DE SIGLAS

**AGANIC:** Associação Afro-Garífuna Nicaraguense  
**CERD:** Comité para la Eliminación de la Discriminación Racial  
**CMA:** Cumbre Mundial de Afrodescendientes  
**CONADINMCH:** Coordinadora Nacional Ancestral de Derechos Indígenas Maya Chorti de Honduras  
**CONIMCH:** Consejo Nacional Indígena Maya Chorti  
**COPIN:** Consejo Cívico de Organizaciones Populares e Indígenas  
**CONPAH:** Confederación de Pueblos Autóctonos de Honduras  
**DDHH:** Derechos Humanos  
**DINAFROH:** Dirección de Pueblos Indígenas y Afrohondureños  
**EBI:** Educação Bilingüe Intercultural  
**FITH:** Federación Indígena Tawaka de Honduras  
**FETRIPH:** Federación de Indígenas Pech de Honduras  
**FETRIXY:** Federación De Tribus Xicaques De Yoro  
**INE:** Instituto Nacional de Estadísticas  
**INA:** Instituto Nacional Agrario  
**MILH:** Movimiento Indígena Lenca de Honduras  
**MASTA:** Miskitu Aslatakank  
**NABIPLA:** Asociación de Trabajadores y Profesionales Nativos de Islas de la Bahía  
**NGC/CNG:** National Garífuna Council  
**ODECO:** Organización de Desarrollo Étnico Comunitario  
**OEA:** Organização dos Estados Americanos  
**OFRANEH:** Organização Fraternal Negra Hondurenha  
**OIT:** Organização Internacional do Trabalho  
**ONECA:** Organização Negra Centro-Americana  
**ONEGUA:** Organização Negra Guatemalteca  
**ONILH:** Organización Nacional Indígena Lenca de Honduras  
**ONU:** Organização das Nações Unidas  
**PCMA:** Plataforma Cumbre Mundial de Afrodescendientes  
**PRONEEAAH:** Programa Nacional de Educación para la Etnias Autóctonas y Afroantillanas de Honduras  
**SEDINAFROH:** Secretaria de Estado en los Despachos de Pueblos Indígenas y Afrohondureños  
**SOGAÑAH:** Sociedad Garífuna Hondureña  
**UFCO:** United Fruit Company

## Lista de Figuras

Figure 1 Linha do tempo colonial pré-chegada dos caraíbas negros .....	14
Figure 2 Linha do tempo da chegada dos Caraíbas Negros a Roatán, Honduras .....	15
Figure 3 Logotipo CENCULGARH .....	34
Figure 5 Uma representação pictórica dos Garífuna. ....	69
Figure 6 Rotas Comerciais lideradas pelo United Fruit Company em América Latina ...	92
Figure 7-Mapa do litoral caribenho onde podemos observar as principais cidades de assentamentos dos negros ingleses. ....	100
Figure 8 Categorias raciais usadas em Honduras entre 1821-2015 .....	104
Figure 9 Fotografia compartilhada na rede social .....	131
Figure 10 Imagem das etiquetas geradas pelo website .....	140
Figure 11 Observamos aqui as etiquetas geradas manualmente pa. ....	141

## Lista de Fotografias

Fotografia 1 Entrada à comunidade de Sambo Creek. Foto por Ixchel Luna Lara .....	37
Fotografia 2-Casa da OFRANEH em Sambo Creek, Atlântida .....	40
Fotografia 3-Convocação ao Primeiro Congresso do Negro Hondurenho. ....	45

## Lista de Mapas

Mapa 1-Mapa de Honduras .....	37
Mapa 2-Honduras com o departamento de Atlântida .....	38
Mapa 3-Comunidade de Sambo Creek .....	38
Mapa 4-Mapa sobre a migração garinagu desde sua mestiçagem. ....	58
Mapa 5- Honduras e a indicação dos povos indígenas presentes no país. ....	66
Mapa 6-Mapa da linha ferroviária de Honduras. ....	105

## Documentos

Document 1-EL SINDICATO DE TRABAJADORES DE LA UNITED FRUIT COMPANY em GUATEMALA. ....	107
---	-----

## SUMÁRIO

RESUMO .....	7
RESUMEN .....	8
ABSTRACT .....	9
LISTA DE SIGLAS .....	10
1. O PERCURSO DA PESQUISA .....	21
1.2 QUAIS FONTES/MATERIAIS AJUDARAM A PESQUISA .....	21
1.3 PERCURSO ACADÊMICO, CONTATO COM OS GARÍFUNAS E SUAS ORGANIZAÇÕES .....	27
1.3.1 VISITANDO HONDURAS .....	32
1.3.1.1 CONTEXTO SOCIAL ANTES DA VISITA .....	32
1.3.1.2 VISITA AO CENTRO DE CULTURA GARINAGU .....	34
1.3.2.3 VISITA A SAMBO CREEK—LAR DA OFRANEH .....	36
1.4 DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO .....	43
1.4.1 CONSTRUINDO DIFERENÇAS .....	47
1.4.2 OS GARÍFUNAS NAS REDES VIRTUAIS .....	49
1.5 OBJETIVO GERAL .....	50
1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	50
1.7 O PROBLEMA DA PESQUISA .....	51
1.8 DEFININDO A METODOLOGIA .....	51
2. <i>NOSOTROS NACIMOS DE LA LUCHA</i> .....	56
2.1 MARCO E MEMÓRIA .....	59
2.2 CAMINHO AO EXÍLIO .....	61
2.3 AMÉRICA CENTRAL: EXÍLIO, DISPERSÃO E ASSENTAMENTOS TRANSNACIONAIS .....	62
2.4 UMA HISTÓRIA TRAÇADA DESDE UMA LUTA REIVINDICATIVA .....	67
2.5 IDENTIDADE CULTURAL: UM TEMA DE GOVERNO .....	69
2.6 OS USOS MULTICULTURAIS DA CULTURA GARÍFUNA .....	75
2.7 NEM INDÍGENAS, NEM AFRODESCENDENTES—GARÍFUNAS .....	77
3. GARÍFUNAS E CREOLES EM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO .....	84
3.1. DE COLÔNIA A REPÚBLICA BANANEIRA: BREVE HISTÓRIA DO ENCLAVE BANANEIRO EM HONDURAS. ....	85

<b>3.2 O OURO VERDE E TERRA FÉRTIL.....</b>	<b>90</b>
<b>3.2.1 BANANAS E A ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES.....</b>	<b>93</b>
<b>3.2.2 A PRESENÇA GARÍFUNA E NEGROS CREOLES NAS BANANEIRAS .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS-CAPITULO 3.....</b>	<b>105</b>
<b>4. AS MOBILIZAÇÕES DOS GARINAGU NO CIBERESPAÇO-UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA. ....</b>	<b>108</b>
<b>4.1. OS CIBERAMBIENTES GARÍFUNA .....</b>	<b>110</b>
<b>4.2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NAS REDES SOCIAIS .....</b>	<b>116</b>
<b>4.3 PERFIL DA OFRANEH E ODECO .....</b>	<b>120</b>
<b>4.3.1 A REPRESENTAÇÃO GARÍFUNA .....</b>	<b>121</b>
<b>4.4. OS GARINAGU NAS REDES.....</b>	<b>125</b>
<b>4.5 BLOGS: A NOVA VOZ DOS GRUPOS INDÍGENAS NO CIBERESPAÇO, UMA BREVE DESCRIÇÃO DOS BLOGS DA OFRANEH E ODECO .....</b>	<b>138</b>
<b>4.6 ENTRELACANDO A REDE SOCIAL DE FACEBOOK E OS BLOGS .....</b>	<b>142</b>
<b>4.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>158</b>

*Figure 1* Linha do tempo colonial pré-chegada dos caraíbas negros a Roatán, Honduras

<b>Data</b>	<b>Descrição</b>
<b>1623-1625</b>	Os ingleses expulsam os indígenas de St. Kitts (St. Christopher)
<b>1635</b>	2 barcos espanhóis traficando escravos naufragam
<b>1650</b>	Investida para o extermínio dos indígenas na ilha de Martinica e Guadalupe
<b>1660</b>	Tratado Basse Terra que reconhece Dominica e São Vicente como território
<b>1664</b>	Santa Lucia é invadida e os indígenas são desterrados
<b>1668</b>	Dominica e São Vicente passam a domínio inglês
<b>1675</b>	Um barco português traficando escravos naufraga perto da ilha de São Vicente
<b>1685</b>	Os caraíbas e os ingleses assinam acordo
<b>1719</b>	Tropa inglesa com ao redor de 500 soldados é enviada para lutar com os caraíbas negros
<b>1725</b>	Os ingleses intentam retomar São Vicente
<b>1756-1763</b>	Período da Guerra dos Sete Anos entre França e Austria contra Inglaterra, Portugal, Prússia e Hanôver.
<b>1772</b>	Começa-se a discutir a possibilidade de expulsar os caraíbas da Ilha de São Vicente.
<b>1773</b>	Tratado de Paz entre os ingleses e caraíbas negros
<b>1779</b>	A aliança franco-caribenha retoma a ilha
<b>1795-1796</b>	Inicia a guerra do Caribe trás o apoio francês contra os ingleses
<b>1796-1797</b>	Caraíbas Negros são expulsados da ilha de Beliceaux
<b>Março 1797</b>	Caraíbas Negros são embarcados
<b>Abril 1997</b>	Os Caraíbas negros são exiliados de São Vicente e levados para Roatán, Honduras

Figure 2 Linha do tempo da chegada dos Caraíbas Negros a Roatán, Honduras

Data	Descrição
1797	Chegada dos caraíbas a Port Royal, Roatán Honduras
1821	Se assina a ata de independência da América Central
1824	Abolição da escravidão nas Provincias Unidas da América Central
1825	A primeira carta Constitucional hondurenha é escrita.
1838	Independencia de Honduras da América Central e se inicia o processo da construção estado-nação hondurenha.
1899	Félix, José e Lucas Vaccaro conseguem a aprovação do governo hondurenho para uma concessão na produção e exportação de banana.
1920	A companhia United Fruit Company já estava pronunciada como uma companhia bananeira poderosa em território hondurenho.
1954	
1978	Se forma a Organização Fraternal Negra Hondurenha (OFRANEH)
1992	Se forma a Organização de Desenvolvimento Etnico Comunitário.
2001	Se reconhece a língua e música garífuna como patrimônio da humanidade por UNESCO
2009	Golpe de Estado ao governo do presidente Jose Manuel Zelaya
2010	Aprovação do projeto ZEDE ( <i>Zonas de Empleo y Desarrollo Economico</i> ).

Fonte: OFRANEH; Nancie Gonzáles, Ramón Amaya, Vilma Laínez, Victor Meza<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Trata-se aqui de uma linha de tempo baseada na literatura acadêmica, mas que também é retomada por líderes ativistas Garífunas no processo descrito na dissertação como reelaboração do tempo e espaço a partir de categorias de pertencimentos social.

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo e contou com uma bolsa de estudos da OEA. Sua abordagem analítica e conceitual está baseada na antropologia e nos estudos sobre etnicidade e Antropologia dos afrodescendentes. Do ponto de vista dos dados da pesquisa, combinaram-se os recursos da pesquisa bibliográfica, trabalho de campo e uma etnografia do ambiente virtual proporcionado pela *internet*.

Neste sentido, trata-se de uma contribuição aos estudos sobre o tema das relações étnico-raciais, com um enfoque antropológico e histórico sobre a construção social das categorias de pertencimento de uma população no Caribe Hondurenho sob dois aspectos.

O primeiro deles busca identificar na literatura como as populações que hoje se definem como Garífuna foram descritas nas condições coloniais e pós emancipatórias, assim como os sucessivos desafios relativos ao seu reconhecimento social no país. Observam-se aqui não apenas as maneiras pelas quais os Garífuna foram paulatinamente ganhando lugar na sociedade hondurenha, mas como eles próprios construíram distintas perspectivas de si próprios a partir de disputas políticas materializadas nas distintas organizações representativas desse povo.

A segunda abordagem é relativa ao recorte analítico da pesquisa que voltou-se para a observação de que a construção contemporânea sobre a identificação Garífuna não é um fenômeno regional, no sentido de que ele tem um ponto de irradiação mas, que ele pode ser compreendido como um fenômeno transnacional. Isto foi detectado na medida em que a pesquisadora percebeu que os significados e os grupos que se auto-intitulam Garífuna não tem Honduras como sua única base reflexiva, mas lugares físicos como Nova York ou não físicos como o site de relacionamentos Facebook.



A dissertação foi escrita em uma conjuntura desfavorável para os Garífuna, vítimas de violência estatal e privada e expulsão de suas terras ancestrais, mas também em um momento de reconhecimento dos direitos dos Povos e valorização da presença africana num esforço de reescrever os direitos dos africanos na Diáspora mundial.

Honduras conta com um território de 112,090 km<sup>2</sup> e segundo o *Instituto Nacional de Estadísticas* de acordo ao último censo do ano 2013, a população era de 8,303,771 milhões de habitantes (INE, 2013).<sup>2</sup> Nele habitam 7 grupos étnicos, entre eles destaca-se o povo *Garífuna*, conhecidos até boa parte do século XX como *caraíbas negros*, nome cunhado pelos britânicos na colonização da ilha e usado para expressar seus ascendentes africanos e aruaques. Os Garífunas chegaram primeiramente à ilha de Roatán, Honduras em 1797 após ser exiliados da sua ilha, São Vicente (AGUDELO,2011). Segundo Agudelo (2009,2011) e Gonzáles (2008) rapidamente os Garífunas se incorporaram os grupos de luta espanhóis em contra dos ingleses que constantemente tentavam invadir terras já baixo o nome espanhol. No entanto, estes acontecimentos não fazem parte da história hondurenha produto da mestizagem da cultura e da história.

A presença de escravos negros trazidos pelos colonizadores e sua propagação em diferentes territórios tem sido relatada por diferentes colonizadores em seus registros e hoje é identificada como a primeira onda de negros ao continente. A segunda onda é constituída a partir da chegada das companhias bananeiras ao território nacional a finais do século XIX às costas caribenhas, onde se formou um enclave bananeiro que não só afeitou à economia hondurenha, mas também a formação duma identidade hondurenha. Os negros, maioritariamente importados das Antilhas chegaram a formar outro grupo de cultura diferenciada na Honduras denominado Negros Creoles. A maior diferença entre os Negros Creoles e os Garífunas, segundo os líderes das organizações que a continuação descreverei, é que os Garífunas não compartilham um passado como escravos e eles realçam sua ascendência indígena.

---

<sup>2</sup> Mais informação <http://www.ine.gob.hn/index.php/sala-de-prensa/14-lifestyle/99-principales-resultados-del-censo-de-poblacion-y-vivienda-2013> Acesso em 11/8/2016.

Nas últimas décadas tem se colocado no alvo de uma série de transformações identitárias. Hoje, os Garífunas habitam em quatro países da América Central: Belize, Guatemala, Honduras e Nicarágua e nos últimos anos, dados estadísticos apontam a uma onda migratória de América Central aos Estados Unidos onde existe outro grupo Garífuna que habita nesse país desde a década de 1950.

Os Garífunas buscam situar-se e denominar-se um povo que vive, luta e transpira sua cultura mista de ascendência aruaque e negra em um território transnacional. Neste sentido, não nos limitamos à bibliografia sobre a Honduras em específico, se não na literatura existente sobre os Garífunas nos quatro países antes mencionados, pois, achamos necessário compreender as lutas e desconstruções categóricas que tem vivido este grupo nos outros Estados-Nações onde residem, de essas formas ressaltando seu caráter transnacional.

Honduras é o país com maior população Garífuna desde a década dos anos 90, seu ativismo político tem incrementado em grande parte aos impulsos das suas organizações que se denominam ser representativas dos direitos Garífunas. Por tanto, esta dissertação se centra ao redor delas, as informações utilizadas são de caráter bibliográfica e produto das organizações.

A primeira trata-se da Organização Fraternal Negra Hondurenha (OFRANEH), criada em boa parte em face às discriminações aos negros nas bananeiras e nas cidades industriais caribenhas onde se administra o monocultivo. Esta organização realça o caráter indígena dos Garífunas e busca inserir-se nos debates sócio-políticos hondurenhos a partir desta característica como um povo “indígena de pele negra”. A outra organização que se destaca na luta dos direitos afro na Honduras, é a Organização de Desenvolvimento Étnico Comunitário (ODECO), criada em 1992, a diferença da OFRANEH, a ODECO destaca a Afrodescendencia no país, juntado os Negros Creoles e os Garífunas baixo o termo de afrodescendentes. Veremos nesta dissertação como as perspectivas das duas organizações diferem. A OFRANEH se

mantém relacionada aos direitos étnicos dos Garífunas, desenvolvendo suas reivindicações sócias, políticas e territoriais e como a ODECO construiu uma forma de negritude com ressalte na herança africana.

As duas organizações contêm um público participante bastante semelhante, mas que diferem na forma de se inserir na sociedade hondurenha. É aqui nosso interesse no desenvolvimento desta pesquisa. A construção da identificação Garífuna tem como centro o seu diálogo em relação à desterritorialização das suas terras ancestrais. Atualmente este também é o tema central no qual se baseiam o ativismo das organizações Garífuna como OFRANEH e ODECO.

Existe no ciberespaço diferentes espaços onde atores se identificam como Garífuna. Encontramos vários grupos de apoio às lutas Garífunas em Facebook, diferentes páginas de Twitter, Blogs e Youtube. Nestes canais de comunicação os membros mantem contato entre eles, onde se discutem e mantem diálogos sobre diferentes informações, desde eventos culturais e sócias, uma agenda política, temas étnico-raciais, apoios a outros a movimentos sociais e políticos no país e na América Latina. Este espaço tornou-se importante para nossa dissertação pois é um espaço que pode ser seguido a partir da localização dos autores e/ou através das leituras e visitas aos diferentes espaços como discutiremos no nosso último capítulo. Temos descoberto uma interação entre os membros que se identificam com uma das duas organizações, a OFRANEH e a ODECO e como manifestam seu apoio em prol das lutas territoriais e culturais a traves do uso do espaço virtual para formação de ações coletivas superando, desta forma espaço, tempo e lugar.

A diferença dos autores que maioritariamente situam suas discussões no quando e no tempo como uma linha direita, esta dissertação se situa na discussão no “onde”, neste caso específico, no meio virtual. Que como veremos está cheio de diferentes discussões por diversos atores, simbologias e entrelaçamentos de organizações que dissessem chamar representativas deste povo. Nosso objetivo geral é analisar os ambientes de mobilização etno-político para compreender os modos de construção de categorias identitárias por parte dos Garífunas.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos que procuram se complementar mutuamente com a finalidade de compreender a “luta Garífuna” e a importância do seu território para a formação constante da sua identidade. No primeiro capítulo se visa dar uma olhada geral a como se desenvolveu esta pesquisa, começado pelas nossas leituras e revisão bibliográfica dos Garífunas, nosso contanto com e nosso objetivo geral.

No segundo capítulo titulado “*Nosotros nacimos de la lucha*” esclarecemos a importância dos Garífunas e sua formação como povo único e particular na América Central por ser uma etnia ascendente dos aruaques-indígenas caribenhos e negros produto da expansão colonialista e do programa de escravidão dos colonizadores europeus. Continuamos em primeiro lugar, a partir das duas vertentes de análise intelectual/estatal e outro autóctone/estatal onde discutimos quem são e como chegaram a ser os Garífuna e em segundo lugar, tentamos compreender a formação das categorias raciais no caso específico da Honduras em relação com a América Latina, pois, isto faz parte do discurso sócio-político Garífuna.

No terceiro capítulo, pretende analisar o contexto onde surgem elementos para a construção identitária étnica dos Garífunas e o movimento sindical partindo das trajetórias sindicais e a importância do território na luta da retenção de identidade. As diferentes políticas governamentais que têm contribuído com a desterritorialização dos Garífunas na Honduras, mas que além traçam uma discussão do transnacional ao nacional.

Por último, o quarto capítulo visa descrever as redes sociais onde as lutas nacionais *tradicionais* são levadas ao ciberespaço criando redes de fortalecimento em prol da luta Garífuna. É através da nossa etnografia virtual que tentaremos compreender como as redes visibilizam este grupo e também fortalece e reproduzem os discursos Garífuna através das representatividades das duas organizações.

## **1. O PERCURSO DA PESQUISA**

Este capítulo tem como objetivo descrever meu interesse na área da antropologia social, especialmente a delimitação do tema e do problema da pesquisa, com a ajuda da bibliografia especializada produzida até o momento sobre estes grupos. Será descrito meus primeiros contatos com os Garífunas, e o Golpe de Estado do ano 2009 como a janela para o processo de construção do meu interesse pelos Garífunas e suas lutas sociopolíticas além de colocar o ciberespaço como um espaço de reivindicação para a construção de novas feições da luta social, vista como estratégia para fortalecer e redirecionar a posição dos sujeitos nas lutas globais. Meu interesse para com este grupo se delimita neste trânsito entre os modos de conhecimento locais, baseados nas tensões entre a organização das fronteiras da nação e aquelas dos sujeitos Garífuna em territorialidades mais amplas que abarcam as formas virtuais do resistir. Finalmente, a partir da descrição do meu interesse e contato com os Garífunas, coloco meu objeto de estudo e situo a metodologia.

### **1.2 QUAIS FONTES/MATERIAIS AJUDARAM A PESQUISA**

O propósito deste item é descrever parte da bibliografia que existe acerca dos Garífunas e que foi utilizada no processo inicial da elaboração deste projeto de pesquisa. Ao longo do desenvolvimento do nosso projeto, encontramos várias pesquisas e artigos sobre os Garífunas em diferentes áreas de conhecimento, seja sobre sua música, território, identidade, biologia ou problemas socioambientais. A revisão bibliográfica foi reduzida a aqueles textos que se referem a sua identidade, categorização e reivindicações sociais e políticas, o que denota uma tendência de fronteiras analítica com o tema da construção da nação, uma vez que nesses trabalhos, o “lugar” dos Garífuna é sempre a tônica sublinhada pela maioria dos autores.

Esta dissertação tem como base uma bibliografia selecionada de característica multidisciplinar que nos ajuda a tecer a bibliografia, discursos, entrevistas com a

etnografia virtual.<sup>3</sup> O recorte espacial da pesquisa se mostrou aqui uma de nossas preocupações, pois os povos e comunidades tradicionais tem sido constantemente “localizados” (Hannerz, 1999), ao passo que a condição de pesquisa imposta durante o mestrado, me levou a comparar a bibliografia e nela perceber que os próprios Garífuna buscam situarem-se em um território transnacional. Neste sentido, não nos limitamos à bibliografia sobre a Honduras em específico, pois, achamos necessário compreender as lutas e desconstruções categóricas que tem vivido este grupo nos outros Estados-Nações onde residem, ressaltando seu caráter transnacional e transcontinental.

Temos aqui uma divisão dos estudos acerca dos Garífunas colocando-lhes em duas vertentes: a primeira—concentra-se nos do século XX que visaram estudar a Etnohistória<sup>4</sup> Garífuna e, sobretudo, o risco de aculturação do grupo em vista das mudanças globais que atingiam os rincões onde eles se localizavam. A segunda—concentra-se na produção contemporânea sobre mobilidade das categorias raciais no caso específico da América Central e sua relação com a virada multicultural na região. Descrevemos neste item alguns dos autores mais importantes citados na literatura contemporânea.

O caderno de campo do brasileiro Ruy Coelho (2000) intitulado “*Dias em Trujillo: um antropólogo brasileiro em Honduras*” descreve uma pesquisa em Cristales, Trujillo, Honduras entre 1947 a 1948 para sua tese de doutorado em *Northwestern University*. Sua tese foi aprovada no ano de 1954 e posteriormente um livro intitulado *Os negros caraíbas de Honduras* (1955) analisa o sistema de crenças encaixada na sua organização econômica e social no qual “utilizaram mecanismos de retenção, reinterpretação e sincretismo” (p. 29). Através duma recapitulação dos antecedentes históricos Garífunas, Coelho faz uma análise da composição cultural dos negros caraíbas pela sua observação da organização social. Coelho, contemporâneo do Douglas Taylor (1951), descreve seus encontros no seu caderno de campo. Taylor se

---

<sup>3</sup> Empregamos o termo etnografia virtual à adaptação do método etnográfico nas redes virtuais. Veremos na seção sobre a metodologia deste trabalho uma discussão mais ampla sobre a netnografia.

<sup>4</sup> Segundo Nancie Gonzáles (2006) este termo é empregado para entender a história de um povo que não tem uma história oficial escrita.

preocupava mais por fazer uma descrição analítica da cultura dos negros caraíbas. Seu livro é estruturado de forma similar ao livro do Coelho (1955). Os capítulos consistem na descrição da estrutura social, as bases da sua subsistência, suas práticas culturais e religiosas. As duas pesquisas são importantes para esta pesquisa porque contribuem para estabelecer um panorama sobre os Garífunas, desde o ponto de vista das relações entre comunidade de pequena escala com as chamadas sociedades envolventes, bastante comum nos estudos sobre comunidade neste período (CHARLES WAGLEY, 1952, p.538).

Tanto Taylor (1951) como Coelho (1955), preocuparam-se por compreender o componente ancestral africano na cultura garinagu, mas Coelho não aprofunda numa discussão categoria de como os garinagu se auto identificavam, ainda que sua descrição denote que tais práticas deste povo retomam um renascimento de práticas africano baseados na reelaboração da ancestralidade (ANDERSON, 2009). No entanto, assim como Coelho, Gonzáles e outros autores, sublinham uma característica sociológica da produção das identificações, ao ressaltarem que, o povo garinagu “se distancia da África e da escravidão” argumentando que foram e continuam sendo, “um povo livre” (ANDERSON, 2009 p.74). Uma das críticas de Mark Anderson (2009) à perspectiva de Coelho (2000) é que a preocupação deste era a de descobrir as características culturais do grupo através duma análise da composição cultural dos negros caraíbas pela observação da sua organização social, cuja ênfase funcionalista, deixava de fora os aspectos do conflito, que descreveremos adiante.

Nancie Gonzáles (2008), também se insere na perspectiva do “estúdio de comunidade”, mas seu ponto de vista é constituído pelas formas de deslocamento dos Garífuna, bem como sua multilocalidade. Ela começa seu trabalho de campo na mesma década que estes autores, mas, contudo, se insere nas comunidades em diferentes momentos e espaços: começando pelas comunidades em Guatemala, Belize e eventualmente em Honduras, ela percebe a necessidade comparativa que organiza os diferentes grupos. A autora, foi uma hábil etnógrafa que conseguiu se integrar nas comunidades Garífunas e desta forma, produziu relatos que abarcaram vários pontos de vista tais como de jovens como velhos.

Com um tom de ironia, sua pesquisa se iniciou pelo seu interesse de conhecer aquele “povo que ninguém sabe nada, mas que supostamente era canibal” (2008. p.xiii). Gonzáles (2008) não se separa da linha teórica e analítica de Coelho (1954) e Taylor (1951), uma vez que no começo da sua pesquisa seu interesse ronda nas linhas da descrição de uma suposta essência africana e ameríndia nos Garífunas. Não obstante, a autora se diferencia deles pela sua multi-metodología baseada em: discursos extraídos do campo, bibliografia das áreas de linguística, arqueologia, sociologia e fontes históricas. Tal metodologia é empregada com o fim de entender vários problemas socioculturais. Mas no final, o trabalho de Gonzáles, é um intento de construir o que ela chama de “etnohistória”, termo que segundo a autora, se trata sobre “[...]reconstruir o passado dos povos que não tem uma história formal escrita” e que é importante para colocar sua história, antes em pedaços de um quebra-cabeças, em ordem, pois existem um esquecimento coletivo da sua herança africana (Idem. p.39). O trabalho que Gonzáles tem desenvolvido e sua exaustiva pesquisa tem tornado a autora, umas das mais citadas entre os antropólogos contemporâneos como Mark Anderson (2007), Carlos Agudelo (2014,2011) e Olivier Cuisset (2014).

Segundo Francesca Gargallo (2002), Douglas Taylor (1951) tem sido uns dos antropólogos que mais tem estudado a formação da nação garinagu. Este autor descreve os Garífunas do ponto de vista de uma linguagem da mestiçagem, classificando-os como “um bolo negro composto de ingredientes ameríndios” (p.143 *apud* GONZÁLES, 2006, p. xxv). Sua preocupação consiste em uma abordagem fenotípica e compartilhamento de características ameríndias e africanas sublinhando como as duas tem se encaixado na formação do povo garinagu, especialmente em uma defesa contemporânea de seus direitos culturais e territoriais. Por outro lado, Gargallo (2002) como Gonzáles (2006) preocupa-se por entender o que ela chama de “[...]os dois lados da história”, a primeira, a ‘mítica’ como a história oral e discurso próprio que vê os Garífunas como povo libertário e a segunda, a ‘história documentada’ que descreve os Garífunas, na época chamados de “negros caraíbas”, como um grupo de “selvagem, índios rebeldes e escravos chimarrões” (p. 16).



Gargallo (2002) intenta revisar, por exemplo, os documentos coloniais com um olhar crítico sublinhando como os colonizadores tomaram parte nos processos identitários e construções de categorias consideradas apenas como “nativas”. Ressalto aqui que a autora também centra sua preocupação com o status de etnicidade e a retroalimentação desta para com os estados centro-americanos onde “[...]suas atuações políticas rompem barreiras território estatais” (p. 16). E para além, a resiliência da identidade étnica quando membros deste grupo se deslocam para outros estados-nações. A autora também toca um pouco sobre o trabalho político, o envolvimento ativista dos Garífunas e sua importância para o impulso de vários sindicatos de cunho laboral e organizações na faixa centro-americana.

Nesta mesma linha encontra-se o antropólogo Mark Anderson (2007, 2014) que fez um estudo sobre a evolução das categorias raciais de poder, as lutas com as empresas turísticas e o desenvolvimento do multiculturalismo na região, que cooperam para a produção do significado de negritude. Anderson (2007) também se interessa nessa negociação racial entre os Garífunas e o Estado. Como Gargallo (2002), Anderson (2007, 2014) preocupa-se também sobre a forma em que vários antropólogos tem estudado os Garífunas destacando aqui a forma pela qual tem sido escrita sua etnohistória. Neste sentido, conceitos como raça e etnicidade tem sido categorias flutuantes produtos de uma disparidade nas relações de poder entre os Garífuna.

Tal interesse pelas conexões entre raça e política informam também a obra de Carlos Agudelo (2011), para quem as representações etno-raciais entre os Garífunas desenvolvem-se a partir dos processos sócio-políticos que transformaram a identificação deste grupo em várias formas de categorização, incluindo a mais controversa: afrodescendente.

Anderson (2007) no seu artigo *When Afro becomes like indigenous: Garífuna and afro-indigenous politics* explora as políticas representativas dos afrodescendentes e indígenas a uma categoria que tem evoluído a afro-indígena, que no caso de Honduras, tem visibilizado o povo Garífuna como autóctone com direitos homólogos aos dos

demais grupos indígenas. A pergunta de Anderson “when” [quando]? Poderíamos pensar a questão where [onde], “how” [como] e mesmo “who” [quem] , para completar a trajetória pelas quais tais grupos se constituem enquanto tal no cenário dos direitos étnicos. A interjeição “when” nos remete com mais ênfase na temporalidade fixa da narrativa nacional uma vez que o tempo onde cabem as experiências é também pensado como uma razão entre as diferentes culturas e povos que produzem uma ideia de nação homogeneizada. Assim, cremos que faltaria em tal análise exatamente a agência dos sujeitos distribuídas em várias formas de representação de si mesmos enquanto grupo e os modos de mobilização nos cenários do Estado-nação (Ortner, 2007).

Nesta articulação de categorias encontramos duas vertentes nas organizações Garífunas como a *Organización Fraternal Negra Hondureña* (OFRANEH) e a *Organización de Desarrollo Etnico Comunitario* (ODECO), nosso objeto de estudo para esta pesquisa. Seguindo esta linha, Oliver Cuisset (2014) discute o trabalho das organizações em prol dos direitos Garífunas focado na OFRANEH e a ODECO e as separações que surgem entre as organizações com a “virada multiculturalista” e os diferentes discursos de negociação com o Estado e organizações internacionais, temos aqui uma organização que define o povo garinagu como afro-indígena e outra como afrodescendente. Para a análise disto temos que nos colocar um marco analítico dos processos estratificatórios e categóricos enraizados na história hondurenha e os movimentos sindicalistas que evoluíram com a virada multiculturalista.

Podemos observar que na linha de pesquisa destes autores existe uma preocupação da dinâmica de inclusão social dos povos Garífunas nos diferentes Estados-Nações desde a colonização da terra que eles vem como o lugar de emergência da sua identidade e além uma preocupação pela mobilização categórica onde existem um jogo de diferentes fatores político-sociais baseados nas estruturas colonizadoras homogeneizantes em favor de uma sistematização de exclusão social que ainda assediam os estados-nações da América Central.

### **1.3 PERCURSO ACADÊMICO, CONTATO COM OS GARÍFUNAS E SUAS ORGANIZAÇÕES.**

Esta seção procura descrever a minha trajetória acadêmica, meus primeiros contatos com os Garífunas e como elas fizeram emergir o “interesse” acadêmico pelo tema da dissertação. Começo meu relato descrevendo como o meu primeiro contato se deu por meio da música de um grupo das costas caribenhas de Honduras. O segundo contato acontece por meio da minha inserção no trabalho da minha mãe, o terceiro, através das marchas sociopolíticas depois do golpe de estado do ano 2009 em Honduras. E o quarto, finalmente, pelas minhas leituras acadêmicas e visita a alguns povoados Garífunas em Honduras.

Descrever o percurso da minha pesquisa sobre os Garífunas tem sido um momento de descoberta etnográfica, mas, também, de autodescobrimento, uma vez que me percebi enredada na trajetória de construção de um grupo que é sempre imaginado por muitos a se tornar algo tangível, de respeito, cujas contradições são também constitutivas da realidade social.

Quando criança, eu ia para escola nos arredores de Tegucigalpa, capital de Honduras onde minha mãe trabalhava. Ela sempre falou sobre os Garífunas como um grupo rico, único e diverso. Naquela época, eu não sabia de quem ela falava, mas sabia que ela estava apaixonada pelo um estilo musical garífuna chamado de “Punta”. Meu primeiro contato com eles começa por aí, pela música.

A segunda vez em que me defrontei com os Garífuna também foi na escola quando um dia eu percebi que outras crianças implicavam com uma menina pequena, de pele negra e cabelos trançados. Eu perguntei para minha mãe porque as crianças faziam uma roda e tentavam implicar com ela, a minha mãe narrou sobre como as crianças achavam ela diferente por sua pele ser mais escura que a nossa e que ela era uma menina Garífuna. Eu achei esquisito, pois não dava para entender porque ela era

tratada diferente. Ainda assim fiquei perguntando que era e/ou quem eram os Garífunas. Eu deixei de lado minha curiosidade de criança por muito tempo, mas aprendi que aquelas pessoas de pele negra eram chamadas Garífunas, ainda que mais tarde vim ter a noção de que em Honduras existiam dois grupos com identificação africana, os Garífuna e os Negros Creoles.

Quando eu tinha 16 anos saí do meu país Honduras para estudar fora, na Costa Rica mediante um programa de intercâmbio promovido pelos *United World College* um movimento internacional com diferentes colégios ao redor do mundo que selecionam estudantes de diferentes países com a visão de promover valores cruciais como acordo intercultural, respeito mútuo, compaixão, autocrítica e celebração das diferenças com a missão de que a educação seja uma força para unir o mundo.

Tive uma experiência transcultural onde convivi com outras 60 nacionalidades, pessoas de distintos países com o mesmo objetivo que eu, sair a estudar e nesse processo, conhecer outras culturas. Esta oportunidade abriu uma porta para que eu pudesse conhecer diversas culturas, tradições e costumes que habitam neste mundo e que muitas vezes ficam fora do nosso olhar e imaginação. Apesar de conhecer uma fração da riqueza cultural que convivem em diferentes estados-nações, eu desenvolvi um olhar para a sua riqueza natural e cultural de meu país, com diferentes grupos que ao longo dos anos tem sido explorado e marginalizado por diversos interesses sociopolíticos ou econômicos.

Talvez esta experiência multicultural tenha produzido efeitos duradouros em minha visão cosmopolita do mundo e do que aprendemos a categorizar como coisas discretas, identificáveis e singulares como a Cultura. Descobri neste contexto uma paixão por conhecer a história da América Latina e seus povos indígenas. Na Costa Rica meu olhar estava voltado para América Central, onde nasceu uma parte de meu ser acadêmico com interesse sobre estratificação social, migrações, etnias e as diferentes implicações geoeconômicas do comércio da fruticultura das chamadas bananeiras transnacionais na América Central.

Após este período, fui estudar nos EUA mas antes, eu tinha que voltar para meu país a fazer trâmites burocráticos, para minha estadia. Me formei do UWC Costa Rica em maio do ano 2009, voltei para Honduras, alertada de um clima político tenso. Finalmente, o 28 de junho do 2009, dia de referendun nacional, acordei as 6:00 horas da manhã por causa de vários barulhos que atrapalhavam meu sono. Parte de aqueles “barulhos” eram vários helicópteros rondando a cidade, outros eram canhões anunciando um Golpe de Estado ao governo do presidente Manuel Zelaya Rosales.

A manhã do golpe, Zelaya foi levado a Costa Rica e esse domingo pela tarde o congresso votou em favor de Roberto Micheletti como presidente interino. Os militares não ofereceram um motivo para o acontecido, mas o Tribunal Supremo de Justiça manifestou que tais ações foram tomadas para defender a lei daqueles que tomam ação em contra da constituição hondurenha. O plebiscito que ia acontecer no 28 de junho tratava de rever a Constituição. Segundo críticos, tratava-se de uma estratégia jogada por parte de Zelaya para revisar o artigo que limita o tempo de governo a quatro anos, sem direito a reeleição. Nosso dia começou sem energia, sem notícias, sem saber o que estava acontecendo e acabou com a Honduras tendo um novo presidente.

O golpe de estado desencadeou uma série de movimentos no país tanto musicais, artísticos como sócio-políticos e também causou uma bipolaridade partidarista. Dentro da sociedade existiam os *golpistas* (aquelas pessoas que apoiaram o Golpe de Estado) e a *resistência* (aquelas pessoas que estavam contra do Golpe de Estado). Os dias seguintes prosseguiram com toque de recolher, marchas de multidões, repressão aos meios de comunicação e à sociedade civil. Nas marchas da *resistência* encontravam-se os Garífunas, que visualizaram mais uma oportunidade de manifestar suas reivindicações.

O que destaco aqui foram, naquele momento, as marchas indígenas e, sobretudo as dos Garífunas se manifestando com tambores, com rituais ancestrais e com muito coração na sua luta sociopolítica para com seu povo e em prol do povo hondurenho.

Naquela época os Garífunas se manifestaram contra do Golpe de Estado e até hoje continua sendo uns dos marcos que intensificaram suas lutas. Juntas, a ideia de “luta” e de “marcha” foram oportunidades de realinhamento nos interesses, agendas e pautas reivindicativas. Está foi minha terceira experiência com os Garífuna, num contexto em que a própria nação estava em discussão e que as situações fronteiriças das identificações cidadãs se mostraram tensionadas.

Devido aos meus deveres acadêmicos já assinados, parti mais uma vez para o exterior e deixei atrás fisicamente aquele clima tenso, mas continuei acompanhando as lutas Garífunas e os diferentes projetos que iam se redesenhar um *outro* caribe, especialmente por meio da internet.

Na conjuntura de deslocamentos dos Garífuna e meus agora como estrangeira, mantive um sentimento em forma de dever para com o meu país. As diferentes ruas da vida têm me levado muito longe, mas o amor pelo meu país sempre tem sido uma motivação para estudar e um dia voltar e fazer uma diferença, um pensamento idealista, mas as palavras do Che Guevara de “ser realista, e sonhar o impossível” tem feito eco no meu coração e na minha cabeça. Por muito tempo fiquei pensando na situação meu país, pois parecia só piorar, lamentavelmente eu sabia que fazer mudanças em um país ainda assolado por ideias nacionalistas de cunho europeias, não seria uma tarefa fácil.

Nos Estados Unidos, cursei uma graduação em História, mas eu não conseguia fazer campo no meu país especialmente pelos limites de tempo, distância e recursos econômicos. Tive que me readaptar a fazer trabalhos com o que estava disponível no meu entorno, e embora eu estivesse aprendendo muito, aquele peso de meu dever com meu país, mas, sobretudo com as pessoas que não tem tido as oportunidades que eu tinha, tornava-se ainda mais pesado. Quando a oportunidade se apresentou para eu vir a estudar no Brasil, eu me disse que finalmente teria a oportunidade de fazer um campo lá, em Honduras, era agora ou nunca. Quando cheguei aqui eu ainda continuava com as limitações de tempo, distância e claro, recursos econômicos.

Achei que a área da antropologia abriria portas para dar visibilidades a distintos grupos, ainda com o debate na minha cabeça de que a mesma antropologia surgiu do colonialismo, mas apesar disso, diferentes escolas têm mudado e novas perspectivas tem surgido preservando os ideais de compreender o Outro. Tenho aprendido que não se trata de dar visibilidade aos grupos como vítimas, se não como atores do seu próprio caminho e novas lideranças, e como, por exemplo, os Garífunas que tem tornado discursos como ferramentas para sua luta sociopolítica.

Numa conversa com meu orientador, falei dos Garífunas pela sua riqueza cultural, suas atividades sociopolíticas pelas reivindicações do seu território ancestral e a construção da sua identidade. Eu fiquei interessada neste grupo rico e único do qual venho ouvindo coisas desde que eu era criança. Minha vontade de fazer pesquisa *lá* era ainda mais forte e com isso começou o desafio de fazer pesquisa *lá* mesmo estando *aqui*. Desta forma eu tive que revisitar a perspectiva de fazer do Caribe hondurenho meu campo, quando, na verdade, estava aqui, no Espírito Santo.

Esta posição social no campo de estudos (Bourdieu, 1989) fez com que eu adotasse outra postura com a ideia do campo como um espaço delimitado, povoado de pessoas e histórias. Minhas leituras sobre George E. Marcus (2001), sobre a metodologia multi-local e novas formas de fazer antropologia, abriram um espaço de interlocução sobre como definir e fazer trabalho de campo em situações em que “estar lá” não necessariamente envolve uma presença do pesquisador, nem mesmo dos sujeitos que eles estão pesquisando. Em seguida farei uma apresentação sobre um objeto de interesse que se constituiu em tema político dos Garífuna e cuja repercussão mundial os colocou em relevância nas agendas globais. Meu intencão é sobretudo descrever como alguns temas ganharam relevância enquanto outros permaneceram menos evidenciados, especialmente se considerarmos a agência das representações políticas dos Garífuna e seu investimento nessas pautas.

### **1.3.1 VISITANDO HONDURAS**

No começo do fevereiro do ano 2015 voltei para Honduras com a intenção de visitar por um período a comunidade Garífuna de Sambo Creek (sede da OFRANEH) para entrar em contato com a organização, nesta viagem ao fazer trabalho de campo apresentaram-se várias dificuldades. Havia feito várias tentativas de contato via E-mail com as lideranças Garífuna com um sucesso relativo. Eu era mais uma pesquisadora e eles não deviam ter muito tempo para mim. Ademais, a tensão política e a violência que se vive no país levou, como boa parte do Caribe hondurenho, a uma experiência de opressões e ações agenciando a desterritorialização de comunidades Garífunas nas suas terras ancestrais. O objetivo deste item é contextualizar minha visita ao Centro de Cultura Garinagu no centro da capital de Honduras, Tegucigalpa e minha visita à comunidade de Sambo Creek, na cidade de La Ceiba, no departamento de Atlântida, com o objetivo de descrever como o encontro com formas de representação das identidades Garífuna distinta leva a agenciamentos distintos, haja visto a heterogeneidade posta no campo.

Posso dividir minha visita ao campo e recente contato com os Garífunas, em duas ocasiões: 1) minha visita ao Centro de Cultura Garinagu na cidade de Tegucigalpa e 2) minha visita à comunidade de Sambo Creek, La Ceiba, em Atlântida, sede da OFRANEH. Por tanto, os próximos parágrafos tratam-se da minha descrição sobre a ida ao campo

#### **1.3.1.1 CONTEXTO SOCIAL ANTES DA VISITA**

Na segunda semana do ano 2015, a OFRANEH reportou que “um grupo de homens armados chegando à comunidade de Nueva Armênia no departamento de Atlântida intimidando, disparando e queimando as casas do pessoal Garífuna que desde há dois anos se assentaram para recuperar as terras ancestrais que tinham sido apropriadas pela Standard Fruit Company nos anos 20 do século passado” (OFRANEH, 11 de janeiro de 2015, tradução livre).



De acordo com a organização esta era a terceira vez que os seus companheiros Garífunas eram assediados por homens armados. Uma semana depois, a OFRANEH reporta um suposto grupo de camponeses fazendo ameaças de morte aos diretos da OFRANEH que nesse momento encontravam-se com as forças militares. A violência exercida contra as organizações indígenas e afrodescendentes tem sido incrementada nos últimos anos tanto pela presença policial, pelo narcotráfico e membros do pessoal do crime organizado que tenta se apoderar dos territórios de diferentes comunidades.

As comunidades Garífuna tem experimentado um aumento na violência na área e sua luta se intensificou desde a aprovação das ZEDES (*Zonas de Empleo y Desarrollo Económico*). Tal projeto foi aprovado durante o governo de Porfirio Lobo Sosa (2010-2014), o presidente eleito nas eleições depois do Golpe do Estado em junho do 2009. Em 17 de julho do 2014, um grupo de homens sequestraram Miriam Merced Miranda Chamarro (Presidenta da Organização Fraternal Negra Hondurenha, OFRANEH).

A OFRANEH não tem se limitado a exigir ao estado de Honduras o reconhecimento do seu território ancestral mas faz petição para que haja respeito aos já títulos emitidos, bem como exige esforços públicos contra o narcotráfico e o crime organizado que também assediam o território Garífuna. Porém trato aqui de ressaltar que os Garífunas encontram-se lutando contra duas forças: 1) estatal-jurídica- definindo esta como aprovação de leis em prol do desenvolvimento turístico que afetam as comunidades Garífunas no seu território ancestral e leis que afetam a posse de terra. 2) a violência que assedia os países da América Central, em especial Honduras, que funciona como uma ponte estratégica nas Américas para contrabandear drogas entre os países.

Como se percebe, o “campo” esteve marcado por conjunturas locais tais como os projetos de assentamentos rurais, mas também os contextos internacionais como o narcotráfico e os projetos da planta turística do país. Como pretende demonstrar, isso impacta diretamente na reconfiguração da imagem um tanto romântica do que é o campo etnográfico, trazendo implicações diretas na organização e apresentação dos dados da pesquisa

### 1.3.1.2 VISITA AO CENTRO DE CULTURA GARINAGU

No início da minha chegada a Honduras, pensei que a OFRANEH se encontrava na cidade de Tegucigalpa, mas este ato falho me conduziu ao Centro de Cultura Garinagu (CENCULGARH), uma instituição que se encontra situada no centro da capital. O CENCULGARH faz parte da Secretaria de Cultura, Artes e Deportes.<sup>5</sup> O objetivo dela de acordo ao Sistema de Informação Cultural (SIC) de Honduras é compartilhar os valores culturais garinagu com três objetivos específicos, o primeiro consiste em: cuidar da construção e reconstrução dos seus valores culturais. Segundo: ajudar a consolidar a identidade garinagu e terceiro: compreender o contexto cultural em que o povo Garífuna opera.



*Figure 3* Logotipo CENCULGARH Fonte: <http://sichonduras.hn/detalle.php?ID=135> Acesso: 10/12/2015

---

<sup>5</sup> Com 42 anos de existência, o Centro de Cultura Garínagu de Honduras, é reconhecido oficialmente mediante Decreto legislativo #18-2001, pela Lei Orgânica do ano 2002, entrando em função administrativa 1 de janeiro do ano 2003.

Visitei o centro em 20 de janeiro do ano 2015. O Centro não é muito grande, contém uma pequena biblioteca e uma pintura grande na parede, que se usa para explicar a história Garífuna. No centro me recebeu Lyda a encarregada de dar informações aos interessados em aprender sobre os Garífunas. A exposição da histórica começa com um mapa da África seguido por um mapa do caribe, ressaltando aqui que as palavras que usou Lyda foram **“todos somos filhos da matriz africana, então todos temos sangue preto e África é a nossa mãe”**. Falei um pouco com Lyda, me apresentei e perguntei sobre a vida dela e de onde ela era, pois, muitos Garífunas migraram da zona norte para a capital procurando emprego ou estudos. Nossa entrevista foi bastante informal, achei que era melhor primeiro ir a conhecer o centro e estabelecer uma relação com eles.

Depois de Lyda me falar a história do seu povo garinagu, a qual devo ressaltar é a história similar à história articulada pela OFRANEH, comentei meu projeto de pesquisa. Após entrar numa conversa sobre como era o Brasil, Lyda me comentou um pouco dos problemas territoriais que estavam vivenciando sua família, em especial seu irmão.

O caso do irmão de Lyda é só um dos muitos da região. O irmão dela, Rosario, alugou sua casa a um estrangeiro e agora o estrangeiro quer ficar com a propriedade e além disso ele fechou através de uma cerca, fechando a entrada ao cemitério ancestral. As comunidades Garífunas estão construídas de forma em que as casas compartilham espaços com outras casas, a propriedade é tanto particular como comunal. O cemitério é um espaço sagrado, pois, os Garífunas mantêm uma relação com os mortos.

Fiquei surpresa com uma pergunta de Lyda: **“você conhece alguma organização que possa me ajudar?”**. Falei um pouco sobre a OFRANEH com Lyda, e perguntei se ela não tinha ouvido deles antes, ela respondeu que **“não”**. Continuo perguntando quem eram eles, e se eles podiam ajudar com o caso do irmão. Aqui surgiu uma questão pois tais casos são tratados como um problema particular, mas que no final, afeta a comunidade inteira.

Meu tour na instituição acabou e Lyda explicou que é durante o mês de janeiro que eles se reorganizam com as atividades e apresentações culturais devido às diferentes campanhas de difusão cultural. Aqui aprendi algo valioso, o Centro Cultural não tem nenhum relacionamento com a OFRANEH, segundo minha conversa com Lyda, mas, pelas características, mantém alguma relação com a ODECO, que opera de forma similar ao centro.

Ressalto aqui que a importância de mencionar o contexto atual dos Garífunas trata de compreender como isso afeta também sua representação pública sobre o que a luta, não só com uma frente, mas com duas ou mais, pois o pilar no seu discurso articula-se tanto em relação à “cultura Garífuna” vista como algo exibível, mas desconectado das lutas pelos territórios e uma segunda perspectiva que conecta a própria construção identitária como parte dos reclames por direitos. A presente dissertação pretende descrever como o povo Garífuna da América Central articula seu discurso de identidade que este correlacionado com sua luta pelo seu território ancestral; é desta forma que observamos as diferentes afetações e transformações em suas identificações.

#### **1.3.2.3. VISITA A SAMBO CREEK—LAR DA OFRANEH**

Durante a segunda semana de fevereiro viajei para Sambo Creek, sede da OFRANEH, desde Tegucigalpa, capital da Honduras. Parti às 6:00 da manhã e finalmente depois de quase 8 horas de viagem cheguei ao departamento de Atlântida, me hospedei numa casa na rua que leva a La Ceiba (a capital do departamento) que fica a 35 ou 50 minutos. Na manhã seguinte saí de onde estava me hospedando às 4 da manhã para pegar o primeiro ônibus para La Ceiba e logo mais um ônibus para Sambo Creek.

Já estando em La Ceiba na minha espera no ponto de ônibus observei um ônibus chegando lotado, do qual desceram em torno de 30 homens negros e umas 10 mulheres negras, pela rota do ônibus de La Ceiba- Cristales- Sambo Creek. Leva-se em sua média uns 45 minutos para chegar a Sambo Creek, uma das nossas paradas antes

de descer fui na comunidade de Cristales, mais uma comunidade Garífuna que fica a 5 ou 7 minutos de carro de Sambo Creek.



*Fotografia 1* Entrada à comunidade de Sambo Creek. Foto por Ixchel Luna Lara

Minha intenção com os seguintes mapas é situar minha viagem para o campo, e contextualizar onde fica a OFRANEH.



*Mapa 1*-Mapa de Honduras de Tegucigalpa (a capital do país) à comunidade de Sambo Creek, Atlântida. Fonte: Mapa do Google Maps





*Mapa 2*-Honduras com o departamento de Atlântida ressaltado em vermelho. Fonte: Mapa do Google Maps



*Mapa 3*-Comunidade de Sambo Creek a 15 quilômetros da cidade de La Ceiba (a capital do departamento de Atlântida). Fonte: Mapa do Google Maps

Eram 7 da manhã e as crianças estavam indo para a escola, vi subir e descer várias do ônibus em distintos pontos da carreteira até finalmente chegar a Sambo Creek. O Ônibus nos deixou no centro da pequena comunidade, na verdade estava perdida e nervosa, era como se estivesse noutro país, e tinha um pouco de medo da reação deles. Caminhamos um pouco até que um morador com seu filho, uma criança de uns 6 anos de idade nos encontrou e perguntou o que fazíamos. Ele pediu que déssemos uns minutos para ele ir deixar o filho na escola e voltaria para nos ajudava. Fiquei mais relaxada ante a amabilidade deste homem.

Minutos depois ele voltou e foi quando conheci Alfredo, um homem de uns 35 anos, altura média, sorriso grande, e muito amigável naqueles momentos sua personalidade me deu conforto, pois tinha achado alguém para conversar. Expliquei para Alfredo que viajei para Sambo Creek porque queria fazer contato com a OFRANEH (eu pronunciei O-FRÁ-NEH aprendi com Alfredo que se pronuncia O-FRA-NÉH). No que andávamos para a rua da OFRANEH, Alfredo me falou um pouco da sua vida, como tem se tornado difícil a vida em geral, tinha se mudado de Roatán para Sambo Creek, onde trabalha construindo botes e que ele era um dos melhores. Alfredo mencionou que previamente tinha trabalhado na área de Turismo, fazendo tours em barco para turistas e trabalhando nos hotéis, no entanto ele ficou decepcionado com essa indústria e decidiu sair, não deu mais detalhes. Prosseguiu a dizer que a vida na comunidade de Sambo Creek era tranquila e melhor.

A conversa acabou com Alfredo, falamos até logo e nos deixou frente da casa da OFRANEH- uma casa grande, branca, fortificada e com muros aos lados. Era cedo, quase as 8 horas da manhã, batemos a porta e esperamos, não tivemos resposta imediata, batemos a porta mais uma vez. E saiu um homem branco, de idade avançada com sotaque, num princípio, na verdade, achei que era estrangeiro. Seu recebimento foi um tanto inesperado, não me senti bem-vinda, pois em palavras dele eu era mais uma antropóloga que agora sim tinha interesse nas lutas Garífunas.

Na verdade, senti-me sem palavras depois daquela frase, e todo a história do link da colonização com o saber antropológico baixou a minha cabeça, sem embargo, entendi o comentário, e prossegui a perguntar se poderia falar com ele, com Miriam Miranda ou mais alguém da organização. Ele falou que não tinha ninguém, mas que poderia esperar dentro para ver se alguém dos voluntários ou da banca chegava para falar comigo, e que a época que eu tinha chegado não era a melhor época para estar visitando eles, de vido aos eventos violentos perpetrados por terceiros nas comunidades narrado anteriormente.

A organização fica numa casa grande, espaçosa, fiquei no primeiro andar e esperei fora no pátio, o que seria a “sala da casa” era um escritório, com mesas, computadores e documentos. Tudo bastante simples, mas organizado. O pátio era imenso, com palmas de coco ao redor e grama verde muito bem cuidada. Aquela casa me lembra duma fortificação ampla, pilares imensos, muito estáveis. O que pode observar do primeiro andar, era uma sala de trabalho com uns três computadores, livros e arquivos.



*Fotografia 1*-Casa da OFRANEH em Sambo Creek, Atlántida, Honduras. Foto por: Ixchel Luna Lara



Meia hora mais tarde chegou um homem membro da comissão organizadora, falou bom dia, mas não revelou seu nome, mas eu me apresentei, e aqui chamo ele de “Mario”. Falei que era mestrande, tinha interesse no trabalho da organização e que queria saber mais deles, tal vez ter uma conversa tranquila. “Mario” respondeu que Miranda, estava em outra cidade, preparando-se para um evento em prol dos Garífunas. Descobri depois que ela estava em Colón e que depois viajaria a Tegucigalpa para uma entrevista ao vivo na TV. Perguntei para “Mario” então se podia falar com ele e se ele me dava algum tipo de *insight* de como funcionava a organização, as maiores preocupações do povo Garífuna e os próximos eventos. “Mario” repetiu mais de uma vez que não era possível, eles não tinham “permissão” de falar sem a presença da banca diretiva da OFRANEH. Achei o uso dessa palavra interessante “permissão”. Não vou mentir, saí daquela casa um pouco decepcionada, senti que tinha falhado como pesquisadora.

Andei pela comunidade, e acabei num posto de comida, comendo *baleadas* e falando com “Marta”, uma senhora muito amável que nos falou da vida dela, eu me apresentei e ela ficou maravilhada com que eu estudasse no Brasil, e perguntou se eu pudesse falar um pouco de português e se era muito diferente do espanhol, agradecida pelo recebimento da senhora, eu tentei explicar um pouco as diferenças para com o espanhol, a comida, o que eu percebia da cultura, e àquela hora com Marta tornou-se numa troca cultural e de percepções. Depois de conversar um pouco perguntei se era possível fazer uma entrevista formal, ela falou que não que não tinha nada para falar e que estava muito ocupada fazendo as *baleadas*.<sup>6</sup>

Continuamos conversando, ela, um amigo e eu, sobre a comunidade, perguntei sobre o trabalho da OFRANEH e ela respondeu que **“eles só tinham interesse quando se tratava de lutar pelas terras”**. De longe passou outra mulher Garífuna, eles falaram na sua língua e voltaram para o espanhol em um vai vem de línguas. Entendi que ela perguntou se tinha alguém na OFRANEH para me atender, a senhora respondeu que poderia ligar para o irmão. Fiquei esperando, a senhora voltou e falou que tinha falado

---

<sup>6</sup> Uma tortilha de farinha de trigo com feijão, ovo, e queijo entre outros recheios.

com o irmão e não tinha ninguém na organização para falar comigo. Continuei batendo papo com Marta, ao posto chegaram duas crianças uma menina de uns 8 anos e um menino de uns 3, os dois falaram garífuna com ela, mas compreendi pelo contexto que procuravam *baleadas* e que eram família de Marta. Fiquei interessada em como as crianças aprendia garífuna, Marta explicou-me que era parte da família ensinar eles, mas que quando as crianças chegavam à escola eram sobretudo forçados a falar espanhol, no entanto há pouco tempo uma igreja tinha começado um programa bilíngue que ensinava espanhol-garífuna. Marta ressaltou a importância das crianças aprenderem a língua e falou com nostalgia das mudanças que a comunidade tinha experimentado nos últimos anos. Acabamos nossas *baleadas* e nossa conversa com Marta que me abriu uma janelinha a conhecer parte deles e da vida dela. Prometi voltar ao posto dela a comer mais *baleadas*.

Ficamos na comunidade mais um pouco conversamos com algumas pessoas ao redor, intentei várias vezes falar sobre a OFRANEH nem os problemas que enfrentava a comunidades, percebi que todos evitavam falar sobre essa parte. Parti para La Ceiba de novo, pois o lugar onde estava passando as noites ficava longe e estava sem energia, e ali peguei o último ônibus para a carreteira. Este foi meu quarto e último contato com os Garífunas.

Ressalto desta experiência que semanas previas a minha visita, o clima sociopolítico e violento tenso que viveram as comunidades tal vez afetou seu recebimento para uma pessoa estranha. Acho totalmente compreensível, eles não podiam receber a qualquer pessoa e dar informação e minha visita não durou tanto tempo, pois entendo através das nossas leituras dos clássicos antropológicos a importância de ficar no campo para estabelecer uma conexão com os moradores da comunidade. No entanto, destaco aqui três coisas importantes: 1) consegui com esta visita ao campo visualizar e contextualizar a OFRANEH 2) ainda que na época não tinha analisado com profundidade minhas conversas com Alfredo e Marta, posso ver agora como as conversas com eles me ajudaram a situar as leituras de Ruy Coelho, Nancie Gonzáles e Douglas Taylor. 3) O clima sócio-político tenso que a comunidade e especialmente a OFRANEH que

experimentam repressão e ameaças transformaram o ambiente cheio de ceticismo a quem eu era, pois não era a primeira vez que alguém visitava a comunidade com o propósito de extrair informação em benefício de alguma companhia de azeite de palma, alguma bananeira ou inclusive para o governo.

#### 1.4 DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO

O propósito desta seção é descrever meu objeto de estudo de pesquisa. Descrevo inicialmente o panorama organizacional do ponto de vista étnico para depois me concentrar em duas organizações que se definem representativas dos direitos dos afrodescendentes em Honduras. Isto porque cada uma delas constrói de maneira diferente sua representação pública e mobiliza fronteiras étnicas entre si. Desta maneira, o objetivo de estudo se constitui nas diferentes formas de construção identitárias no interior dos debates institucionais destas organizações. Isto porque tais construções são processos em curso, abertos e em ampla disputa entre os agentes sociais, mas se cristalizam em instituições, palavras de ordem, cargos políticos, falas, mobilizações, seminários, congressos e grupos de trabalho.

Este objeto de estudo se desdobra em quatro perspectivas:

1. Em primeiro lugar situar a constituição do Caribe Negro, a partir de dois projetos o primeiro, construído a partir do projeto colonial que incluía—expansão territorial, escravidão, extrativismo de recursos e assimilação. E o segundo, liderado por as três companhias bananeiras transnacionais americanas do século XIX— The United Fruit Company, Cuyamel Fruit Company e The Standard Fruit Company, que contribuíram *ao segundo projeto “migratório” africano* que desenvolveu a construção de uma pirâmide estratificadora etnorracial na região.
2. Em segundo lugar, como os sujeitos da pesquisa se referem a este caribe Negro na produção de suas identificações. Esta complexa história da construção do Caribe esta tecida junto com as articulações próprias garinagu, indicam a formação de um povo único produto da mestiçagem entre os indígenas aruaques e negros. Vemos que a história está construída a partir de elementos coloniais,

mas a partir da memória garinagu se reconstrói uma autorreconhecimento fundamental para compreender a luta identitária do povo Garífuna.

3. Em terceiro lugar, descrevem-se como tais discursos se materializam na vida social e, porém, temos que compreender o contexto que leva a povo Garífuna se inserir na categoria de indígena ou afro-indígena com um confronto por parte de um setor da população garinagu que se insere na categoria de afrodescendente.<sup>7</sup>
4. Por último, como eles estabelece territorialidade transnacional a partir dos fluxos no território tradicional e no espaço virtual. Isto porque parte do processo de representação política, agenciamento e mobilização dos Garífuna se dão nas redes sociais.

Existem em Honduras 12 organizações que defendem os direitos indígenas e afrodescendentes na Honduras que visam reafirmar seus direitos e fortalecer a inclusão social na sociedade hondurenha. Estas são: *Organización Nacional Indígena Lenca de Honduras* (ONILH), *El Consejo Cívico de Organizaciones Populares e Indígenas* (COPIN), *Federación De Tribus Xicaques De Yoro* (FETRIXY), *Federación Indígena Tawahka De Honduras* (FITH), *Consejo Nacional Indígena Maya Chorti* (CONIMCH), *Mosquitia Asla Takanka* (MASTA), *Federación de Tribus Indígenas PECH de Honduras* (FETRIPH), *Asociación de Trabajadores y Profesionales Nativos de Islas de la Bahía* (NABIPLA) *Confederación de Pueblos Autóctonos de Honduras* (CONPAH), *Organización Fraternal Negra Hondureña* (OFRANEH) e a *Organización de Desarrollo Étnico Comunitaria* (ODECO) (CÓRDOBA, BARAHONA, EUCEDA, 2003).

Entre eles ressaltam a *Organización Fraternal Negra Hondureña* (OFRANEH) e a *Organización de Desarrollo Étnico Comunitaria* (ODECO). As duas organizações têm em suas formas organizativas e reivindicativas um discurso de luta pela inclusão dos direitos aos indígenas e afrodescendentes, e são importantes para compreender o processo de retroalimentação e reafirmação dos direitos afrodescendentes desde a

---

<sup>7</sup> Este termo é usado por várias organizações, como sinônimo de afrodescendente. Os autores Carlos Agudelo e Rebecca Lemos Igreja (2014) enfatizam que existem vários conceitos para a categorização e auto representação dos descendentes africanos produto do projeto transatlântico de escravidão. Contudo, aproveitaremos num capítulo desta dissertação para discutir o termo no caso da Honduras e sobretudo o caso dos Garífunas.

“virada multiculturalista” que conduziu a transformação do Estado homogêneo ao Estado pluricultural hondurenho em princípios dos anos 90, como veremos. Em geral, ambas organizações têm em comum o fato de denunciar a discriminação racial que sofrem os grupos de cultura diferenciada que tem sido e continuam sendo invisibilizados pela história “oficial” do estado hondurenho. No entanto, as duas organizações têm aproximações diferentes para reafirmar as demandas feitas ante as organizações internacionais.



*Fotografia 3*-Convocação ao Primeiro Congresso do Negro Hondurenho. Fonte: Arquivos da OFRANEH in CUISSET, 2014, p.95.

A *Organização Fraternal Negra Hondurenha* (OFRANEH) é o resultado de várias lutas sindicalistas produto da presença de empresas transnacionais dedicadas ao cultivo da banana em larga escala no país desde princípios do século XX na zona norte do país. A OFRANEH se formou finais da década dos 70, primeiro sob o nome *Sociedad Garífuna Hondureña* (SOGAÑAH), mas no ano de 1978 mudou seu nome a *Organização Fraternal Negra Honduras* (OFRANEH) após o nome de SOGAÑAH ser considerado excludente para com os demais grupos negros presentes na região. A OFRANEH considera-se a primeira *organização de base* dedicada, na atualidade, à defesa do território ancestral. Segundo Cuisset (1994) “[...] a organização é considerada a ‘*organización madre*’ ou ‘*matriz*’ dos movimentos no nível nacional” (1994, p. 1992).

Por outro lado, a outra organização analisada nesta dissertação formou-se pouco mais de uma década depois da criação da OFRANEH e já tem ganhado uma notoriedade nacional e internacional. A *Organización de Desarrollo Étnico Comunitário* (ODECO) se formou em 1992 como uma organização não governamental por Céleo Álvarez na cidade de La Ceiba, Honduras, com o objetivo de lutar pelo desenvolvimento das comunidades afrohondurenhos (CUISSET, 2014, p.102).

Segundo, a OFRANEH, surge no caribe hondurenho a partir do “[...] sindicalismo bananeiro e da discriminação racial” na zona, fluxos migratórios dentro e para fora do país, além da chegada de “[...] profissionais que contribuem ampliação dos esforços organizativos” (EURAQUE, 2001 in CUISSET, 2014, p. 92). Veremos em seguida que houve uma cisão entre grupos dentro desta organização que tiveram como ponto de desacordo as concepções identitárias. Duas características se destacam aqui. Em primeiro lugar as identificações se cindiram entre os Garífunas e os Negros Creoles e em segundo originaram duas vertentes organizativas: A OFRANEH e a ODECO.

Uma das principais características desta cisão se deve à construção da identificação negra. Enquanto a perspectiva da OFRANEH se manteve relacionada aos direitos étnicos dos Garífunas, desenvolvendo suas reivindicações à margem do Estado com

questões de classe social e laboral, a ODECO construiu uma participação pública relacionada à construção de uma forma de negritude com ressaltos na herança africana.

#### 1.4.1 CONSTRUINDO DIFERENÇAS

Vimos que as duas organizações têm um público bastante semelhante constituído da população negra que atuou nos complexos industriais da Zona Bananeira. Discuto em seguida os elementos ou categorias empregadas por estas organizações para sublinharem suas diferenças que podemos também identificar como uma forma de recrutamento de seus filiados. Estas são características sublinhadas na bibliografia.

Por exemplo, Cuisset (2014) e Anderson (2007) sublinham que se criaram divergências entre os modos de fortalecer, reafirmar e criar uma retroalimentação entre os grupos de cultura diferenciada (como eles propõe se chamar), o estado e organismos internacionais. Aparecem duas vertentes uma constituída por uma linha radical e outra por uma linha “pro-governamental” que ativa uma discussão sobre representação e legitimidade dentro do grupo a partir de uma série de acontecimentos ligados à representação da *Confederación de Pueblos Autóctonos de Honduras* (CONPAH) e a luta frente ao governo hondurenho (CUISSET, 2014, p. 102).

O termo “afrodescendente” utilizado pela ODECO, alude às pessoas de ascendência africana que decidem se identificar como tais. A ODECO destaca no seu *Informe Alternativo* apresentado a o *Comité para la Eliminación de la Discriminación Racial* (CERD) da Organização das Nações Unidas (ONU) que existe uma diferença entre os conceitos de “negro” ou “mulato” que foram por anos usadas pelas classes elitistas como termos pejorativos baseados em características fenotípicas. O termo “afrodescendente” foi adotado por eles porque “alude a um vínculo histórico, cultural e geográfico”. O seja refere-se, a um grupo humano que “compartilha uma cultura, uma história e cujos membros estão unidos na consciência duma identidade” (ODECO, 2013, p. 7).

Por outro lado, a OFRANEH continua um discurso de inclusão dos Garífunas como povo indígena, tal discurso é refletido na sua participação com organizações indígenas como a *Confederación de Pueblos Autóctonos de Honduras* (CONPAH) e O *Consejo Cívico de Organizaciones Populares e Indígenas de Honduras* (COPINH) na Honduras. A preservação da sua cultura com características ameríndias que formam parte até hoje da sua religião e cultura.

Podemos observar a partir dos autores Agudelo (2014) e Igreja (2014) que, o clímax desta divergência aconteceu no ano 2011, quando Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) anunciou esse ano como o “Ano Internacional dos Afrodescendentes”. No percurso deste ano surgiram diferentes foros temáticos, seminários nacionais e internacionais. Entre eles, alcançaram visibilidade dois foros: o primeiro a “*Cumbre Mundial de Afrodescendientes, Desarrollo Integral, Sostenible con Identidad*” realizado em La Ceiba, Honduras, nos dias 18 a 21 de Agosto e o “*Foro sobre Acaparamiento de Territorio en África y América Latina*” realizado de forma paralela também na cidade de La Ceiba, Honduras nos dias 18-19 de Agosto. (2014, p. 22). O primeiro foi organizado pela ODECO e o segundo foi organizado e anunciado numa conferência de prensa pela OFRANEH baixo o argumento que o foro da *Cumbre Mundial de afrodescendientes* não era representativo dos povos negros “por excluir os representantes das comunidades Garífunas” (RED MORAZÁNICA DE INFORMACIÓN, 10 de agosto de 2011). Aprofundaremos sobre este assunto mais adiante num capítulo desta dissertação, mas o que ressalto aqui é que ambos foros tiveram uma visibilidade nacional e internacional, e colocamos isto como exemplo das duas vertentes dessas linhas que menciona Olivier Cuisset (2014).

Interessam-nos posicionar as duas direções destas organizações para compreender e aprofundar na retroalimentação e diálogo entre as organizações representante dos afrodescendentes com as diferentes agências estatais e internacionais. Tais discussões podem se observar por meio da sua presença virtual em diferentes plataformas do ciberespaço. Os Garífuna mantêm, por meio de uma de suas organizações, websites, blogs, páginas no Facebook e no Twitter uma rede de comunicações que permite a



difusão da sua luta e onde se mantém diálogos com Garífunas dentro e fora do país. Descrevemos no seguinte item sua organização *online*.

#### **1.4.2 OS GARÍFUNAS NAS REDES VIRTUAIS**

Como mencionamos antes, os Garífunas mantêm por meio das diferentes redes sociais comunicação com membros que se identificam como Garífunas. Tais canais de comunicação são bastante acessados e contém informações sobre eventos culturais, mas, também a agenda política e os eventos significativos que violam, segundo os articuladores culturais Garífuna, seus direitos culturais.

Tais canais são também, especialmente no Facebook, formas de se auto se apresentarem publicamente e de manterem diálogos específicos sobre temas como relações étnico-raciais, legislações, apoio a movimentos sociais e políticos na América Latina. Porém podemos observar que os Garífunas matem uma comunicação em rede que tenta estabelecer uma linha de comunicação e cooperação com os outros grupos Garífunas em outras nações por meio das medias sociais. Encontramos vários grupos de apoio às lutas Garífunas em Facebook, diferentes páginas de Twitter, Blogs e Youtube. O través das leituras e visitas aos diferentes espaços virtuais, temos descoberto uma interação entre a OFRANEH e a ODECO com outras organizações que manifestam seu apoio em prol das lutas territoriais e culturais garinagu que, porém, manifestam o uso do espaço virtual como para formação de ações coletivas superando, desta forma espaço e tempo.

Assim, não se trata de compreender os Garífuna apenas com a imagem comum de camponeses lutando por suas terras, mas também, de considerar outras disputas territoriais, mas virtuais, mas nem por isso, significativas da luta política por direitos.

Foram estes canais que me permitiram vislumbrar o objeto de pesquisa da maneira particular com que elas são apresentadas: 1) uma rede de Garífunas interconectados em diferentes países e que desenvolvem um interesse específico sobre seus direitos

territoriais e culturais e 2) O desenvolvimento de uma identificação coletiva em torno dos territórios que passa pela criação de um consenso – vivido localmente e sentido virtualmente a partir do ciberespaço – sobre: a) o que é ser Garífuna; b) onde são as terras ancestrais e c) qual é a história Garífuna.

## **1.5 OBJETIVO GERAL**

Esta dissertação tem como objetivo geral descrever os ambientes de mobilização etno-político para compreender os modos de construção de categorias identitárias por parte dos Garífunas.

## **1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Descrever os usos e apropriação histórica das organizações políticas Garífuna para compreender o tecido de suas mobilizações políticas;
- Mapear as trajetórias da inserção dos Garífuna na história hondurenha para identificar as modalidades de agenciamento coletivo diante dos projetos econômicos do país.
- Descrever os usos multiétnicos que o povo Garífuna faz de suas identificações indígenas, afrodescendente e afro-indígena para descrever as formas de agência de tais identificações;
- Descrever a formação do Estado de Honduras como reflexo do sistema colonial para identificar o “lugar” socialmente definido aos Garífuna;
- Descrever os fluxos e redes nos quais estão inseridos os Garífunas para compreender sua estratégia política de inserção e agenciamento étnico;
- Descrever os conteúdos dos discursos produzidos em rede entre os diferentes agrupamentos Garífuna para traçar um perfil de tais coletivos.

## 1.7 O PROBLEMA DA PESQUISA

Dentre as possibilidades de abordagem, busca-se nesta proposta de pesquisa descrever as apropriações, reelaborações e possibilidade de agenciamentos a partir do ambiente virtual para abarcar dois fenômenos relacionados, mas pouco discutidos: a presença de fóruns virtuais de mobilização política e a construção de redes internacionais de agentes Garífunas. Tal abordagem busca não incorrer na essencialização das identidades sociais, mas percebê-las como parte de um processo mais amplo, inconcluso e polissêmico, cuja materialização ocorre em diferentes “lugares” tais como as comunidades virtuais e no espaço territorial hondurenho.

Meu interesse se centra aqui nos fluxos, a construção de categorias e os diálogos das identidades Garífuna, voltados a partir das organizações que lideram o que se centram neste movimento que são a OFRANEH e a ODECO e como estas são transportadas e renegociadas nas redes sociais onde encontramos blogs, páginas e grupos na rede do *Facebook*, *Youtube*, *Twitter* (de agora em diante: FYT [uma analogia linguística do “adequado”]), onde se criam e reforçam relações com conteúdo étnico de cooperação no ciberespaço.

## 1.8 DEFININDO A METODOLOGIA

O propósito deste item é descrever a metodologia no ciberespaço, conhecida como *etnografia virtual*, definida como uma prática de exploração das práticas mediadas pela interação virtual. Segundo Christine Hine (2000) a “etnografia virtual também consiste em um pesquisador usando um período de tempo estendido imerso num 'campo de ação', percebendo as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente e participam do processo“. Não tão longe da etnografia tradicionalista e sim uma etnografia adaptada ao ciberespaço.

Trata-se aqui de pensar que: a) foram um conjunto de situações históricas e conjunturais que propiciaram a identificação e o tratamento do “problema da pesquisa”,

aqui discutidos e b) o fenômeno é o resultado desta forma de reconhecimento e apreciação da realidade social (BOURDIEU, 1977). Neste sentido, a etnografia virtual, como veremos, é também o resultado da reflexão do pesquisador sobre os procedimentos de conhecimento e reconhecimento dos temas e abordagens etnográficas.

As dificuldades relacionadas à etnografia convencional (MALINOWSKI, 1976) aliadas ao próprio estranhamento da pesquisadora, uma hondurenha treinada em ver a nação como uma entidade homogênea, me conduziram a olhar os Garífuna de outra perspectiva. As notícias sobre a violação de seus direitos, sobre a patrimonialização de suas manifestações culturais e o cotidiano das disputas internas pelos significados étnicos de suas “origens” estão estampadas nos blogs, e sites **FYBT (Facebook, Youtube, Blogs e Twitter)** e compartilhadas por um grupo cuja base não é física, mas virtual. Tal configuração levou-me a pensar sobre esses territórios virtuais e seus efeitos sobre o que os Garífuna definem como “luta”, suas modulações, semelhanças e diferenças.

Vimos que não basta um site sobre os Garífunas. O *Centro Cultural Garífuna de Honduras* (CENCULGARH) tem seu site para divulgar a “cultura Garífuna”, mas seu ponto de vista parece considerar esta cultura como algo imóvel, “algo que está lá” para ser contemplado e que busca ter o efeito pedagógico de ensinar ao povo hondurenho e ao resto do mundo o que são os Garífuna e, no limite, para eles próprios terem uma imagem acabada de si mesmos e que sirva de “material didático” quando houver dúvidas sobre as identidades.

Nossa indagação é relativa às diferenças e semelhanças entre a sociabilidade, as agências políticas e as palavras de ordem vis-a-vis e aquelas outras relações presentes nas redes sociais. Em muitos casos, os ativistas políticos encontram-se em debates acalorados entre Miami, nos EUA, e Tegucigalpa, capital de Honduras, percorrendo sobre os problemas dos Garífuna que se encontram na Franja costeira deste país. Os

próprios líderes Garífuna procuram manter por meios virtuais um tempo e espaço onde caibam novos adeptos e novas agendas de debate.

A pesar de eu estar *aqui*, redefini minha presença *lá*, com o *aqui* do ciberespaço. Isto porque, os FYBT se mostrou uma forma de contra-hegemonia do que propõem o CENCULGARH, uma vez que os grupos são apresentados em situações de fluxos, desacordos, debates e reconstrução constantes sobre si próprios. Ou seja, a análise dos conteúdos como “discursos de si” (FOUCAULT, 1971) mostra-se como uma ferramenta importante para identificar tais discursos.

A imagem clássica do trabalho de campo etnográfico, narrada por um Malinowski abandonado em uma ilha deserta contrasta com esta visão contemporânea da rede social mundial, especialmente por dois motivos. O primeiro deles é que Malinowski achava que estava em um lugar isolado, mas por detrás dele estava o Império Colonial e, mais interessante, os Trobriandeses não estavam isolados, mas como mostrou sua própria etnografia, os ilhéus estavam conectados mundialmente, pelo menos ao que eles definiam como seu mundo. Os pilares desta dissertação estão formados ao redor da etnografia multi-situada, e dentro de esta definimos um dos nossos campos o ciberespaço.

Por tanto, três perguntas metodológicas são aqui importantes: a) a desconstrução do cânone histórico do que representa o trabalho etnográfico e seus efeitos na identificação de novas formas do fazer etnográfico e b) a virada semântica proposta pelos estudos de-coloniais, especialmente a crítica feita sobre as Ciências Humanas, que recolocam o problema da alteridade nos contextos coloniais e sua apreciação como objeto de estudo e C) a introdução de novas formas etnográficas a partir das Novas tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) em nosso caso a internet.

George E. Marcus (2001) argumenta desde suas bases até as mais novas perspectivas antropológicas. A etnografia multi-situada se incorpora ao novo sistema do mundo, fazendo um análise de aquilo que se encontra deslocado. Segundo o Marcus (2001)

esta nova modalidade de fazer etnografia pode “examinar a circulação de consumos, significados, objetos e identidades culturais num espaço-tempo difuso” (MARCUS, 2001, p.111) Desta forma a etnografia multi-situada pretende construir a partir de associações sugeridas na localidade (neste caso a internet) um campo etnograficamente construído que permita-nos começar a olhar um sistema de redes tecido por diferentes fios de processos culturais transnacionais. Marcus (1991) tenta analisar diferentes dilemas sobre a etnografia que tenta entender a modernidade e a globalidade, mudar desse foco uni-local para um foco global para compreender o novo olhar sobre fluxos. Esse foco global impõe, obriga e força uma reflexão para os antropólogos sobre a questão

George E. Marcus (1991) refere-se aqui a sua etnografia multi-situada onde nos propomos definir um desses campos no ciberespaço e levaremos a cabo nossas etnografias virtuais, e onde encontra-se nosso objeto de estudo a partir da formação de redes sociais, blogs, *websites* e páginas de vídeos e fotos. É claro que com o desenvolvimento das Novas tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) nas últimas décadas tem instaurado novas dinâmicas e desafiado o fazer etnográfico Malinowskiano.

A internet tem se tornado uma ferramenta importante no desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento, mas também tem se tornado um espaço amplo onde surgem novos fluxos e contrafluxos de ideias, coletividades, novas dimensões e fenômenos sociais. As técnicas convencionais como entrevistas, grupos de discussão, questionários e observação participante do campo antropológico tem se transportado para o ciberespaço, um campo onde surgem novos olhares e preocupações metodológicas sobretudo para repensar a nova etnografia do mundo conectado. Este novo campo consegue criar um espaço de apoio entre os sujeitos que contribui para se manterem conectados de forma transnacional, o que os ajuda a atingir suas lutas nacionais, participando nos fóruns, blogs e páginas nas redes sociais.

Os Garífunas desenvolveram uma narrativa sobre sua história que redobrou a carga semântica quando foi adicionada às redes sociais, levando ao debate sobre os sentidos de sua identificação social novos. Ou seja, a internet é meio, mas também dinamizador

de novas historicidades coletivas, transformando o sentido de unidade da História Nacional Hondurenha, e a própria Garífuna, em duas perspectivas compartilhadas e contestadas. Trata-se de considerar a internet como campo para situar as novas abordagens dos fenômenos sociais que envolvem os Garífuna no seu Tempo/Espaço de agenciamento político (BOURDIEU).

A etnografia virtual, situa-se em um novo sistema de mundo fazendo análise do deslocado, como nova forma de analisar a circulação de ideais, significados, identidades num campo que desafia o tempo e espaço dando visibilidade a um grupo que se “produz simultaneamente” em muitos locais. O ciberespaço permite-nos traçar uma rede de fluxos e contra fluxos, da partida de ideias de um blog ou uma rede social que se dissemina a outros sujeitos.

Neste caso o ciberespaço é um campo etnograficamente construído que permita-nos começar a olhar um sistema de redes tecido por diferentes fios de processos identitários transnacionais que nos impõe, obriga e força a fazer uma reflexão sobre como colocamos nosso objeto de estudo. As fronteiras virtuais transcendem espaços limitados e criam seu “próprio território virtual”. No entanto, isso não significa que não possam ter um impacto nas redes tangíveis presenciais.

George E. Marcus (1991) ao referir-se à etnografia multi-situada (no espaço “tradicional” como o chama Scherer-Warren (2007)) também comenta com a identidade de um grupo pode ser recriar e reproduzir de forma simultânea em diversos espaços. Esta nova demanda requer da flexibilidade do fazer etnográfico aplicado aos deslocamentos culturais (MARCUS, 1991, pg. 204). Logramos isto tanto ver o grupo Garífuna como transnacional e transcontinental, deslocando as diferentes disputas do global ao local, como no ciberespaço, é por tanto resolvendo a mistura destas duas metodologias em favor do nosso estúdio do grupo que se encontra multi-situado, mas que a pesar disso encontram-se numa rede no modelo transnacional e no modelo ciberespacial.

Tentei descrever neste item que o desenvolvimento de novas metodologias favorece a abertura dos estudos a novas ideias, investigações, fluxos, relações e objetos. Ambos

métodos estão abrindo novos horizontes e perspectivas na antropologia que fazem nos repensar em termos teóricos e metodológicos os conceitos de espaço e lugar e que além ajuda-nos a ter uma visão mais ampla às novas redes complexas no espaço virtual e tradicional.

## **2. NOSOTROS NACIMOS DE LA LUCHA**

Neste capítulo é meu objetivo estabelecer uma conexão entre a mobilização das categorias identitárias locais Garífunas e seu relacionamento com os processos translocais e interinstitucionais. Trata-se de descrever como os debates sobre o pertencimento social, tratado aqui como um processo de identificação social (BRUBACKER, 2004) são internalizados pelos agentes institucionais ou não como narrativas pessoais, histórias de vida e biografias políticas, mas, sobretudo, definem um campo de disputa que envolve direitos territoriais e étnicos, diante de projetos em curso sobre a formação da nação hondurenha. Como sugere o título, trata-se da descrição de um processo ainda inacabado que é também o resultado das leituras que os agentes políticos fazem do passado e os usos que fazem no presente.

A perspectiva sobre a nação, aqui abordada, considera-a uma poderosa produção de coletividades sob a ótica das relações de saber e poder. Soma-se a isto o fato de que, no processo de produção das coletividades, o fator das relações interétnicas joga um papel decisivo nas complexas formas de produção das identificações, sejam elas ligadas a categorias auto-atribuídas ou produzidas na interação com as agendas das agências de Estado (Idem, Idem).

Tanto os antropólogos, como historiadores têm usado as crônicas, relatos e descrições coloniais como ferramentas para a reconstrução do passado e assim compreender como tem se formado as culturas que estudamos. No entanto, encontramos vários entrelaces entre os relatos ativistas das organizações representantes Garífuna e os relatos acadêmicos, mas que também tem suas disparidades. Aqui se centra nosso



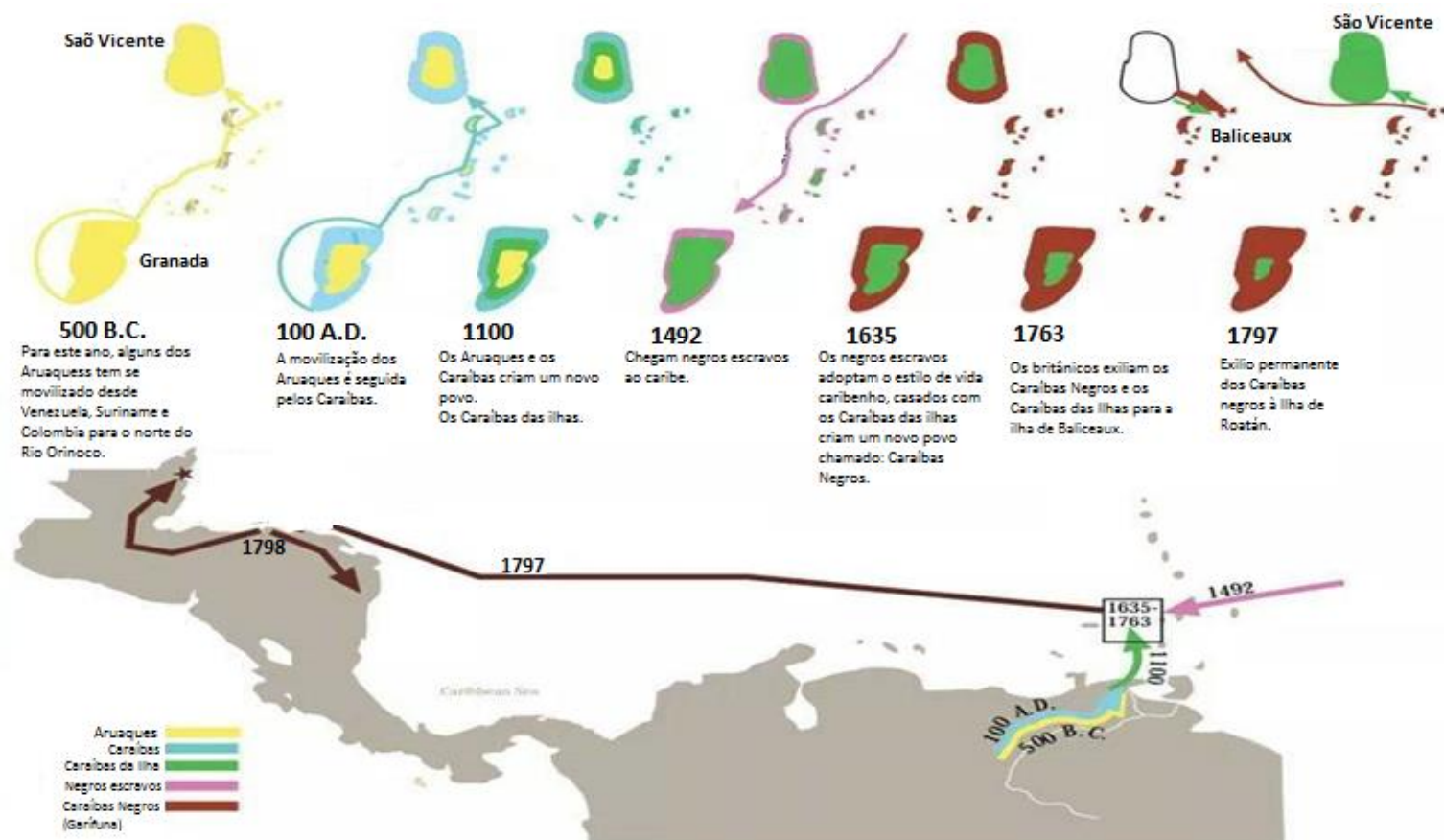
interesse nas disparidades, pois dali surge uma base para desafiar às categorias raciais.

O propósito deste capítulo é descrever como as identificações Garífuna são o resultado de um campo de tensões e lutas sociais desenvolvidos ao longo da história e sob conjunturas específicas. No caso específico aqui abordado, vou me deter em dois aspectos correlacionados relativos às identificações Garífuna: um intelectual/estatal e outro autóctone/estatal. Além, não é possível discutir categorias identitárias do povo garinagu sem também discutir que estas mobilizações entre categorias é também o resultado de um processo complexo transnacional ao nível latino-americano que afeitam as lutas nacionais, mas também que colocam a virada multicultural como o marco donde surgem uma serie de diálogos entre as diferentes organizações representantes dos garinagu e o estado, que também marcam a luta sobre território ancestral.

Por intelectual/estatal quer dizer aquelas categorias de ação empregadas no campo intelectual e com rebatimentos na produção de uma classificação estatal, ou seja, saberes construídos entre a academia e as agências de Estado sobre o povo Garífuna. Nancie Gonzáles, Ruy Coelho, Douglas Taylor, Pierre Beauçage, Carlos Agudelo e Sebastian Cayetano que junto com fontes históricas e de notas campo tentam compreender o surgimento dos Garífunas.

Por autóctone/estatal vou fazer referência aos saberes políticos desenvolvidos pelos Garífuna para dar conta de sua inserção/mediação no Estado Hondurenho, considerando a complexidade dos arranjos, situações de interações com os agentes de Estado. Meu intuito é acompanhar a elaboração das identificações Garífunas, mas não as tomar como uma essência cultural, mas sim como o resultado das interações entre diferentes espaços sociais. Certamente a fronteira entre estas duas vertentes não é estanque, mas o resultado de interações que apresentam porosidades.

**Mapa 4-**Mapa educativo da Universidade de Stanford, USA sobre a migração garinagu desde sua mestiçagem. Ressalta-se ao leitor que este mapa também foi compartilhado na rede social de Facebook na página da OFRANEH por um membro do grupo taggeando a organização e outros membros Garifunas informando sobre a história do povo garinagu. Aqui temos uma versão traducida e adaptada. Fonte: <http://web.stanford.edu/group/arts/honduras/teacher/images/migrationmap.pdf>



## 2.1 MARCO E MEMÓRIA

A ilha de São Vicente é um marco na memória na etnohistória<sup>8</sup> Garífuna. Os eventos coloniais da possessão da sua terra foram incorporados nos discursos de resistência Garífuna. O primeiro relato é de Gonzáles (2006) que narra que os franceses foram os primeiros em ocupar a ilha seguidos dos ingleses após o Tratado de Paz de Utrecht em 1713. No tratado de *Aix la Chapelle* se tentou declarar as ilhas de São Vicente, Dominica, Santa Lucia e Tobago como território indígena e por tanto queriam se denominar neutrais. No entanto, após a finalização da Guerra de Sete Anos (1756-1763) no Tratado de Paris, se dividiram as ilhas das Antilhas Menores entre os ingleses e os franceses; a ilha de São Vicente passou a ser território inglês. Os informes franceses referem-se aos nativos da ilha como negros. Esta narrativa é importante, como veremos, uma vez que este encontro colonial entre africanos e indígenas caribes marcará a construção identitária e as narrativas de resistência Garífuna (GONZÁLES, 2006, p. 43). Tal narrativa é especialmente interessante pois como veremos que será um dos argumentos ímpares na elaboração dos direitos autóctones no tempo presente

Douglas M. Taylor (1951) descreve a cultura dos *caraíbas negros* como “um bolo preto composto por ingredientes ameríndios” (TAYLOR, 1951, p.143 in GONZÁLES, 2006, p. xxv). Pierre Beauçage (1970) os descreve como um grupo cuja transformação racial nasce em São Vicente, e além que é “o elemento ‘negro’ tem maior dinamismo o qual permitiu que a atual cultura se desenvolvesse por novos caminhos” (BEAUÇAGE, 1970, p. 47 in GONZÁLES, 2006, p.xxvi). Tanto, Gonzáles, Beauçage e Taylor são contemporâneos que se entrelaçaram no seu fazer de trabalho de campo. Através dos relatos acadêmicos parece ser que a preocupação da antropologia do meado do século XX é, sobretudo, a composição biológica e representação de tal na sua cultura Garífuna

---

<sup>8</sup> Referimo-nos a etnohistoria ao método com aportes de antropólogos e historiadores ajudam a fontes indígenas descolonizar a história com aportes dos aporte de fontes indígenas que visa colocar eles como os protagonistas da sua própria história e encaminhar a escrita da história indígena longe do indiano estereotipado e do “discurso político implícito, discurso que visa afirmar que os indígenas que usam roupas ocidentais, televisão, telefones, celulares, computadores, etc. não são mais indígenas e consequentemente não tem mais direitos constitucionais que lhes são garantidos. (CAVALCANTE, 2011, p.20).

e não a sua própria identificação e fusão cultural bem-sucedida com compostos ameríndios e africanos que se mantém até hoje. Posteriormente, observamos uma evolução na mesma forma do fazer antropológico, com até a mesma Gonzáles (2006) em suas várias visitas ao campo ao longo de 15 anos, de como os Garífunas se identificam e auto representam.

As dinâmicas de inclusão dos Garífunas interagem com vários fatores que nascem da estratificação racial estruturada pelo período colonial. Tais documentos “referem-se aos ‘africanos’ como ‘negros’ ou ‘escravos’ ou como ‘selvagens’ e ‘quilombolas’” (AGUDELO, 2006, p. 53). O termo de “*caraíbas negros*” sugere uma transformação grupal, a fusão das duas palavras marca o surgimento de um novo grupo nos olhos dos colonizadores ingleses.

Se existiam negros ou não antes do naufrágio presente no discurso Garífuna ativista, é uma pergunta que tanto antropólogo do século XX, como antropólogos contemporâneos fazem. Existem vários relatos que, segundo minhas leituras variam a partir da história rescrita de cada comunidade Garífuna nos estados-nações centro-americanos. Autores como Francesca Gargallo (2002) e Gonzáles (2006) argumentam que já existia a presença de africanos na ilha antes do ano 1646, pois para o ano em que a ilha foi proclamada inglesa, os franceses tinham clandestinamente contrabandeado aproximadamente 3,400 escravos negros (2002, p.31 e 2006, p.43). De acordo com Agudelo (2011), fontes coloniais ressaltam que eventualmente a presença de negros superou a presença dos nativos (p.54).

A pesar da divergência entre os diferentes relatos orais tanto históricos, o importante aqui é ressaltar que, pelos intelectuais e como veremos proximamente pelos ativistas Garífunas, existiu uma mestizagem entre os indígenas caribenhos e os negros, é de ali onde nascem os Garífunas.

Segundo Gonzáles (2008) a palavra ‘*garífuna*’ é uma transformação de ‘*kalinago*’, “nome utilizado pelos espanhóis para chamar os povos que encontram nas Pequenas

Antilhas que se deriva do etnônimo que usavam os indígenas começando por *calliponan*, *calinago*, *carinaco* que se transformou em *Callina*, *Karina Karibe*, *Galibi* até chegar a *Garífuna* ou *Garinagu*” (AGUDELO, 2011, p. 53).

## 2.2 CAMINHO AO EXILIO

Autores como Coelho (2000) e Gonzáles (2006) apontam que na década de 1760, diversos grupos estavam morando em diferentes partes da ilha. Após o tratado de Paris do ano 1763, a ilha de São Vicente é o terreno que marca um processo longo e exaustivo de resistência por parte dos caribes negros contra presença colonizadora inglesa. Só dez anos depois, em 1773, um novo acordo firmado entre comissionados e líderes caraíbas negros que se estabeleceu e delimitou o território inglês.

Após este acordo se estabeleceram regras e leis que iriam ser respeitadas pelos caraíbas. Apesar de ter este tratado, no ano de 1779, os caribes decidiram lutar mais uma vez contra o regime inglês e se aliaram com os franceses. Os ingleses, especialmente os que moravam na ilha estavam cansados de lidar com os caribes, dados do *Calendar State Paper* afirma que desde o ano 1772 e inclusive antes, os ingleses tinham considerado a opção de exilar-lhes para uma ilha vizinha ou lhes-matar (GONZÁLES, 2008, p.47).

Os eventos nas ilhas são descritos por Cuisset (2014) e Agudelo (2011) como um marco importante na história Garífuna, porque é nesse contexto morre lutando em nome dos garinagu, o chefe Joseph Chatoyer (Satuyé), herói mencionado constantemente nos discursos políticos reivindicativos dos Garífunas. E porque vemos também que, estas batalhas se tornaram referências reivindicativas da luta contínua e resistência do povo Garífuna. (CUISSET, 2014, p. 89 e AGUDELO, 2011, p.55).

## 2.3 AMÉRICA CENTRAL: EXILIO, DISPERSÃO E ASSENTAMENTOS TRANSNACIONAIS.

O propósito deste item é descrever um pouco sobre a localização e importância histórica de Honduras através de diferentes processos ao longo da história mobilizando-nos para a chegada e assentamentos transnacionais do povo garinagu. Os Garífunas são um povo transnacional, nos concentraremos nessa parte quando dialoguemos com os diferentes movimentos transnacionais que ajudam a propulsar os movimentos nacionais, por enquanto nos concentraremos em Honduras por ser um dos países onde os Garífunas têm ganhado maior visibilidade nas duas vertentes, a primeira como indígenas e a segunda como afrodescendente.

Honduras localizada na região da América Central tem uma extensão territorial de 112,492 km onde habitam 8,5 milhões de pessoas. A organização política consiste em 18 departamentos, 298 municípios, 3.731 aldeias y 30.591 *caserios*. (ODECO, p.10). Até hoje, Honduras continua sendo uma ponte que une o norte das Américas com o sul. O país tem servido amplamente para vários projetos de contenção na região especialmente na época da Guerra fria. Mas, também tem sido usado devido a seu território e clima para produção em massa de cultivos, onde temos aqui que além da presença estadunidense por lado político a chegada das companhias bananeiras que também marcaram a presença e influencia *yankee* na política e economia nacional. Honduras é também o marco de deslocamento de emigrantes para outras nações e hoje também funciona como uma ponte para o transporte de drogas. Menciono o ultimo, pois como veremos em um dos seguintes capítulos, este é uns dos aspetos sociais que além da presença de projetos turísticos no caribe, assediam a luta Garífuna.

Honduras é o país com maior população Garífuna formada por 48 comunidades ao longo da faixa caribenha. Até hoje, Honduras reconhece a existência de oito povos étnicos indígenas e negros definidos como culturas diferenciadas da sua maioria população mestiçam, entra estas etnias encontram-se: os Garífunas, os Miskitos, Negros Creoles, Lencas, Chortís, Pech, Tolupanes e Tawahkas. Os diferentes povos

mostram diferentes características e experiências históricas de acordo às diferentes regiões dentro do país

A chegada dos *caraíbas negros* ao território da América Central é o marco de desenvolvimento identitário como coletivo e grupo transnacional. Traz sua chegada à América Central, foram reconhecidos como *caraíbas negros* e posteriormente como *morenos* até princípios do século XX. Segundo Arrivillanga (2010) foi um grupo de intelectuais Garífunas que tomaram ação para se desligar dessa categoria de *morenos* ou *negros* e passar a se chamar propriamente Garífunas em honra e “[...referência a seu idioma, cultura, história e indivíduo e garinagu como coletivo, povo e nação” (ARRIVILLANGA, 2010, p. 85, tradução nossa).

Segundo dados de Gonzáles (2008) após uma longa e dura luta, no dia 10 de Junho de 1796, os ingleses venceram e passaram a ter o controle total da ilha. Mesmo vencidos os *caraíbas negros* desafiavam a presença colonial não só na ilha, mas também na região, tais ações levaram aos ingleses a finalmente desterra-los. Após um ataque feroz, os *caraíbas negros* foram capturados no dia 3 de março de 1797, e exilados para a Ilha de Roatán onde desembarcaram em Port Royal, Roatán em abril de 1797, território de dominação espanhola. Segundo fontes coloniais citadas por Gonzáles (2006) desembarcaram ao redor de 2.000 Garífunas.

Desde sua chegada a Honduras, os Garífunas expandiram-se em direção às costas vizinhas e atualmente, vivem, em dezenas de comunidades espalhadas em 4 países centro-americanos: Belize, Guatemala, Honduras e Nicarágua onde representam a maior população afrodescendente. Nancie Gonzáles (2006) indica que não existe registro dos sobreviventes da ilha de São Vicente e só após a deslocação dos *caraíbas negros* ao território de Trujillo, em Colón que eles fazem parte do censo espanhol (GONZÁLES, 2006, p.81).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Trujillo é a capital do departamento de Colón, Honduras. Uns dos departamentos fronteiriços com o Mar Caribe. Foi também o ponto de chegada dos barcos de Cristóvão Colombo.

Quadro 1-*Caribes Negros sobreviventes em diferentes momentos da deportação, 1796-1797*

	Homens	Mulheres	Crianças	Total
Capturados e levados a Baliceaux (Julho 1796- Fevereiro)	1.004	1.779	1.555	4.338
Embarcados, 11 de março 1797.	722	806	720	2.248
Desembarcados em Roatán, 12 de abril, 1797.	664	1.362	A	2.026
Desembarcados em Trujillo, 23 de setembro 1797.	496	547	422	1.465
Permaneceram em Roatán, 17 outubro, 1797	83	70	53	206

Fonte WO1/82:645 e AGCA A3:16, leg 2025, exp.194 *apud* Nancie Gonzales, 2008, Pp 50.<sup>10</sup>

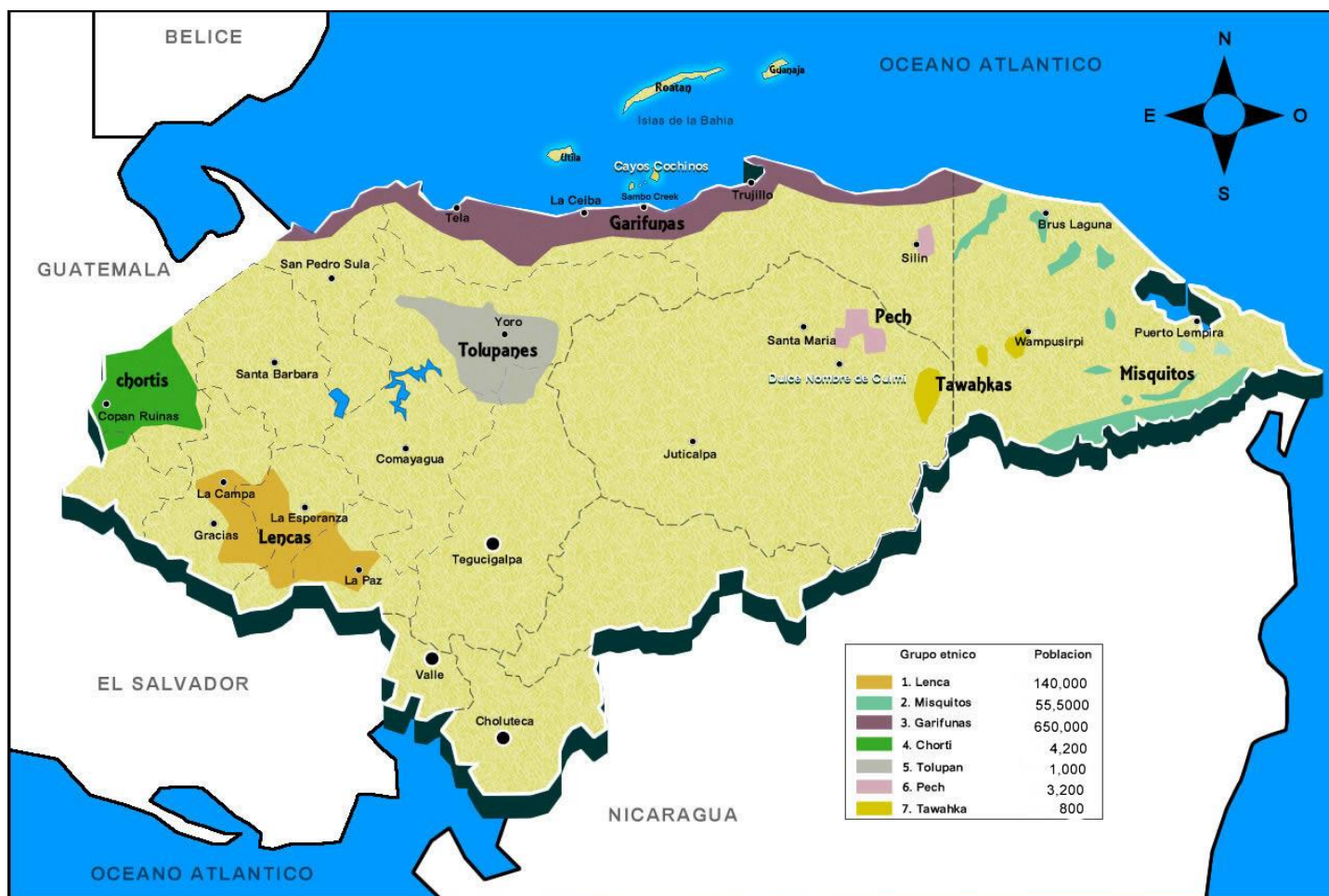
O deslocamento dos Garífunas para diferentes países “tem sido acompanhado de um discurso contraditório de símbolos etnorraciais marcados por idêntica;’oes racializados de negros e interetnica como a adoção da cultura indígena” (AGUDELO, 2006, p.52). Devido aos diferentes problemas sociopolíticos no istmo centro-americano em correlação com as ondas migratórias que começaram a partir do século XX, hoje em dia podemos encontrar um grupo grande de Garífunas nos Estados Unidos. Carlos Agudelo (2011) explica que de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas para a América Central no ano 2003:

Haveria 200 mil Garífunas em Honduras, 15 mil em Belize, 5 mil na Guatemala, e 2 mil na Nicarágua, totalizando aproximadamente 222 mil pessoas nos quatro países. Não há estatísticas precisas sobre a população garífuna residente nos Estados Unidos, mas diferentes fontes mencionam uma quantidade igual ou superior à dos garífunas que habitam a América Central, o que totalizaria uma população de cerca de 400 mil indivíduos (AGUDELO, 2011, p.52).

<sup>10</sup> Fonte: Minutes of Enquiry into Administration of the West African Trade: Volume 84, ' in Journals of the Board of Trade and Plantations, Volume 14, January 1776 - May 1782, ed. K H Ledward (London: His Majesty's Stationery Office, 1938), 126-146, acesso 10 de Abril do 2015, En: <http://www.british-history.ac.uk/jrnl-trade-plantations/vol14/pp126-146>



Apesar das incertezas das cifras da população garífuna temos outros autores com números próximos, como é o caso de Agudelo (2011) e Amaya (2005). Seus dados também sugerem que a população Garífuna em Honduras é de cerca de 250 mil e formam aproximadamente 2% da população com cerca de 50 comunidades ao longo da franja como pode se ver na Figura 1 (AMAYA, 2005 p. 172). Nestas comunidades costeiras podemos observar praticas culturais de raízes africanas e ameríndias como, por exemplo: a pescadaria artesanal, o cultivo de mandioca, praticas religiosas e a música relacionadas aos grupos étnicos ali presentes. (BRONDO, 2010, p. 172). Líderes da OFRANEH clamam que a redução da população por entidades governamentais trata-se sobre um projeto de invisibilidade dos grupos de cultura diferenciada. Salienta-se, contudo, que os Garífunas representam uma comunidade transnacional e transcontinental fruto de um processo diaspórico que se encontra em franca reelaboração étnica.



Mapa 5- Honduras e a indicação dos povos indígenas presentes no país. Note-se a discrepância da população para com os outros autores apresentados. Fonte: [http://www.hondurastouristoptions.com/tour\\_etnico.php](http://www.hondurastouristoptions.com/tour_etnico.php) Acesso 08/07/2015.

## 2.4 UMA HISTÓRIA TRAÇADA DESDE UMA LUTA REIVINDICATIVA

Se bem a história nos proporciona ferramentas para tentar encaixar o quebra cabeça do passado, também sabemos que os documentos foram escritos desde o ponto de vista do vencedor. Neste caso, o “vencedor” pode ser também aqueles indivíduos que lograram uma posição de destaque na cultura subalternizada e cujos capitais culturais e políticos os coloca em uma posição de narradores privilegiados da sociedade Garífuna. Eles ocupam espaços institucionais como festas cívicas, mas também os programas de rádio e um dos índices desta forma de representação é a manutenção de um Blog e uma página na internet. Não é nosso objetivo analisar a página, senão toma-la como uma condição de possibilidade de objetivação histórica e identitária do “Povo Garífuna” para o mundo. Os dados apresentados a seguir são oriundos do estranhamento inicial da pesquisadora diante e da narrativa da “mescla”, tanto histórica quanto racial, dos grupos diaspóricos africanos com os indígenas caribenhos. Tais narrativas não se encerra com a diáspora africana no Caribe, mas tem continuidade a partir da narração da expulsão, mediante a guerra, dos grupos resultantes do encontro africano e caribenho. Percorri Blogs, páginas na internet e a pesquisa de especialistas com muito tempo de inserção no campo.

Existe uma história escrita da época colonial cujos marcos são as conquistas e o processo de centralização na nação hondurenha, as uma história própria Garífuna que reescreve uma perspectiva marcada por lutas e resistência cujos fundamentos são as condições sociais de sua existência, mas também, em uma certa mimetização dos debates estritamente nacionais, marcados pela composição racial da população.

Tal processo é crescente entre os diversos grupos Garífuna e ao mesmo tempo possui vários centros de irradiação que ora se encontram, ora se distanciam na paisagem étnica hondurenha e caribenha. Veremos aqui que muitas das elaborações produzidas no contexto acadêmico é capturado e reelaborado pelos

líderes das organizações OFRANEH e ODECO além de intelectuais Garífunas como Joseph Palacios, Salvador Suazo, Santos Centeno.

Miriam Miranda, líder da OFRANEH (Organização Fraternal Negra Hondurenha) descreve os garífuna como uma etnia híbrida, produto da interculturalização entre os aruaques, índios caraíbas e negros. Segundo dados da sua página na internet, a organização Fraternal Negra Hondurenha (OFRANEH) surgiu em 1978 como representação do povo Garífuna de Honduras, defendendo seus direitos culturais e territoriais, com o objetivo de alcançar a sobrevivência como um povo com cultura diferenciada, assim como fortalecer o viés de gênero e a “matrifocalidade” de suas instituições e Etnosaberes. Os Garífuna se autodenominam indígenas e atualmente lideram movimentos em prol da defesa do seu território ancestral, em contra da pressão territorial de empresários do turismo e óleo de palma africana, para além das legislações promovidas por o Estado de Honduras (OFRANEH, 2013)<sup>11</sup>.

Segundo a elaboração discursiva e histórica da OFRANEH, o processo de etnogênese dos Garífuna começa no século XVII, onde alguns negros africanos conseguiram escapar e se refugiar com os índios caribenhos e aruaques na ocorrência do naufrágio dos barcos que os levavam. Os índios caribenhos arranjaram, assim, proteção, comida e abrigo para eles. Deste encontro entre negros africanos, os índios caribenhos e os aruaques surgiram, narra-se, a emergência de uma etnia híbrida denominada “o povo Garífuna” (MIRANDA, 2012).

Os garinagu são ascendentes dos Kalina, um grupo indígena que migrou desde seu assentamento no Rio Orinoco até as ilhas caribenhas (ou também conhecidas como Índias Ocidentais), também do grupo Kalinagu que moravam na ilha de Dominica e dos Caraíbas Vermelhos da ilha de São Vicente e de náufragos

---

<sup>11</sup> <https://ofraneh.wordpress.com/about/acessado> em 10 de novembro de 2015.

africanos (OFRANEH, 2014).<sup>12</sup> Uma das inscrições importantes nos marcos da identificação Garífuna é ser um grupo indígena de pele negra, orgulhosos de não ter um passado como escravos. Representantes e intelectuais Garífunas destacam o fato de que eles são, sobretudo Garífunas, e afirmarem que não chegaram ao Caribe como escravos, mas como homens e mulheres livres.

Encontramos na história reivindicativa Garífuna, heróis e lutadores como Joseph Chatoyer (Satuyé). Chatoyer, tem se tornado um símbolo de luta transnacional nas reivindicações e lutas dos povos Garífunas na América Central, São Vicente e também nos Estados Unidos onde tem sido celebrado pela população Garífuna. É relevante para compreender a formação identitária deste grupo que chamamos de transnacional e transcontinental que com sua deportação a América Central da continuidade a um processo de formação identitária e de resistência com uma história compartilhada de conflitos coloniais, símbolos de resistência, dinamismo e resiliência.

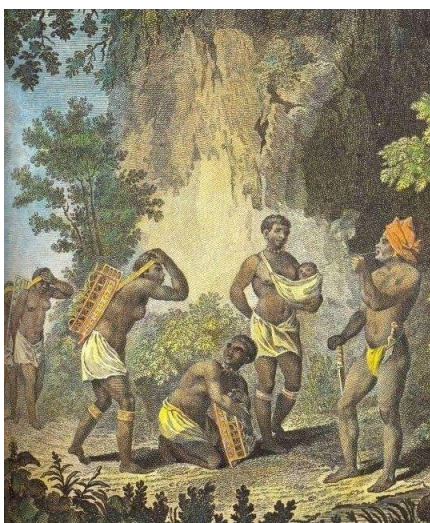


Figure 4 Uma representação pictórica dos Garífuna. A direita estaria o líder Chatoyer (Satuyé)

Fonte: [www.200yearsafter.com](http://www.200yearsafter.com) Acesso 25/7/2016

## 2.5 IDENTIDADE CULTURAL: UM TEMA DE GOVERNO

<sup>12</sup> OFRANEH. Blogpost <https://ofraneh.wordpress.com/2014/08/20/estado-de-honduras-deniega-condicion-de-indigena-al-pueblo-garifuna/> Acesso: 25/7/2016,

O complexo processo de identificação Garífuna é o resultado da produção de um sujeito coletivo, mas também da resistência às formas de rotulação que se originaram nas últimas décadas. Em princípio, como vimos, a historiografia sobre a região tratava de grandes narrativas populacionais, migrações e relações de trabalho para instituir os grupos étnicos, encerrando algumas populações sob o rótulo de classe: os trabalhadores da Zona Bananeira.

Outra estratégia de identificação de grupos no contexto da modernização dos Estados nacionais, foi encerrar tais grupos sociais em categorias culturais, tal como analisou Hannerz quando afirmou que “a discussão sobre os sistemas culturais da década de 50 transformou os limites de grupo em limites culturais” (HANNERZ, 1999; 16), o que no contexto Garífuna encontrou sérias resistências, como veremos.

A reflexão sobre as categorias identitárias se institucionalizou até finais da década dos 80 e princípios dos 90 em uma onda multicultural que associou a busca pelo reconhecimento e por direitos às prerrogativas étnicas e culturais. As novas ondas de reivindicações globais desestabilizaram tais inscrições fixas, mas conduziram à contextos multiculturais onde “o termo tem se tornado basicamente um fundamento para a formação e a mobilização de grupos” mas, também, implicou na sua utilização para as majorias dominantes imporem suas prerrogativas e direitos sobre os demais, baseada no que Hannerz define como a “defesa da herança cultural”, em princípio um argumento do princípio simbólico da cultura, mas que apresenta repercussões no plano do controle dos recursos materiais (HANNERZ, Idem).

É a partir destes diálogos internos que se reforça um reconhecimento institucionalizado em países como Bolívia, Colômbia, Nicarágua, Equador e Venezuela primeiro com os reconhecimentos indígenas e logo com as populações negras (IGREJA e AGUDELO, 2014, p.15). Os Garífunas têm sido reconhecidos

como indígenas devido à permanente referência às raízes caraíba-aruaques na sua cultura. No entanto, existe uma luta constante por manter esse status como parte do seu discurso político de inclusão nos diferentes estados-nações ao mesmo tempo em que mantém uma identidade transnacional e de uma vertente da diáspora afrodescendentes. Tal esforço se dá no plano internacional, mas é também o resultado do trabalho político dos Garífuna em reconhecerem-se de forma distintas em relação aos outros grupos e inscrições identitárias “nacionais”, o que requer uma análise de outros “lugares” de produção dessas identificações que não somente a afirmação de suas raízes etnicoraciais.

Como veremos no seguinte capítulo especificamente, o processo da formação da identidade hondurenha também é influenciado pela conjuntura econômica desenvolvido durante a implantação das companhias bananeiras, um projeto econômico transnacional que envolveu projetos migratórios para trazer negros caribenhos para trabalhar nas plantações de bananas. Tal iniciativa, embora defendida em seu cunho econômico, colocaram o Estado hondurenho em alerta sobre a interrupção do processo da construção de uma identidade hondurenha que havia se consolidado desde a época da independência em 1821.

Como consequência se iniciou um processo de lavagem das categorias étnicas para assim sistematicamente invisibilizar as populações negras e ressaltar a história dos povos autóctones da região. Refiro-me por lavagem de categorias étnica, ou seja, o apagamento da presença indígena na população. O processo de construção da identidade hondurenha como um grupo homogêneo mestiço. Preocupo-me aqui em descrever as categorias raciais na quais os Garífunas se inserem ou constroem para si enquanto grupo a despeito do que salienta Pierre Bourdieu sobre a construção social das classes. Ou seja, não de indivíduos isolados que habitam o mundo, mas sujeitos dispostos em relações sociais e materiais que constituem o objeto de análise do pesquisador. Isto porque tais sujeitos apresentam-se no mundo social mediante construções simbólicas reificadas em conjunto de posições sociais (institucionais, por exemplo) que

configuram um determinado campo político e social. Por outro lado, tais indivíduos são também parte de esquemas mentais de percepção e apreciação que constituem o “habitus”, mediante os quais se constrói o mundo vivido (Bourdieu, 1983).

A evidência da individuação biológica impede-nos de ver que a sociedade existe sob duas formas inseparáveis: por um lado, instituições, que podem assumir a forma de coisas físicas [...] e, por outro, disposições adquiridas, maneiras duradouras de ser ou de estar, encarnadas em corpos. [...] O corpo socializado não é oposto à sociedade: é uma de suas formas de existência (Bourdieu, 1983).

Tal perspectiva relacional é também defendida por Frederick Barth, que em sua obra clássica descreve como as fronteiras étnicas não são naturais, mas naturalizadas por esquemas simbólicos e situações concretas de interação entre indivíduos e grupos. O Grupo, bem como as características eleitas para a construção da distinção são o resultado das interações sociais e de processos agenciadores de quais critérios descrevem melhor as diferenças de tipos sociais (Barth, 2000).

No contexto político de Honduras, os Garífunas se inseriram nas lutas de reivindicação social desde os processos de construção da identidade hondurenha desde o amanhecer da república. Os garinagu, exiliados a Roatán em 1797, viveram e anos depois também se adentraram no processo de independência de Espanha dando início à formação de um estado-nação hondurenho, que como veremos, apesar do envolvimento Garífuna, eles ficaram só como os outros, fora da formação de um Estado-Nação.

Para finais da década dos anos 1960, com o fim da indústria do monocultivo bananeiro, o governo militar começou um processo de redistribuição do sustento econômico no país, neste caso se girou à indústria do turismo e “os Garífunas começaram a ser representados no folclore hondurenho como um ‘grupo étnico’” (AGUDELO, 2011, p. 61). Nos anos 70, o governo hondurenho de caráter ditatorial desenvolveu políticas patrimonializadoras e institucionais com a criação do Instituto Hondurenho de Turismo (ITH) que passou a promover a cultura garinagu como parte da cultura nacional hondurenha, e desta forma ser inseridos como



mais um “grupo étnico” que até hoje se mantém, como podemos observar no mapa (Número 4 acima), usado pelas companhias de turismo.

No ano 2001, a UNESCO nomeou a Cultura, linguagem e dança Garífuna, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, reconhecendo os elementos culturais caribenhos aruaques e africanos. Sua língua como pertencer ao grupo de *Arawakan* e tradições como o *Uraguá*, contos recitados em velórios assim mesmo a manutenção da suas cerimônias e festas (UNESCO<sup>13</sup>) A homenagem à cultura Garífuna foi celebrada junto com apresentação do prêmio da UNESCO em Dangriga, Belize, onde o reconhecimento foi entregue ao presidente da *National Garifuna Council* (Comitê Nacional Garífuna) aceitado pelo seu líder Roy Cayetano o qual descreveu que receber o prêmio “simbolizava as lutas e conquistas que ocorreram nos últimos 200 anos para preservar a cultura Garífuna” (News5, online<sup>14</sup>).

Em Honduras, o processo de racialização observado nos discursos de Estado entrelaça-se com a chegada das companhias bananeiras. Antes disto, o período colonial já era marcado pela caracterização racial, mas é a formação de um discurso nacional sobre a população e a cidadania a responsável pela reposição das diferenças entre grupos vistos como racialmente distintos, que culminam em um discurso sobre a mestiçagem (GOMEZ-MARTINEZ, 2015). Este discurso acaba posicionando os Garífunas como um grupo não autóctone, é dizer, não próprio do país

Nas últimas três décadas diferentes políticas multiculturais tem sido adotadas pelos diferentes estados-nações da América Latina com o fim da inclusão dos coletivos indígenas e afrodescendentes. Ambos coletivos sofrem em função da discriminação e da exclusão social, política e econômica. No entanto, a política adotada tem sido, em teoria, um avanço em favor dos coletivos, mas que, na

---

<sup>13</sup> Mais informação visitar a webpage [www.unesco.org/culture/ich/en/RL/language-dance-and-music-of-the-garifuna-00001](http://www.unesco.org/culture/ich/en/RL/language-dance-and-music-of-the-garifuna-00001) Acesso 25/7/2016.

<sup>14</sup> Em [www.edition.channel5belize.com/archives/18143](http://www.edition.channel5belize.com/archives/18143) Acesso 25/7/16.

prática, sabemos que a luta constante pela igualdade dos grupos diferenciados é constante.

As reformas de caráter multicultural desafiaram as ideologias perseverantes de estados homogeneizantes e como consequência, encontramos hoje termos como afro-indígena que desafiam as categorias criadas a partir dessas ideologias, refiro-me aqui a categorias como: mestiço e ladino. Analisando o contexto latino-americano de discriminação racial entre os indígenas e a população afrodescendente, assim como a desigualdade interna em relação ao acesso aos serviços públicos por estas duas categorias, Hooker salienta o lugar desastroso da categoria “mestiço” que “foi criada para impossibilitar a distinção entre diferentes grupos” e, por tanto, “possibilitar a negação de algum argumento de racismo nas políticas de Estado” (2006, p. 92).

O processo de mestiçagem, evocado pelo discurso oficial como um evento biológico e racial, entra em colapso a partir do diálogo com os grupos hondurenhos e a reelaboração e manutenção de fronteiras étnicas sob a perspectiva local e histórica que havia se consolidado sobre os Garífuna (BARTH, 1976). Na sua chegada a América Central vemos uma transformação na identificação dos Garífunas começando por caraíbas negros, negros ou morenos. O último conceito foi utilizado já no começo do século XX para diferencia-los dos negros escravos trazidos pelas bananeiras ao território hondurenho. Mas que, todos os conceitos ressaltam uma diferenciação pela cor da pele numa sociedade que na época ainda era liderada por uma elite de ascendência europeia hispânica e que agora com a presença das transnacionais estadunidenses também jogariam um papel na manipulação das categorias raciais.

É evidente nessa época a produção de uma identidade em vista dos diálogos e definida em termos gerais homogeneizantes que consistem em dois grupos a) os mestiços como população hondurenha e b) os negros, os outros. No entanto, este processo de mestiçagem vai além de criar barreiras de inclusão e exclusão, pois

trata-se de um processo complexo composto por uma miríade de dinâmicas como veremos em relação às mobilizações Garífunas por seus direitos.

Hoje a categoria de mestiço é usada para descrever as populações centro-americanas como descendentes da mistura entre indígenas e europeus. Segundo Peter Wade (2005) a “mestiçagem contém e compõe uma dinâmica não só de homogeneização, mas também de manutenção de espaços, de forma particular, para negritude e indigenismo criando uma imagem em mosaico de uma identidade nacional” (p.240). Dentro de estas dinâmicas, o que Wade argumenta é que, mestiçagem não se trata só como a criação duma identidade para a construção do estado-nação, mas como um processo que se vive constantemente em diferentes lugares. Para o autor, “mestiçagem” é um processo mutuamente inclusivo e exclusivo, um processo de diferenciação que faz emergir formas de inclusão que não necessariamente eliminam as diferenciações (WADE, 2005, p.246).

A relativa naturalização de um “nós” soberano reflete a busca por recusar identidades rotuladas nas quais os Garífunas antes conhecidos como “morenos” e previamente como “caraíbas negros”, iniciam um movimento a partir dos seus próprios intelectuais uma autoidentificação como Garífuna. Tal título se construiu e desconstruiu a partir das características ameríndias reconhecidas na população e usadas para se inserir nos movimentos indígenas

## **2.6 OS USOS MULTICULTURAIS DA CULTURA GARÍFUNA**

O movimento de reconhecimento indígena acontece na década dos anos 1980 na América Latina e no Caribe com uma reforma legislativa que visa a inclusão dos povos de cultura diferenciada, e pretendeu mudar o status de nações homogeneizadoras ao reconhecimento como Estados com caráter multiétnico o multicultural. Esse movimento é melhor conhecido com o “giro multicultural” ou “virada multicultural”. E como veremos no seguinte item, a chegada desta onda multiculturalista, não podemos deixar de discutir que também se iniciou uma

versão de neoliberalismo hondurenho que transforma do da produção em massa de um monocultivo à agricultura, turismo e remessas como base (ANDERSON,2007).

O *giro multicultural* nos países de América Latina significava dar visibilidade aos grupos étnicos que geraria uma coexistência entre o grupo majoritário. No entanto, este *giro* trouxe com ele um debate sobre o que era cultura e pertencimento. É aqui o começo chamaria também das negociações de políticas de pertencimento. Segundo Nira Yuval-Davis, existe uma diferença entre pertencer e as políticas de pertencimento trata-se o primeiro, sobre um estado emocional, e o segundo, como projetos políticos que visam construir pertencimento de diversas formas para diferentes coletivos que ao mesmo tempo estão sendo moldado pela construção destas políticas (2006, p.197).

Neste contexto cada país desenvolveu diferentes dinâmicas de inclusão para as populações indígenas e as populações negras onde diferentes organizações tornaram-se mais visíveis. Da forma que elas se integrassem em desenvolvimento de políticas inclusivas mantendo sua cultura e tradições, o que Peter Wade (2005) argumenta como um processo complexo de inclusão e exclusão mutua.

O período colonial nas Américas (1492 a 1898) é repleto de inscrições que denotam que negros e indígenas foram excluídos e considerados inferiores. Dentro desta condição, havia ainda uma hierarquia entre esses excluídos, onde os primeiros apareciam mais abaixo que os indígenas. Como indica Wade (2009) os *índios* foram caracterizados como “pobres, fracos, indefesos e estúpidos - estereótipos dominantes atuais sobre povos indígenas, portanto, precisavam de ajuda especial” (p.8). Nesta virada multicultural eles poderiam ser cidadãos e indígenas ao mesmo tempo. Em contraste, os negros e ascendentes mistos dos escravos na região não constituíram como conjunto especial de cidadãos. Os usos da mestiçagem ao mesmo tempo em que tentaram unir uma nação fixaram um só conceito de identidade como camada de “diferenciação e hierarquia” (WADE,

2009, p.8). Desta maneira, a mestiçagem, foi uma categoria criada essencialmente para a manipulação de todos aqueles no último degrau da pirâmide estratificatoria social também criado pelo discurso de poder das elites econômicas e culturais.

O multiculturalismo de acordo com Boaventura de Sousa Santos (2010) “designa originalmente, para “a coexistência de grupos caracterizados por culturas diferentes[...]. O termo rapidamente foi usado para “descrever as diferenças culturais” (p.3). Então nesta virada existe uma redefinição de novas políticas culturais entrelaçadas com o que Yuval-Davis (2011) analisa como políticas de pertencimento. Embora o termo tenha passado a ser usado ao redor do mundo, ainda até hoje é um processo discutido pelos cientistas sociais, pois o seu significado não está explícito.

## **2.7 NEM INDÍGENAS, NEM AFRODESCENDENTES—GARÍFUNAS**

Até o momento analisamos as tensões na construção identitária hondurenha, ora baseada na racialização das relações sociais, ora na definição da Cultura dos grupos indígenas e afrodescendentes como patrimônio da nação. Mas, obviamente este debate não está definido apenas pelas agências de Estado, senão, é também objeto de disputas de grupos sobre o alcance de tais identificações e sob quais critérios históricos eles estão assentados. Na etnografia sobre as organizações de mobilização e identificação Garífuna, encontramos vários tipos de associação que vão desde aqueles que se dedicam às manifestações culturais que remetem à uma essência da Cultura Garífuna, até os grupos cuja agenda é estritamente política e com conexões internacionais, passando por aqueles que consideram que a Cultura é tanto político como outras formas de mobilização. Esta seção tem o propósito de apresentamos duas destas perspectivas materializadas em associações que buscam representar os Garífuna: A OFRANEH que abraça o termo de indígena ou afro-indígena e a ODECO que adota o termo de afrodescendentes ou afrohondurenhos onde os Garífunas e os Negros Creoles são colocados noutra categoria anti-racista.

Ao analisar as políticas de desenvolvimento no caso de Honduras, observa-se que existe um desenvolvimento a partir do multiculturalismo onde categorias como autoctonia e etnicidade “se atravessam e resultam ser usadas como sinônimos ao mesmo tempo e por esta via se traça uma ponte para o indígena, Garífuna e o negro? (ANDERSON; ENGLAND,2005, ANDERSON,2007 *apud* AGUDELO, p.90). Esta virada multicultural conduz, de certa forma, algumas agências do estado hondurenho a mudarem sua perspectiva de uma nação homogênea a uma nação pluriétnica que visa incluir a nível estadual os Garífunas como grupo étnico. Tal mudança é impulsionada, dentre outras condições, pelo ativismo indígena e Garífuna que visavam mudanças constitucionais de inclusão social (AGUDELO, 2014).

Segundo Joseph Palacio (2007) a pesar dos Garífunas ter chegado há mais de 200 anos à América Central é até os últimos 50 anos, que começaram um processo longo de inclusão social nos diferentes estados-nações da região caribenha (p.21). Podemos compreender a preocupação do autor a partir de condições específicas, como por exemplo, em que parte do século XX, o conceito de “negro” invisibilizou as características ameríndias dos Garífunas, e que são reivindicadas no presente. Outra condição de barreira simbólica e política é a própria construção da nação hondurenha como hindo-hispanica ou *mestiça* que traça seu fenótipo para a mistura de indígenas e espanhóis e ignora completamente a existência duma ascendência africana na população hondurenha.

Neste cenário, a OFRANEH se insere no cenário reflexivo sobre o processo de identificação, reorganizando uma perspectiva dos movimentos indígenas e iniciam diálogos que posteriormente inserem os Garífunas como povo autóctone reconhecido oficialmente. Um exemplo desta busca identitárias estão associadas ao modelo da luta de pertencimento do povo garinagu ao inserirem-se na luta indígena. Em entrevista com Roy Guevara, Carlos Agudelo, narra:

*En un primer momento para ganar presencia internacional tuvimos que arroparnos con una identidad indígena par alograr reconocimientos em algunos espacios internacionales. Ingresamos al Consejo Internacional de Tratados Indios y participamos em la creación del Fondo Indígena em Naciones Unidas em 1992. (Entrevista ano 2008, para AGUDELO,2011, p.62)<sup>15</sup>.*

Como mencionamos antes, garinagu formaram parte das lutas de independência de Honduras. As primeiras políticas de inclusão estavam dirigidas para os grupos indígenas, observamos que a introdução dos garinagu como povo indígena acontece formas diferentes de acordo à trajetória de cada estado-nação na América Central e através de políticas de autoctonia.

O processo de autoctonia em Honduras começo pela consideração dos povos que estavam habitando Honduras antes da chegada da conquista espanhola, reflexo do trabalho de “excluir os ‘estrangeiros’, mesmo que tais sujeitos tinham formado parte do processo de estado-nação” (GESCHIERE, 2009, p.5). Os estrangeiros, os outros, os garinagu tinham sido invisibilizados por anos, no entanto finais década dos 80, aproveitando que o termo de autoctonia começa a funcionar como um guarda-chuva que acolhia diferentes grupos e o bagagem indígena aruaque dos Garífunas eles se inserem na luta com os demais grupos indígenas de Honduras. Este deu abertura ao desenvolvimento de diferentes associações onde se inseriram os Garífunas como o *Consejo Asesor Hondureño para el Desarrollo de las Etnias Autóctonas* (CAHDEA) e a *Confederación de los Pueblos Autóctonos de Honduras* (CONPAH) que amparava as outras 5 etnias e também aos Garinagu, o que segundo Cuisset (2014) “marcou a formação dum movimento autônomo e da superação do velho indigenismo” (p.98)

A década dos 90 marcou o nascimento da *Organización de Desarrollo étnico Comunitária* (ODECO), criada no ano 1992 na cidade de La Ceiba, Honduras, com

---

<sup>15</sup> Tradução livre. Em um primeiro momento, para alcançar presença internacional, tivemos que assumir uma identidade indígena para conquistar o reconhecimento em alguns espaços internacionais. Entramos para o Conselho Internacional de Tratado Indígenas e participamos da criação do Fundo Indígena das Nações Unidas em 1992.

o objetivo de “lutar pelo desenvolvimento integral das comunidades afrohondurenhas” (ODECO, 2013, p. 5). Para a ODECO o termo *afrodescendente* abriga qualquer pessoa que se autoidentifica com ascendentes africanos seja por sua própria história, sua linhagem ou autoidentificação. Tais identificações se colocam como diferentes em relação aos conceitos e usos de “negro” ou “mulatas”, comumente usadas como palavras pejorativas que se referem às características fenotípicas na população hondurueña (ODECO, 2013, p.8). É sob esta categoria autodeterminada que a organização visa encaixar os Garífunas e Creoles de fala inglesa e coloniais num mesmo termo, atendo as necessidades de ambos grupos baixo um termo só.<sup>16</sup>

A OFRANEH por outro lado concentra-se num discurso de indigenismo e autoctonia, e rejeita qualquer representação como afrodescendente. “Os Garífunas são um povo indígena com pele negra”, como afirma Miriam Miranda (2012), ou também se expressa como “somos um povo indígena, um povo afro-indígena, ascendentes dos caraíbas, aruaques, indígena e negro africano” (Entrevista para ALBA TV, 2012, tradução nossa).

Na página da OFRANEH encontramos um *blogpost* intitulado “*Afrodescendientes o Garífunas: raza o cultura*” onde, de forma articulada com as perspectivas de seus redatores faz-se referência a Claude Levi-Strauss (1976) em seu texto de Raça e Cultura. Lévi-Strauss, transcrito ali, argumenta que a humanidade não tem que ser dividida ou analisada em termos de raça se não em cultura, o estudo de raça é o que tem levado à destruição da humanidade, por isso as temos que sublevar que as diferenças que existem são culturais, e que tais diferenças são as que adicionam riqueza à humanidade mesma ressaltando a frase do autor “*sabemos qué es una cultura, pero no sabemos qué es una raza*”. O *post* continua e se aclara que existe uma diferença entre as visões dos Garífunas e “aqueles que se autodenominam afrodescendentes, pois os primeiros, os Garífunas, estão

---

<sup>16</sup> A perspectiva desenvolvida pelos Quilombolas no Brasil, também alude a autodeterminação identitária (Silva, 2012). Como mostra o autor, tal processo pode ser visto como o resultado das relações complexas entre agentes quilombolas, profissionais da antropologia, agências de Estado e agências internacionais.



lutando pela autonomia territorial e os segundo se satisfazem com uma inserção no sistema corrupto nas mãos de governadores de ocasião” (OFRANEH, 2013).

A categoria de afrodescendente nasce e se mantém numa posição ambígua frente as outras categorias. No entanto, a categoria de afro-indígena segundo Rylander (2010) é utilizada na autoidentificação Garífuna aponta um sentido estrito de nacionalidade (*nationhood*) expressa em suas narrativas fundadoras. É através da reelaboração e desafio das categorias identitárias do termo indígena que tem uma miríade de definições que foram redefinidas por várias organizações e, é aqui onde os diálogos transnacionais e internacionais entrelaçam-se com os projetos de reivindicação nacionais.

Segundo Keri Vacanti Brondo (2010), dentro deste marco “[...] o congresso hondurenho aprova uma série de atos legislativos agrários de caráter neoliberal facilitando a privatização de terras” (p.174). Em nossa análise, consideramos que o processo de identificação resulta também de conjunturas nacionais e internacionais, que podem indicar a emergência de pautas políticas e aspectos de mobilização diferenciados entre os sujeitos políticos e que terminam por produzir identificações igualmente distintas.

No próximo capítulo veremos como a remodelação das identificações é um evento em disputa e se relaciona como a reorganização da luta territorial Garífuna, bem como se conecta à luta identitária dentro das categorias criadas, configurando uma série de eventos significativos (SAHLINS, 1990). Isto porque apesar da virada multiculturalista ampliar a escopa da mobilização identitária, mobilização e articulação de inclusão nos estados-nações como um povo cultural diferenciado de outro lado, a aprovação de políticas neoliberais e a abertura ao investimento estrangeiro em áreas como o turismo e o plantation de commodities colocaram um novo alvo na faixa caribenha representando pelo território ancestral reivindicado pelo povo garinagu.

Tal é o cenário que, desde a década dos anos 90, também é o marco de entrada de políticas neoliberais guiadas pelo governo de Rafael Callejas (1990-1993) cujo regime se caracterizava por seus ajustes estruturais (ROBINSON, 2004, p.128-129 in ANDERSON 2007, p; 298). Quase como uma *perestroika hondurenha*, o país se abre à entrada de recursos estrangeiros e com isto se abre a regulação do território, do mercado local com influência do mercado internacional e de organizações como o Banco Mundial e o Banco de Desenvolvimento Inter-Americano (ANDERSON, 2007, p.398). Charles R. Hale (2005) argumenta que aqui se começa um processo que visa entrelaçar as ideias de multiculturalismo com projetos neoliberais (*apud* ANDERSON, 2007, p.399). Esta virada também causou mudanças dentro do sistema econômico, político e social que afetam ultimamente os Garífunas e seu pertencimento e direito a território.

Em um contexto marcado por diálogos nacionais, de construções de identidades e aceitação emergem também perguntas sobre a) cidadania: quem são os cidadãos e b) quem compõe a nação e que é uma nação. Neste capítulo buscou-se fazer um diálogo e conexão entre a mobilização das categorias identitárias Garífunas e seu relacionamento com os processos internacionais quando são internalizados pelos agentes como narrativas pessoais, histórias de vida e biografias políticas, mas, sobretudo, definem um campo de disputa que envolve direitos territoriais e étnicos. O caso do garinagu é complexo não podemos deixar de discutir tais marcos históricos pois tais abordagens nos preparam para compreender a configuração da luta atual pelo seu território ancestral liderado pela OFRANEH, assim como a divisão entre definições étnicas.

Como busquei demonstrar, o uso múltiplo de diferentes categorias etno-raciais confronta a visão de mundo de duas organizações que traçam sua agência política e representativa a partir de distinções entre indígena ou afro-indígenas e afrodescendentes. Tal distinção é certamente resultado das vivências cotidianas, mas, também, do adensamento de interesses variados sobre o tema das relações etno-raciais por agências de governo, intelectuais orgânicos e ativistas, o que faz

emergir uma situação de luta sobre a própria definição dos sujeitos Garífuna. Exemplo, disto são os estudos que se concentram na categoria de indígena e a inserção Garífuna aludindo-os à uma etnohistória cultural sobre raça ou fenótipo como a parte da “formação da nação” ou termos empregados por aqueles que se autodeterminam afrodescendente como é o caso da OFRANEH.

### 3. Garífunas e Creoles no Mundo em Transformação

*“Cuando sonó la trompeta, estuvo todo preparado en la tierra, y Jehová repartió el mundo a Coca-Cola Inc., Anaconda, Ford Motors, y otras entidades: la Compañía Frutera Inc. se reservó lo más jugoso, la costa central de mi tierra, la dulce cintura de América. Bautizó de nuevo sus tierras como "Repúblicas Bananas".*

La United Fruit Company Co.

Pablo Neruda

Neste capítulo pretende-se analisar o contexto em que surge os elementos para a construção identitária étnica dos Garífunas e do movimento sindical, parte-se das trajetórias sindicais e da importância do território na luta da retenção de identidade. Sabe-se que o monopólio das transnacionais foi acompanhado de estruturas socioeconômicas e políticas que proporcionavam lucros, investimentos e benefícios mantidos por países com economias fracas. Devido a isso, fazemos aqui um *in media res*-, a qual indicará a forma literária de contar os fatos desde o meio. Isto é, neste caso, retrocedemos brevemente na linha de tempo aos anos de 1890 a 1950 à construção do Estado-nação de Honduras, onde contextualizamos a presença da indústria bananeira e as formações dos grupos sindicais afro e indígenas para explicar as políticas multiculturais atuais e a constante redefinição de categorias raciais.

Os objetivos dividem-se em três, o primeiro é a explicação da transição de colônia a república bananeira<sup>17</sup>. No tocante, será expandido neste tópico os conhecimentos sobre as concessões de terra e os tratados entre as corporações e o governo estatual hondurenho.

---

<sup>17</sup> República Bananeira ou *Banana Republic*: termo acunhado da obra literária de *Cabbages and Kings* do autor O' Henry publicada em 1904.

Em segundo momento, veremos a etnografia virtual e como as lutas atuais Garífunas arremetem-se a um processo histórico de arrendamento de terras e concessões territoriais. Estas companhias em proeminência, que são a: *Standard Fruit Company*, a *Cuyamel Fruit Company* e, em destaque, a *United Fruit Company* dominaram regiões inteiras desde Honduras até a Colômbia e o Equador.

A partir da entrada dessas companhias notou-se uma grande força de contexto de construção de identidade nacional e de estrutura estatal organizacional. Isso posto, verificou-se que os movimentos e organizações afro e indígenas de hoje, foram, portanto, produtos de um processo de sindicalização que se desenvolveu na presença dessas indústrias.

O terceiro momento ficará restrito a abarcar como então se produz umas categorias étnico-raciais flutuárias. Para tal, abordaremos, então, de modo pertinentemente a construção duma mestiçagem única na região, a qual interatua com uma hierarquia sócio racial influenciada sobretudo pela presença das transnacionais e o fluxo migratório, trazendo um relacionamento com a população onde construiu-se o “nós” e os “outros”. A variedade de categorias étnicas e raciais usadas tanto pelo estado quanto pela população se redefinem em 1990 com a virada multicultural e a introdução de um discurso de miscigenação.

### **3.1. De colônia a República Bananeira: breve história do enclave bananeiro em Honduras.**

A história de Honduras está cheia de complexidades em todos os seus campos, no entanto, o tópico das bananeiras entrelaça-se na complexidade da evolução de identidade nacional e étnica. A princípio da segunda etapa do século XIX se desenvolveu na costa da Honduras um império bananeiro, os primeiros cultivos se

desenvolveram nas *Islas de la Bahía*<sup>18</sup>, onde a fruta era comercializada em poucas quantidades, usualmente para venda local. A banana pouco conhecida no ocidente foi bem recebida e os vendedores americanos embolsavam boas ganancias. Em pouco tempo a venda da fruta começou a adquirir maior importância na economia local das ilhas e gradualmente atraiu maiores compradores americanos chamando, assim, à atenção do estado hondurenho.

O interesse radicava no potencial que tinha o fruto em trazer receitas para o Estado o que levaria a se solidificar um sistema de compra/venda de monocultura, principalmente os vinculados a compradores americanos. Segundo Santos Centeno García no seu livro *Historia del Movimiento Negro em Honduras* (1997), dentro desse grupo de produtores, encontravam-se agricultores garinagu e negros Creoles.

O apoio do Estado para a economia bananeira resoluto em duas ações por parte deles: a primeira, estabeleceu-se uma concessão para o cultivo; e a segunda, iniciaram-se projetos de canalização dos rios para facilitar a mobilização do produto via aquática. (LAINEZ e MEZA, 1973, pp. 189). A primeira concessão bananeira inicia com os irmãos Felix, José e Lucas Vaccaro de ascendência italiana e residência americana que fundaram a empresa “Vaccaro Brothers”, a qual anos depois mudaria o nome a *The Standard Fruit Company* na região do *Valle del Aguán*.<sup>19</sup> A concessão permitia aos Vaccaro a expansão dos seus cultivos com a construção de uma tranvia ao vapor, uso das terras para transporte e construção de áreas de armazenamento de monocultura. Dessa forma, começou-se a era da comercialização da banana e, também, a chegada da segunda onda migratória de negros ao país (LAINEZ e MEZA, 1973, p. 193)

---

<sup>18</sup> Departamento de Honduras que consiste em três ilhas- Roátan, Guanaja e Utila. Através dos anos até 1859, as ilhas foram controladas por diferentes colonizadores como os ingleses, holandeses e espanhóis. Hoje é território hondurenho onde podemos encontrar Negros Creoles, mestiços e estrangeiros.

<sup>19</sup> O *Valle de Aguán* Está localizado a 600 km da capital da República, se conecta com a estrada Tegucigalpa-La Ceiba. Ele inclui os municípios de Olanchito, Jocón, Arenal, no departamento de Yoro, Esquipulas del Norte, Olanchito e Saba, no departamento de Colón. Possui uma área de 3.500 km<sup>2</sup> é uma das áreas principais de produção agrícola. Nos últimos anos tem sido o centro de disputas entre camponeses, indígenas e habitantes contra latifundiários.

A reforma Liberal de Ramón Rosa e Marco Aurelio Soto no ano de 1876 permitiu a entrada de investidores norte-americanos na economia nacional; começando com a entrada de concessões mineiras com a *Rosario Mining Company* e, mais tarde, o governo cedeu a parte do território às transnacionais, sendo que muitas das terras eram ocupadas pelas comunidades Garífunas (ODECO, *post* 2 de fevereiro, 2016). Entre elas construíram o transporte ferroviário no Norte (ver Mapa #5 em Anexos) e semearam o cultivo ao redor da linha férrea (GONZÁLES, 2006, p.206).

Já no ano de 1898, os Estados Unidos importavam ao redor de 16 milhões de cachos de banana, administrados por um aproximado de 100 empresas exclusivas ao negócio da banana (LAINEZ, MEZA, 1973, p.119). No entanto, para o ano de 1899, ano da fundação da United Fruit Company (UFCo.), a maioria destas empresas desapareceram e ficaram apenas cerca de 22 empresas. Em Honduras, as três grandes companhias que monopolizaram a monocultura eram as: *The United Fruit Company*<sup>20</sup>, *The Standard Fruit Company*<sup>21</sup> e *The Cuyamel Fruit Company*<sup>22</sup>. Estas companhias absorveram as de menor escala e se expandiram. A relação entre o Estado hondurenho se solidificou e as companhias bananeiras facilitaram à privatização da terra comunal, ajudando a estabelecer políticas em favor das transnacionais e assim, a desapropriação das terras Garífunas foi acrescentada.

Tudo isso, foi produto de uma fusão entre a Boston Fruit Company e três companhias de Minor Cooper Keith (Tropical Trading and Transport Company, Colombia Land Company,Ltd. E Snyder Banana Company). A criação da United Fruit Company marcou a história da economia, como argumenta Elise Herrie (2010), “[...] o fim duma era de pioneirismo e o início de uma nova, que fez da banana um item altamente importante do comércio mundial” (p.7).

---

<sup>20</sup> Também conhecida pela subsidiária Tela Railroad Company

<sup>21</sup> Conhecida também como Vaccaro Brothers Co.

<sup>22</sup> Previamente conhecida como Hubbard-Zemurray Company, fundada por Samuel Zemurray e Ashbel Hubbard com uma inversão da United Fruit Company, a qual foi dona do setenta por cento da companhia.

É a partir da fundação da UFCo que, finalmente, os estadunidenses atingiram o território de América Central com o trinômio infalível: expandir e agilizar a plantação, produção e transporte da banana. Langley e Schoonover (1995) indicam que a UFCo “se estabeleceu em países como Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Guatemala, mas Honduras foi o único anfitrião para *The Cuyamel Fruit Company*” (p. 21). Segundo Herrie (2010) “a nova empresa se apropriou de 112 milhas de estrada ferroviária e 212.394 acres de terra, dos quais 61.263 acres estavam em produção” (p.7).

Segundo Keri Vacanti Brondo (2013),

By the start of World War I, the banana companies had been granted 416,500 hectares (1,029,194 acres) of fertile land on the north coast (Ruhl, 1984, p.39). As a result, the three companies eventually came to control the majority of good land on the Caribbean Coast, owning 75 percent of all the Honduran banana groves. Bananas accounted for 66 percent of all Honduran exports in 1913, making the companies extremely powerful players in Honduran politics. During the first half of the twentieth century, managers of the United Fruit Company and the Standard Fruit Company were perceived of as exerting as much power (if not more) as the Honduras president (Merrill, 1993)” (p. 24).<sup>23</sup>

A cumplicidade entre as transnacionais e os governos nacionais forjaram uma rede de negócios em que funcionários corruptos começaram a apropriar-se de terras para vender às companhias ou para ficar com elas. A medida que as companhias bananeiras se expandiam, as terras que eram de posse dos Garífuna foram tomadas. Nesta época os Garífunas tinham títulos das propriedades de caráter ejido, o que facilitava a intervenção estatal<sup>24</sup> (EURAQUE,2009,

---

<sup>23</sup> Tradução Nossa. Para começo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as companhias bananeiras proseiam 416,500 hectares de terra fértil na costa norte (Ruhl, 1984: 39). Como resultado as três empresas, eventualmente, monopolizaram a maioria da terra boa na costa caribenha, tornando-se a proprietária do 75 por cento dos bananais da Honduras. Em 1913, as bananas foram responsáveis do 66 por cento de todas as exportações de Honduras, fazendo das empresas jogadores extremamente poderosos na política de Honduras. Durante a primeira metade do século XX, os gerentes da United Fruit Company e Standard Fruit Company foram percebidos com tanto poder (se não mais) como o presidente de Honduras (Merrill, 1993). (Brondo, 2013, p.24).<sup>23</sup>

<sup>24</sup> Como mencionamos no primeiro capítulo desta dissertação, existem cinco modos de posse de terra: a **Nacional** que é a terra do Estado, mas não tem título; **Ejido**, terras pertencentes a municípios, pode ou não ter título; **Tax-ejido**, terras que foram doados ou adquiridos pelo Estado,



BRONDO,2013), em pouco tempo os garinagu tiveram que abandonar suas comunidades e seu território. Segundo Burns (2005), as companhias americanas financiavam partidos políticos e conspiravam entre eles, além controlar o governo e até mesmo o exército, que era treinado e comandado pelas tropas americanas, o maior propósito era, sobretudo, proteger os interesses das empresas.<sup>25</sup> Contudo, esse modelo levou rapidamente a formar um enclave bananeiro na região norte do país, o qual afetou de forma irreversível as relações econômicas, sociais e político-administrativo.

A concentração de habitantes tanto nacionais como estrangeiros cresceu em cidades onde se comercializava a banana. A expansão das bananeiras agilizou a migração interna nos departamentos onde moravam os Garinagu ao núcleo das cidades onde se efetuava o comércio da banana, especialmente, as cidades como La Ceiba, Trujillo, Puerto Cortes e, também, cresceu a importação de negros das Índias Ocidentais.<sup>26</sup> Segundo Santos Centeno (1997):

“[...]La Ceiba atrajo a venir a la ciudad un importante número de población garífuna joven, para emplearse en diferentes actividades, desde los puestos ofrecidos por el gobierno, has los puestos ofrecidos por la empresa bananera. En el sector de servicios, los garinagu se emplearon como cocineros, ayudantes en los casinos, cantineros, meseros en el Mes Hall, panaderos, jardineros, mandaderos y empleados para cuidar niños de los empleados de la compañía frutera<sup>27</sup>” ( p.66).

Acrescentando o argumento de Santos Centeno (1997), Euraque (2003), expõe que entre a década dos anos trinta, 20 por cento da população do país residia nos

---

tem o título; **Privado-ejido**, é a terra que o município tenha comprado ou foi doado para algum tipo de projeto, sem título; E finalmente, as **terras comunais** ou **ejido** que é a forma atual da posse da terra dos Garífuna (AMAYA, 2004, p. 83).

<sup>25</sup> Garífuna in "AFRO TROPICAL", Allan F. Burns, Ph.D., College of Liberal Arts and Sciences, University of Florida. 2005. Acesso 5/15/16 in <http://www.clas.ufl.edu/users/afburns/afrotrop/Garifuna.htm>.

<sup>26</sup> Conhece-se como Índias Ocidentais às Antilhas Maiores e Menores e as Bahamas.

<sup>27</sup> A cidade de *La Ceiba* atraiu um grande número de população jovem Garífuna, para uso em diferentes atividades, desde as posições oferecidas pelo governo, até posições oferecidas pela empresa bananeira. No setor de serviços, os Garinagu foram empregados como cozinheiros, ajudantes em casinos, barmen, garçons no Mes Hall, padeiros, jardineiros, mensageiros e funcionários municipais para filhos de empregados da empresa de frutas (tradução nossa).

departamentos<sup>28</sup> da zona norte. Os garinagu, que tinham sido a maior população na área, tiveram de se deparar com “uma “invasão” de mestiços, árabes, britânicos e indianos ocidentais na medida que mais e mais pessoas se mudaram para a área em busca de oportunidades de trabalho e crescimento económico” (p.242).

Uma vez que os empreendedores conseguiram territórios, começaram a plantar vários tipos de plantas comerciais de exportação, viável para explorar o produto básico, no entanto, ainda assim, continuou faltando um dos fatores mais importantes: mão de obra. Para suprir esta deficiência a companhia bananeira começou a promover diferentes vantagens monetárias que faria a área um polo de atração para a mão obra. Daqui em diante veremos como a historiografia da UFCo em um princípio encerra as diversas populações étnicas, tirando a etiqueta de “simples operário”.

### 3.2 O ouro verde e a terra fértil

A United Fruit Company estabeleceu um enclave bananeiro, como mencionado anteriormente, acarretando um sistema de transporte e uma onda migratória. “Desde Tela e La Lima, desde Trujillo e Puerto Castilla; No Valle de Sula em direção a Guatemala, em Omoa e Puerto Cortes estava assentada a *Cuyamel Fruit Company*; La Ceiba e seus arredores foi posse da *Standard Fruit*” (CARIAS ZAPATA, 2004 *apud* CUISSET, 2014, p.91, *tradução nossa*). Esse tipo de modelo de enclave, reconhece-se baixo o conceito de *Company Countries* desenvolvido pelo cientista social Marcos Kaplan (1960). Esse monopólio territorial e econômico, onde a companhia excedia dos seus próprios poderes para se beneficiar, lucrar e extrair o máximo de países politicamente instáveis com economias fracas, começa com a introdução de companhias como a *Cuban American Sugar Company* em Cuba até a *United Fruit Company* no literal

---

<sup>28</sup> O que no Brasil a divisão territorial é em estados, na Honduras a organização territorial é em departamentos.

caribenho centro-americano (KAPLAN,1969, p. 271 in ORTEGA; ELIAS-CARO,2013, p.6).



Figure 5 Rotas Comerciais lideradas pelo United Fruit Company em América Latina no ano de 1909. Fonte: Biblioteca Mundial de la UNESCO (2010) in ELIAS-CARO e ORTEGA, Multinacionales Bananeras e imperio económico en el Gran Caribe: 1900-1940, Revista Escuela de Historia [en línea], 2013. Acceso: 17/06/16/ Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63839928003>

O *Company Countries* divide-se em duas indústrias, a primeira em *Banana Republics* e a segunda em *Petroleras*. Nos concentramos aqui no termo de *Banana Republics* que nasce com a obra literária de *Cabbages and Kings* do autor William Sydney Porter (1862-1910) melhor reconhecido como O. Henry. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1904 como uma referência a Honduras sob o nome literário de Anchuria. O livro trata sobre uma aldeia da América Central. Vemos a seguir a citação do livro em referência à República de Honduras.

“At that time we had a treaty with about every foreign country except Belgium and that banana republic, Anchuria” (HENRY, 2002 [1904]).<sup>29</sup>

A importância de mencionar isto, como indica Ernesto Pérez Brignoli (2006), é que tanto os norte-americanos como os intelectuais nacionais da região ainda se referem a Honduras baixo este termo dada a economia que se estabeleceu.

Veremos nesse seguinte capítulo, como a *posts* das organizações fez referência a este fato histórico como o desenvolvimento de uma política de desterritorialização. Na época, a United Fruit Company foi conhecida e referenciada pelos trabalhadores como “O pulpo”. O nome surgiu como uma metáfora da expansão da bananeira a diferentes campos laborais e sociais na zona norte da Honduras (Harris, 2010).

### 3.2.1 Bananas e a organização sindical dos trabalhadores

Segundo Victor Meza (1981) as primeiras greves das organizações sindicais dos trabalhadores começaram no ano de 1916 na *Cuyamel Fruit Company*, composta por aproximadamente 600 operários, as pautas de reivindicações puderam ser resumidas em duas demandas: a primeira, por um melhor salário; a segunda, por melhores condições de trabalho.

---

<sup>29</sup> Tradução nossa. Naquela época nós tivemos um tratado com quase todos os países estrangeiros com exceção da Bélgica e aquela república das bananas, Anchuria "

A empresa Cuyamel Fruit Company, como outras empresas bananeiras, criou uma rede econômica, composta por: casas de câmbio que trocavam o dólar a menor valor do que de fato era considerado nacionalmente, contratos salariais que não respeitavam as leis nacionais e exploravam os trabalhadores. A evidência desses casos, são vistos nos artigos salariais que estabeleciam o seguinte:

A empresa paga todas as pessoas ao seu serviço, excluindo contratos especiais, cada segundo domingo do mês, parte do valor do seu serviço ou a totalidade dos pagamentos em atraso; a menos que esse dia ter cortado ou remessa de frutos em que o pagamento será adiado para a seguinte conclusão dia da expedição (LAINEZ, MEZA, 1973, p. 256 in MEZA, 1981, p. 23).

É neste contexto que nas greves em *The Cuyamel Fruit Company* onde é visto as primeiras mostras de antagonismo entre as diferentes etnias. Os negros foram usados pelas bananeiras como fura-greves e é aqui quando se começa a incubar uma hostilidade e ressentimento para com eles (MEZA, 1981).

No ano de 1920, mais uma greve dos trabalhadores envolvia a exploração e a falta de pagamento na moeda prometida, mas nessa vez a greve era na companhia dos irmãos Vaccaro. No ano de 1921, forma-se a Federação de Obreiros Hondurenhos (FOH), porém, infelizmente, no final da década de 20 a FOH não manteve a coesão dentro da organização. Diante essa conjuntura mencionada, a Federação Sindical Hondurenha (FSH) surge em um congresso de trabalhadores, no qual fundam também seu próprio periódico que teria a voz da federação (MEZA, 1981).

Nos anos seguintes existiram diversas greves ao redor dos diferentes assentamentos na Costa Norte. Em 1932, houve muito antagonismos político e diversas atividade sindicais clandestina, mesmo com a clandestinidade, o movimento obreiro conseguiu se organizar durante os primeiros meses do ano e manteve uma greve de dois meses. Além da repressão instaurada havia uma advertência muito grande a respeito da expansão comunista, esta que ascendia na América Central; os Estados Unidos prestaram mais atenção no que estava

ocorrendo nas companhias bananeiras e viram as greves como uma reação da influência da propaganda comunista.

Eventualmente, começou a fazer negociações com o governo hondurenho e os Estados Unidos, estabeleceu-se no país uma política anticomunista. No ano de 1933 chega ao poder, mais uma vez, o Geral Tibúrcio Carias Andino<sup>30</sup>, o qual impõe uma ditadura militar por dezesseis anos que desmonta todas as organizações sindicais (GARCIA, p. 61-62 in MEZA, 1981, p.59). O *Cariato*, como nomeado na era da ditadura o Geral Tibúrcio Carias, ajudou as bananeiras a construir um sistema baseado na exploração do trabalhador em condições deploráveis, e que baniou as greves e manifestações dos trabalhadores.

A vida nas bananeiras durante a primeira metade do século XX foi marcada pela insurgência de movimentos trabalhistas nos países sede das transnacionais, muitos dos quais acabaram em matanças, intervenções militares estaduais ou estadunidenses. Em Magdalena, Colômbia após uma série de greves centenas de trabalhadores morreram em mãos das tropas colombianas, as quais foram enviadas com o fim de acabar com a greve que tinha durado um mês (ELIAS-CARO e ORTEGA, 2013, p.21).

Na década de 1950, Honduras não era o único país em que estavam surgindo e ressurgindo greves por causa da exploração de mãos de obras para o plantio e colheita das bananeiras, arquivos na base de dados da *Central Intelligence Agency* (CIA) mostram que as greves estavam acontecendo também no Equador, Colômbia e Costa Rica, ou seja, todos os países sede da UFCo. No ano de 1950, a costa norte hondurenha se converteu no quartel-general de encontros de sindicatos e partidos políticos centrados em proteger o proletariado (formado, sobretudo, pelos trabalhadores e camponeses vizinhos), foi neste contexto de

---

<sup>30</sup> O Geral Tibúrcio Carias Andino foi brevemente presidente no ano de 1924 pelo *Partido Nacional*. O Partido Nacional chegaria a ser na Honduras a contra do *Partido Liberal*. Honduras seria *afundando* num bipartidismo político pelos seguintes anos até recentemente na história da Honduras. O Geral governou desde 1933 até 1949.

insurgência que os negros garinagu e os negros creoles ganharam um pódio para levantar sua voz (MEZA, 1981).

Já nos fins da ditadura de Carias, a indústria bananeira estava enfraquecida atingida pela depressão econômica que tinha começado em 1929. Nesta época, devido as doenças e o sindicalismo, centenas de trabalhadores perderam emprego, assim a produção e exportação do monocultivo declinou. Depois de anos de repressão e de condições deploráveis, os trabalhadores se organizariam mais uma vez para o que seria a maior greve de significativa na história do sindicalismo hondurenho, a greve de 1954.

Conforme a Meza (1980) “*La Gran Huelga Bananera del ‘54*”<sup>31</sup> marcou uma confrontação social e econômica entre os proletariado e as elites das bananeiras, é considerada, até hoje, o evento mais importante na história do movimento dos trabalhadores e é lembrada em cada oportunidade de reorganização sindical. A greve paralisou a produção, a comercialização e a exportação de bananas por 69 dias, incluiu todos os trabalhadores da UFCo e parte da *Standard Fruit Company* sem distinção de raças. Brevemente aqui, resumimos em três pontos as demandas dos trabalhadores para a UFCo: 1- incremento do salário nominal e pagamento deste em moeda local, pois muitas vezes o pagamento era feito em cheques que eram trocados nas lojas dentro das mesmas bananeiras; 2- melhores condições de trabalho que inclui menos horas de trabalho, melhor equipamento e mais descansos entre horas; 3- melhor serviço de vida (inclui-se aqui, atenção hospitalar por conta de acidentes ou doenças, descanso, e condições higiênicas nas moradias) (ELIAS-CARO e ORTEGA, 2013, p.25).

A repercussão social, política e econômica da greve, marcou o início da nova era nos movimentos sociais, onde a massa laboral elaborou uma série de demandas com consequências sócio-políticas e jurídicas. A greve se formou num contexto em que o ouro verde<sup>32</sup> liderava a economia hondurenha. Salienta-se que apesar

---

<sup>31</sup>Grão Greve Bananeiro do 1954.

<sup>32</sup> Sinônimo dos grandes lucros que trazia a produção das bananas.



dos grandes lucros produzidos em anos anteriores, as transnacionais encontravam-se em um período de recuperação econômica após, como mencionado anteriormente, as guerras, as pragas nos cultivos e as doenças. Mas, ressaltamos aqui que, a greve é produto de anos de exploração laboral, de repressão social, política e econômica por parte das indústrias.

Esse movimento teve grande importância, uma delas foi que abriu um campo para que os negros, os Creoles e os Garífuna se organizassem não só em sindicatos com fins político-judiciários, mas, também, em organizações em clubes com diferentes finalidades.<sup>33</sup> Entre essas organizações, destaca-se *La Sociedad Cultural Abraham Lincoln*, criada em 1958, foi a primeira organização negra hondurenha, inspirada pela luta dos direitos civis nos Estados Unidos, a qual incluía os povos Garífunas e Negros Creoles (Garcia, 1997). Ela se tornou a fundação de movimentos, sindicatos e organizações negras. No futuro, muitos dos seus membros fundaram na década dos setenta a *Organización Fraternal Negra Hondurenha* (OFRANEH) e nos anos noventa, a *Organización de Desarrollo Étnico Comunitário* (ODECO).

A organização era composta por uma diretoria de 6 membros: um presidente, vice-presidente, secretário de atas, secretário geral, fiscal e um tesoureiro. O secretário de atas era o autor do livro *História del Movimiento Negros Hondurenho*, isto é, Santos Centeno Garcia (1997) o qual nos relata, a visão que tinha o movimento na hora da sua criação. Ele aponta o seguinte:

Los miembros directivos de la Sociedad Lincoln no elaboraron al comienzo de su gestión, un plan de trabajo específico, que enlazara los objetivos de la organización con los problemas de la comunidad negra y los del resto del país, aunque sí existía un conocimiento general de los enemigos comunes de la comunidad negra y, a partir de este conocimiento, la nueva *Sociedad Cultural* tomó como bandera de lucha, la reivindicación social y política del negro hondureño a través de la búsqueda de la justicia social.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Note-se aqui que quando usamos a palavra “negro (s)” nos referimos aos garinagu e aos negros Creoles, pois ambos tinham sido colocados na mesma classificação de obreiros de cor.

<sup>34</sup> Tradução Nossa. Os membros da *Sociedad Lincoln* não desenvolveram no início de sua administração, um plano específico de trabalho que ligara os objetivos da organização com os problemas da comunidade negra e no resto do país, embora tenha havido uma compreensão geral dos inimigos comuns da comunidade negra e para os inimigos comuns da comunidade negra e

A sociedade mantinha uma profunda relação com a luta dos direitos civis nos Estados Unidos, influenciou a luta do movimento negro na costa norte. No início, a organização denunciava, sobretudo, a exploração de mão de obra trabalhadora na indústria bananeira (BRONDO, 2010, p.38), uma vez que o racismo e a discriminação na zona norte eram latentes. Assim, observava-se uma discriminação racial profunda na população e uma série de políticas similares à segregação que viviam os negros nos Estados Unidos. A *Sociedad Abraham Lincoln* denunciou uma quantidade significativa de ataques racistas e segregacionistas para com os negros. Essa luta contra a discriminação racial, posteriormente, torna-se uma luta pelos seus direitos territoriais, culturais e sociais.

As reivindicações pelos seus direitos geraram vitórias, as quais foram reflexos de anos de movimentos que exigiam aos governantes medidas e, além disso, conscientizavam a população sobre os seus direitos.

Neste tópico abordamos, através das leituras, que as transnacionais não tinham só imposto um enclave econômico, mas, também, tinham transportado e reproduzido o racismo e políticas segregacionistas dos Estados Unidos a região do enclave e aos governos estatais.

### **3.2.2 A presença Garífuna e Negros Creoles nas bananeiras**

Esta seção é constituída por dois pontos que nos ajudarão a compreender como a presença das indústrias bananeiras na costa Norte de Honduras afetou: a constituição dos fluxos migratórios, a construção de uma identidade e os territórios Garífuna. O primeiro, trata-se de como a necessidade de mão de obra para o incremento da produção do monocultivo criou um aumento na população na área que eventualmente contribuiria à expropriação das terras do garinagu e à

---

deste conhecimento, a nova Sociedad Cultural tomou como bandeira, as demandas sociais e políticas do negro hondurenho

segregação e discriminação das populações negras. O segundo, trata sobre como a mão de obra *negra* criaria uma ameaça ao projeto de criação do Estado-Nação hondurenho contribuindo a tensões e hostilidades entre os *ladinos*, (termo que viraria em pouco tempo em *mestiço*) e os negros. Veremos neste item como essa onda migratória, trazida pelas indústrias bananeiras, afetou como a população hondurenha (neste caso trata-se de mestiça) viam a *negritude* da população trabalhadora como uma ameaça à nação "*mestiça*". (EURAQUE p.237 *apud* STRIFFLER e MOBERG, p. 231).

No marco dos finais do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento das indústrias bananeiras, em 1906 houve uma segunda onda imigratória. Este ano, teve ainda: a Reforma Liberal em Honduras e a migração, como mencionamos antes. Essa onda imigratória, formou parte importante do desenvolvimento de diferentes projetos como, por exemplo, a grande escala no país com a construção de estradas, vias férreas, docas e "projeto de fura-greves". Um número significativo de trabalhadores do proletariado era mestiço, garinagu e de grupos predominantemente de ascendência Africana, proveniente das Índias Ocidentais trazidos pelas empresas que se incorporaram as atividades produtivas da região. Lembremos que a primeira onda foi na época colonial, de disputa territorial entre a Espanha e a Inglaterra, onde escravos negros africanos foram importados às Américas.

O nome de *negros creoles*, segundo Amaya Amador (2007), nasce para identificar os negros vindos das índias ocidentais que falavam um inglês misturado com alguma língua local. Hoje eles estão concentrados no departamento de Islas de la Bahia, nas cidades de Roatán e Guanaja e em outras cidades do litoral caribenho (p.116). Os garinagu os chamavam de *negros ingleses* por conta de sua fala e por chegar a ser parte da elite entre os negros (Ver Mapa #5).

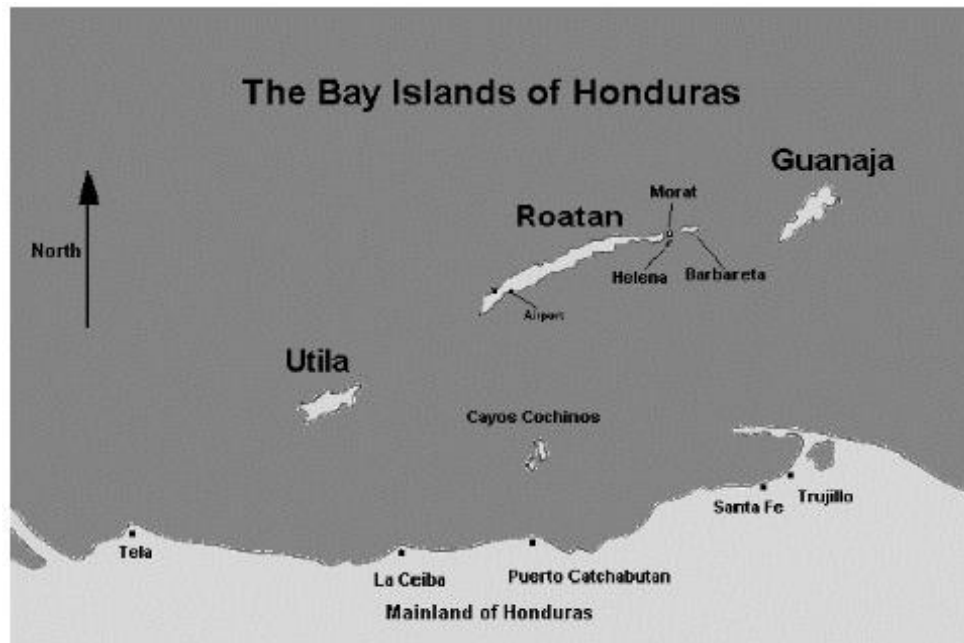


Figure 6-Mapa do litoral caribenho onde podemos observar as principais cidades de assentamentos dos negros ingleses. Fonte: AMADOR, Ramón A. Los negros ingleses en Honduras: etnohistoria, racismo y discursos nacionalistas excluyentes en Honduras. *Sociedad y Economía*, no. 12, pp.115-129, 2007.

É difícil conceber a quantidade de negros vindos, mas segundo Amaya Amador (2007) em 1920 a UFCo trouxe ao redor de 3.500 *negros creoles* (p.120). Pablo Yankelevich (1990), concordando com Amador, estima que em 1922 existia na costa norte de Honduras entre 3.500 a 5.000 *negros creoles* (p.566 in AMADOR, 2007, p.120).

Segundo Elias Caro e Ortega (2013), a companhia preferia contratar *negros ingleses* por eles falarem inglês, aprenderem rápido os ofícios industriais e domésticos. Além disso, sobreviviam em lugares inóspitos, onde a febre amarela era a maior ameaça. Segundo Kepner (1967), os migrantes das índias Ocidentais tinham um porte físico forte, estavam dispostos a se sacrificar nas áreas remotas, húmidas e quentes, além de terem pouco interesse em se alfabetizar, o que favorecia aos donos das bananeiras (p.57 in AMAYA, 2007, p.118).

O governo inglês proporcionou um número alto de trabalhadores, no entanto, foi o Haiti quem contribuiu para a principal fonte de mão de obra (2013, p.21). Os

negros (Garífunas e Negros Creoles), usualmente chamados de *lazy savages* (selvagens preguiçosos) eram considerados inferiores. Na época, existia uma hierarquia desses excluídos, onde os negros ingleses ficavam em um ranking superior que os garinagu, índios e mestiços. Este ranking, elaborado pelos altos dirigentes das indústrias bananeiras e afetou a fraternidade que os indígenas e Garífunas tinham construído durante anos. Com o tempo os *negros ingleses* esqueceram de retornar às suas ilhas e ficaram em Honduras. Nesta localidade, muitos se misturaram com os garinagu e com os mestiços, no entanto, nessas misturas suas manifestações culturais se mantiveram, isto é, foram preservadas. Com o declínio da produção e o enfraquecimento econômico das bananeiras na década de 50, os garinagu e os *negros ingleses* procuraram migrar para os Estados Unidos (AMAYA, 2007, p. 119). Atualmente, estima-se que existem ao redor de 33 mil negros Creoles no país, porém, este número é difícil de confirmar pela falta de censos populacionais que incluam alguma categoria étnica.

Os prejuízos dos estadunidenses contribuíram aos atritos trabalhistas e sociais nas comunidades vizinhas. Referimo-nos a laborais, porque a medida que a importação e preferência pelos negros crescia, os mestiços foram cultivando ciúmes e achando que eles chegavam a roubar os trabalhos com melhor remuneração. Sociais devido aos preconceitos por parte dos estadunidenses pela cor da pele dos negros, isso foi reforçado na mentalidade dos mestiços, mesmo que os oficiais dentro das bananeiras conseguiam encaixar grupos dentro da mesma categoria de *simples obreiros*. Com isso, viu-se que a rixa entre os negros Creoles, Garinagu e mestiços aumentaram.

Amaya (2007) nos indica que as aversões entre os grupos continuam sendo retratadas na literatura hondurenha. A novela *Trópico*, do autor Marcos Carias Reyes, escrita em 1940, conta a história de um jovem que migra às plantações bananeiras em busca de novas oportunidades de trabalho. Na novela, os trabalhadores hondurenhos perdem seus trabalhos pela chegada dos *negros ingleses*.

- ¿Pero quiénes quedan por nosotros? Aquí no hay mecánicos.
- ¡Bah, eso no te preocupe, ayer vinieron unos negros. ¡Malditos beliceños! Todos en coro exclamaron:  
-¡Ah!- ...-Pero bien Anselmo, Mr .Morgan me dio trabajo aquí ¿Por qué me lo quita éste?  
-Pues hombre, muy sencillo, porque los negros valen más que nosotros.  
(p.153).<sup>35</sup>

Dario Euraque (1996) argumenta que, em vista da presença dos grandes contingentes de *negros ingleses*, os trabalhadores hondurenhos, bem como as autoridades nacionais começaram a olhar com desprezo a permanência desses negros em território hondurenho. O governo começou a tomar medidas para homogeneizar o cenário étnico-racial e pronuncia o uso de *mestizo* como uma categoria racial para descrever a população hondurenha. Nesta linha, Wade (2009) argumenta que os indígenas poderiam ser os cidadãos e índios ao mesmo tempo. Em contraste, os negros e ascendentes mistos dos escravos na região não constituíram como conjunto especial de cidadãos.

A xenofobia e a discriminação, em especial aos negros, ameaçavam à construção de uma identidade nacional homogênea, a qual foi abordada por uma reforma de leis migratórias, estas tornariam o ingresso de “*raças indesejáveis*” para os hondurenhos mais difícil. Apesar de sua presença em Honduras, antes da independência do país, os garinagu eram considerados *negros africanos* e foram incluídos ao grupo dos *negros creoles* pela sua cor da pele, posteriormente foram segregados e excluídos à zona norte do país. O uso do termo de mestiçagem ao mesmo tempo em que tentou unir uma nação foi fixado um só conceito de identidade como a camada de “diferenciação e hierarquia” (p.8).

É indiscutível que os *negros tanto “ingleses” e Garifunas* sofreram discriminação e racismo, especialmente aqueles que se estabeleceram na zona das bananeiras. A

---

<sup>35</sup> Tradução nossa. Mas quem nos substituirá? Aqui não tem mecânicos.

- Bah, que não se preocupe, ontem chegaram alguns negros. Malditos belizenhos!

Ah bem ...

- Mas Anselmo, o Sr. Morgan me deu trabalho aqui, porque vão me demitir?

Bem homem, muito simples, porque os negros são melhores do que nós. (P.153)

organização que se encarregou em lutar contra a xenofobia para com os negros nas cidades sede das bananeiras. A OFRANEH, após sua separação da *Sociedad Abraham Lincoln*, que a organização sentiu a necessidade de se separar e focar na reivindicação dos direitos Garífuna. Como tal, a organização reestruturou-se para uma luta cultural e, sobretudo, territorial demonstrando que os garinagu são vulneráveis como os outros grupos indígenas (BRONDO, 2010). Atualmente, a organização que defende os direitos dos chamados *negros ingleses* é a *Asociación de Trabajadores y Profesionales de las Islas de la Bahía* (NABLIPA), fundada em 1992, mesmo ano da fundação da *Organización de Desarrollo Étnico Comunitario* (ODECO) que, como explicamos no capítulo anterior, encaixa os *negros Creoles* e os Garinagu como afrodescendentes.

### 3.3 O processo da criação de Honduras e mestiçagem.

A independência da Espanha, deixou Honduras em estado de extremidade, sem sentido de nação. Na época, esta nova nação não contava com uma ideologia interna necessária para a criação de uma sociedade coesiva e inclusiva, bem pelo contrário. A ascendência europeia ou *criollos*<sup>36</sup> tentou modificar e reproduzir um modelo europeu, décadas mais tarde, a chegada das bananeiras e a quantidade de novas etnias que chegaram com elas, ameaçou o projeto da construção do estado-nação que ainda estava em andamento.

Neste capítulo abordamos como a produção da identidade foi definida em termos gerais homogeneizantes e se consistiu, como mencionamos no capítulo anterior, em dois grupos a) os mestiços como população hondurenha e b) os negros, os outros. Hoje, os Garífunas têm sido reconhecidos como indígenas devido à permanente referência às raízes indígenas, mas, existe uma luta constante por manter esse status na sociedade, principalmente reconhecida como *mestiça*.

---

<sup>36</sup> Criollos: Pessoas de ascendência espanhola, mas nascidos no continente americano.

Ressaltamos aqui, que a categoria de mestiço é usada para descrever as populações centro-americanas como descendentes da mistura entre indígenas e europeus.

### **Categorias raciais utilizadas em Honduras (1821-2015)**

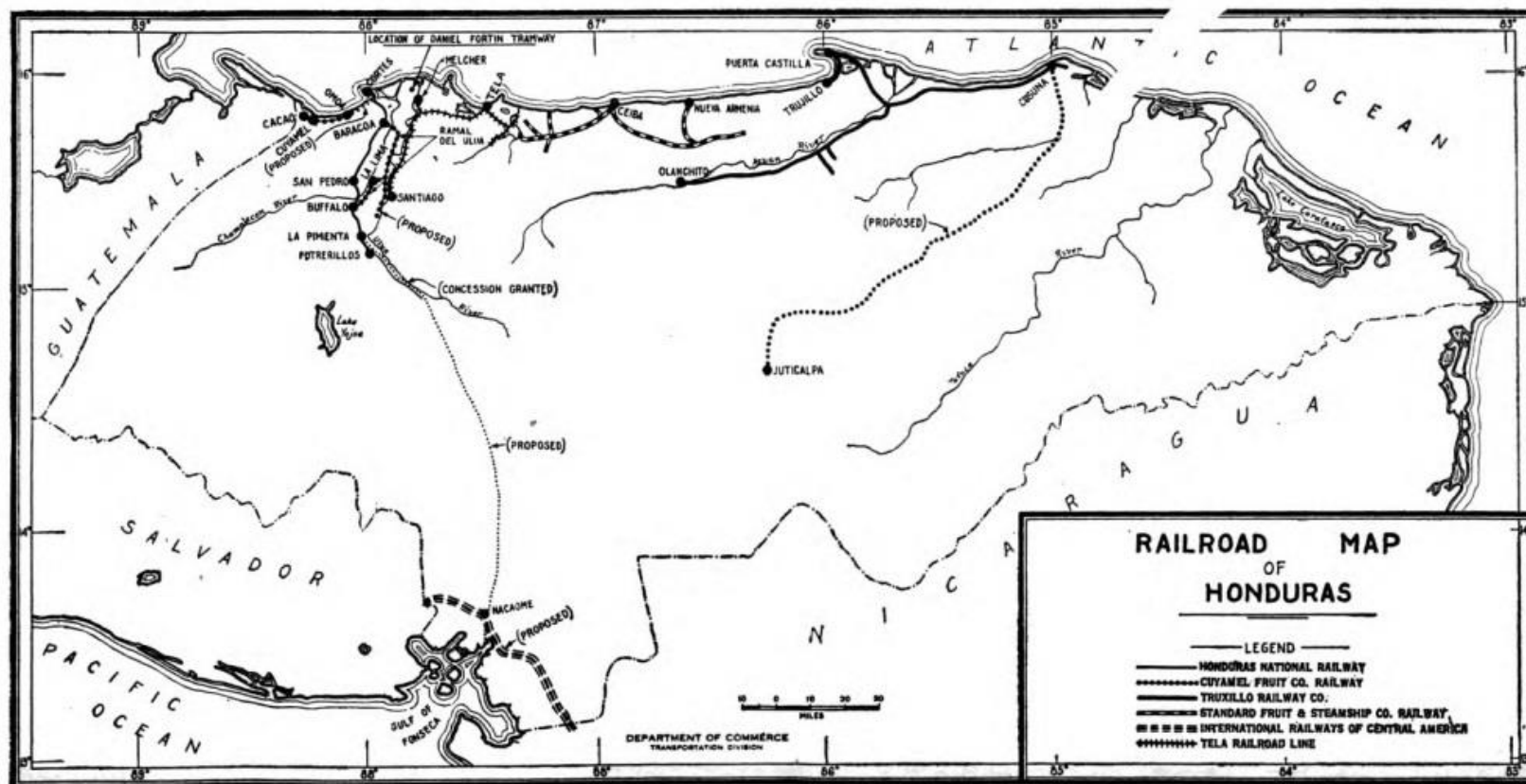
<b><i>Criollos</i></b>	Pessoas de ascendência espanhola, mas nascidas no continente americano.
<b><i>Ladinos</i></b>	Nome assinado devido ao cruzamento entre as várias etnias presentes no país.
<b><i>Morenos</i></b>	Como se conhecia aos garinagu antes da sua chegada a Honduras e até a reivindicação de seu nome como Garífuna (em singular) e Garinagu (em plural).
<b><i>Mulatos</i></b>	Os descendentes dos espanhóis em casamentos com os negros.
<b><i>Mestizos</i></b>	A descendência entre os espanhóis em casamentos com os indígenas e categoria que viraria o núcleo para o desenvolvimento duma identidade nacional.

*Figure 7 Categorias raciais usadas em Honduras entre 1821-2015 segundo nossa bibliografia.*



### Anexos-Capítulo 3

#### 1.1 Anexo 1- Mapa da linha ferroviária em Honduras



Mapa 5-Mapa da linha ferroviária de Honduras. W.Rodney Long. *Railways of Central America and the West Indies*. US Department of Commerce, Washington DC, 1925, p.54

## Anexo #2: Chamado à greve dos Trabalhadores em Guatemala no ano de 1954.

CIA HISTORICAL REVIEW PROGRAM

RELEASE IN FULL

2003

EL SINDICATO DE TRABAJADORES DE LA UNITED FRUIT COMPANY.  
(SETUFCO)

HACE LA SIGUIENTE DENUNCIA DE LOS ARTICULOS DEL CODIGO DEL TRABAJO QUE LA UNITED FRUIT COMPANY ESTA VIOLANDO O QUE NO CUMPLE.

1o.- No paga el séptimo día a sus trabajadores que no laboren uno ó dos días por enfermedad o licencias, no cumpliendo en esta forma con lo prescrito en el párrafo 2o. del Art. 126. del C. del T. ascendiendo a miles de quetzales dejados de pagar por séptimos días. (Días de descansos.

2o.- No paga á sus trabajadores del Abacá y otros centros de trabajo, los salarios legales en las distintas jornadas conforme conforme lo prescribe el Art. 120. del Código del Trabajo; ejemplo un trabajador labora 8 horas jornada diurna, á razón de Q.0.17. la hora, devengando las 8 horas diurnas laboradas Q.1.36. pero si labora 8 horas nocturnas la Empresa solo le paga 6 horas a Q.0.17. por hora, siendo en tal caso en 6 horas Q.1.02. más dos horas extras Q.0.26. por hora haciendo un total de Q.1.54.- Pero de acuerdo con el Art. 120. del C. de T. la UFCO. debe pagar á sus trabajadores en la forma siguiente: Si un trabajador laborando 8 horas en jornada diurna devenga Q.1.36. y laborando 8 horas nocturnas, debe devengar por 8 horas (JORNADA NOCTURNA) los mismos Q.1.36. más dos horas extraordinarias a razón de Q.0.33. por hora, que le daría un total devengado de Q.2.02.- Por lo expuesto se demuestra que la Compañía deja de pagarle á estos trabajadores Q.0.48. diarios que en un año representan miles de quetzales dejados de pagar.

3o.- La UFCO. hace á cada trabajador un descuento obligatorio en sus salarios, del 2% en calidad de pago de hospital, violando así lo prescrito en el inciso f) del Art. 62. del Código del Trabajo, que prohíbe á los patronos hacer ó autorizar colectas ó suscripciones obligatorias entre sus trabajadores, salvo que se trate de las impuestos por la Ley.

4o.- La UFCO. viola los Arts. 20. y 126. del Código del Trabajo obligando á los trabajadores del banano á laborar los días Domingo día que por costumbre en esa zona es el de descanso ó séptimo día, imponiéndoles suspensiones indebidas o arbitrarias á los que refusen laborar ese día, infringiendo así la Ley laboral, porque legalmente la Compañía no puede imponer suspensiones sin goce de salario, como medida de corrección disciplinaria mientras no tenga en vigencia su reglamento interior de trabajo que indica el Art. 60. de la Ley citada, que es el que prescribe las sanciones ó disposiciones disciplinarias.

5o.- La Empresa viola el inciso c) del Art. 62. del C. de T. al tratar por medio de sus Administradores y capitanes, á que los trabajadores sindicalizados se retiren del Sindicato.- Esto se lo podemos probar a la Empresa en el momento que así lo desee.

6o.- En ciertos casos la Empresa no paga en su oportunidad los auxilios que por enfermedad establece la Ley, y al reclamarse se niega ó efectuar estos pagos, poniendo pretextos y al final alegando prescripción.- También tenemos prueba de ello, y las autoridades de trabajo tienen conocimiento.-

7o.- La Empresa limita el trabajo de los que laboran a destajo: Ejemplo, si un trabajador encuentra favorable el trabajo y logra hacer de 5 acres de chapia, al día siguiente no se le permite trabajar y en las planillas le anotan un acre por el día laborado y el otro por el día que no lo dejan trabajar. Tenemos prueba de ello y las autoridades respectivas tienen conocimiento de ello.

Depto 1425

80.- La Compañía viola el Art. 132. del Código del Trabajo que prescribe que debe dársele las vacaciones a los trabajadores dentro de los 60 días siguientes al día que se cumple el año de servicio continuo. La Compañía dió las vacaciones a sus trabajadores en 1,348. hasta los 6 meses después de haber cumplido el año continuo de servicio, esto es tomado como base la fecha que entró en vigencia el Código del Trabajo.

La Compañía debió haber dado las vacaciones a sus trabajadores en los meses de Mayo y Junio, y no en los meses de Noviembre y Diciembre como la Compañía lo ha hecho.-

90.-La Compañía viola el Art. 121. de la Ley Laboral, al no pagar las horas extraordinarias que laboran sus trabajadores los cuales devengan salario por mas tales como Telefonistas, Operadores de Planta Eléctrica y de Viento, de Transportación y Mecánica, apesar de que ya fué sancionada por la Honorable Sala de Apelaciones de Trabajo y Previsión Social en sentencia dictada el 3 de Julio del año próximo pasado.

10.-La Compañía viola el Art. 134. del C.de T. con relación al salario que el trabajador debe recibir con motivo de sus vacaciones, haciendo los cálculos sin incluir los salarios correspondientes a tres horas semanales, de acuerdo con el párrafo 60. del Art. 116. del mismo Código de Leyes, ni el valor de los séptimos días contraviniendo además con esto lo prescrito en el primer párrafo del Art. 88. de la misma ley laboral, con esto la Compañía deja de pagar miles de quetzales que les corresponden a los trabajadores por vacaciones.

Según última comunicad de nuestra Central en Morales, tenemos conocimiento que la Empresa tiene en mente hacer una rebaja de BRACEROS que fluctua entre 600 a 1500. Teniendo entendido que la Empresa solo espera que el Tribunal Jurisdiccional de Trabajo renuncie sus labores para solicitar la autorización correspondiente.

El criterio de los Dirigentes del SETUFCO. con relación a esta Maniobra de la Compañía obedece a despedir TRABAJADORES SINDICALIZADOS y a los que apoyan el pliego de peticiones que actualmente se encuentra planteado en el Juzgado de Trabajo correspondiente para que si en caso llegado el momento de una Huelga, no surta efectos legales, puesto que únicamente quedarían los que no apoyan dicho movimiento.

Así mismo creemos que si llegara una Huelga Legal, argumentar la quiebra en que se encuentre poniendo como base la reducción de sus Fines, que intencionalmente está botando, y no por tal enfermedad Panamá.

COMITE EJECUTIVO DEL SINDICATO DE TRABAJADORES DE LA UNITED FRUIT COMPANY. (SETUFCO)

La Confederación de Trabajadores de Guatemala, reproduce estas denuncias de los Compañeros trabajadores del Norte, y solicita de todos sus afiliados, la solidaridad fraternal para ellos, enviando telegramas al C. Presidente, y de protesta a la United Fruit Company.

POR LA UNIDAD DE LA CLASE TRABAJADORA DEL PAIS.

COMITE EJECUTIVO DE LA C.T.G.



#### 4. As mobilizações dos garinagu no ciberespaço: uma análise etnográfica.

No capítulo anterior abordamos brevemente a história do enclave econômico e político das plantações da “zona bananeira”, contexto onde nascem as primeiras organizações que tinham entre suas agendas políticas a luta de direitos dos *Garinagu* e dos *Negros Creoles*. Tal distinção étnica não foi inventada nessa época, mas sim adquiriu relevância devido as formas de organização do trabalho e da divisão imposta pelos empregadores com um ceto racializante desses grupos.

Tal diferenciação ganhou ao longo das décadas contornos próprios, passando de uma interpretação culturalista, como vimos, para inserções nacionalistas de muitas tonalidades. Desde as ondas multiculturais da década de 1990, ao acento em uma autodeterminação étnica dos grupos Garífuna que se modelou com maior clareza, especialmente, pelos contextos de expropriação fundiária, seguida da recusa dos governos em considerá-los como parte no processo de desenvolvimento econômico, e não um apêndice histórico a ser eliminado pela integração à nação.

Decorre que o processo de constituição dessas identificações étnicas não teve um centro político muito claro, o que não é um problema, haja vista os diferentes centros culturais, micromovimentos políticos e formas de internalização das reivindicações políticas dos Garífuna em outros meios que não aqueles presenciais.

Como mencionamos antes, os Garífunas mantêm diferentes redes comunicação com membros que se identificam como Garífuna e com sua causa. Tais canais de comunicação são bastante acessados e contém informações sobre sua agenda política ativa. No começo desta dissertação, descrevemos como os garinagu mantêm diálogos sobre temas como relações étnico-raciais, legislações, apoio a movimentos sociais e políticos na América Latina por meios dos FYBT, no entanto neste capítulo restringiremos nossa análise às publicações no Facebook e nos Blogs.

Sendo assim, reportamo-nos a descrever os perfis da OFRANEH e da ODECO nos diferentes *ciberlugares* do *ciberespaço* da internet. Para tal, fizemos visitas aos diferentes espaços virtuais onde se manifestam os *garinagu*, quer seja por meio de *posts* ou comentários nos *posts* da rede social de Facebook ou através dos Blogs. No item descritivo da visita virtual temos omitido os nomes dos envolvidos por respeito e ética e, também, por precaução devido à repressão política e social que se vive em Honduras.

A metodologia empregada é uma etnografia virtual, trata-se de trazer uma descrição virtual densa, nós como observadores participantes limitados, isto é, que só observamos as interações entre os diferentes *atores* e interações das organizações representantes Garífunas OFRANEH e ODECO na rede social de Facebook. Explicaremos no item 4.4 intitulado “Os *garinagu nas redes*” a linguagem da rede social e como o estabelecimento de uma *amizade* por meio do Facebook fez com que eu fizesse parte dessa *rede*. Com a etnografia virtual nos deslocamos do modelo convencional antropológico de uma etnografia local-centralizada em um espaço definido para uma etnográfica *multi-local*. Referimo-nos a multi-situada, isto é, àquela etnografia onde podemos observar como a identidade de um grupo pode se criar, recriar, produzir e reproduzir em espaços simultâneos (MARCUS, 1991, p.204). O termo multi-local é utilizado pois o debate *online* acontece em diferentes *ciberlugares*, ou seja, os diversos espaços do *ciberespaço* como veremos na continuação deste capítulo.

Tais informações são usadas para entender como, a partir das interações dos ciberambientes, os *garinagu* trazem suas preocupações do território *off-line* ao território *online*. Isso se torna possível, comparando os diferentes envolvimento dos *atores online* (alguns *garinagu* e outros afrodescendentes) em diferentes lugares que manifestam lutas diárias das organizações. Veremos como apesar de diferentes membros da comunidade *garinagu* se encontrarem em diferentes localidades, ainda se cria uma rede solidária de Garífunas que expressam sua preocupação e trazem debates de caráter étnico, racial e político às conversações.

Este capítulo se estrutura da seguinte forma: na primeira parte, será definida e explicado o uso da terminologia, isto é, por qual motivo tal linguagem é utilizada, além disso, serão apontadas considerações de como a internet tem se tornado parte habitual do nosso diário viver; na segunda parte, será apresentado três exemplos de como a internet e as redes sociais na esfera *online* têm ajudado à movimentação de grupos ativistas *off-line*; na terceira seção descreveremos o perfil virtual das duas organizações, ou seja, a OFRANEH e a ODECO, além da participação de seus membros, com o propósito de entender o envolvimento de indivíduos que se identificam com a lutas destas organizações; na quarta parte faremos uma descrição densa (GEERTZ,1926) virtual das organizações representativas Garífuna *online* e suas lutas *offline*; na última parte visamos chamar a atenção às disputas trazidas pelas organizações de modo *off-line* ao *online* entrelaçando os comentários de diferentes *atores* com as lutas postadas nos blogs das organizações.

#### **4.1. Os ciberambientes Garífuna**

A intenção desta seção é explicar como a internet tornou-se uma ferramenta fundamental e como com ela surge em um debate epistemológico e ontológico nas ciências sociais, pois tem ajudado à formação duma linguagem própria e como os sujeitos criam nela um lugar e não uma reprodução do espaço tradicional, mas sim uma extensão. Também veremos no decorrer do texto, uma explicação da linguagem usada. Portanto, deixaremos claro o que entendemos por ciberespaço, o virtual, ciberlugares e redes sociais.

A internet surge no final da década 60 como parte de um programa do Advanced Research Project Agency (ARPA), a qual era uma pesquisa militar estadunidense desenvolvida no contexto da guerra fria e parte como um meio de comunicação em caso de uma guerra nuclear. O desenvolvimento de tecnologia e a posse de armas eram usados como dissuasão. Isto deu início a criação de protocolos de comunicação

padronizados e de *networks* para que pudessem se comunicar entre eles por intermédio do computador. Anos mais tarde, dois estudantes da Universidade de Califórnia, desenvolveram um programa sofisticado de interconexões, a este modo de comunicação entre computadores, é o que agora chamamos por internet e que para o ano 1990, foi liberada ao público (CASTELS, 2001).

Vinte anos depois, cerca de 3.17 bilhões de pessoas utilizam a internet. Em Honduras há cerca de 19.5 por cento de 8.5 milhões de habitantes utiliza a internet (INTERNET SOCIETY, 2016)<sup>37</sup>. Hoje, dada a facilidade de obter um PC e internet, a maioria das comunidades, seja de forma individual em cada lar ou através de um café-internet<sup>38</sup> os indivíduos tem acesso à internet. As pessoas, utilizam-na cada vez mais, e com isso, ela tem alterado as noções de espaço, lugar e comunicação.

A internet veio introduzir novas formas de interagir com as pessoas, e com ela surgiu um novo debate epistemológico e semântico entre internet, ciberespaço e o mundo virtual. Com isso, assim como as organizações nacionais, os movimentos sociais têm se beneficiado dessa ferramenta e da criação de uma rede e lugar que permite interagir e trocar informação com outros usuários quase de maneira instantânea. No entanto, temos que deixar claro ao que nos referimos como “internet”, “ciberespaço” e “o mundo virtual” para desenvolver este capítulo.

Friedland & Rogerson (2009) apontam que “a internet é um lugar para todos os tipos de grupos para comunicar e colaborar [...] cheio de pessoas com uma ampla gama de interesses, incluindo grupos radicais interessados em fomentar o descontentamento social e político” (p.1). A internet tem se tornado essencial para a comunicação e organização do ativismo *online* que, também, repercute no ativismo *off-line*, no terreno

---

<sup>37</sup> Mapa interativo virtual do uso da internet ao redor do mundo. <http://www.internetsociety.org/map/global-internet-report/?gclid=Cj0KEQjwwYK8BRC0ta6LhOPC0v0BEiQApv6jYc7CTmqUvnylWxcS3lGlp9ZGjq5S3buGtWbQ6DrYRLAugR8P8HAQ#global-internet-penetration> Acesso 7/9/2016

<sup>38</sup> Os Café-Internet surgiram a princípio do século XXI, consistem de uma série de PCs, usualmente cinco, onde as pessoas podem acessar a internet, hoje a taxa varia de \$1.50 até \$2.00/hora dependendo da área geográfica; atualmente, estão mais presentes em comunidades rurais, ou lugares públicos.



tradicional<sup>39</sup>. A internet tem se tornado uma ferramenta, mas o ciberespaço tem sido o lugar onde surgem novos fluxos e contrafluxos de ideias, coletividades, novas dimensões e fenômenos sociais. Transportamos aqui nossas técnicas convencionais como a antropologia para este campo, com o objetivo de gerar novos olhares sobre o apoio entre os sujeitos que contribuem para se manterem conectados, participando nos diferentes blogs, páginas e grupos do Facebook, Twitter e Youtube.

Lewgoy (2009), afirma que o ciberespaço e a internet contribuem à reprodução de redes, linguagens, estruturas, onde observamos como os sujeitos ou entidades cibernéticas estabelecem um conjunto de normas e regras nas suas interações micro/macros sociais contribuindo à reprodução da própria cibercultura. Contudo, isto é contestado por autores como Baudrill (1981) ou Deleuze (2007) que olham o ciberespaço como um mundo em simulacro do real, onde essencialmente o presencial, sobrepõe-se ao virtual. Deleuze (2006) argumenta que “o virtual deve ser definido como uma parte própria do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como numa dimensão objetiva” (p.294). Não obstante, Levy (2000) olha o ciberespaço como um espaço não tangível, onde funciona mais como uma rede de comunicação e não de simulação. De acordo ao autor “[...] a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século” (p.92-93).

Nesta linha de discussão, o virtual, “é o melhor atributo do ciberespaço” como indica (MONTEIRO, 2007, p. 1) definimos aqui, que é um estado que existe latente ou uma existência em estado do limbo, contrário ao pensamento popular que afirma que o *virtual* é adverso à realidade. Já o virtual, conforme aponta Pierre Levy (2011), não se opõe ao real, mas sim ao atual (p.15). Levy (2011) argumenta que “[...] *na filosofia escolástica é o virtual o que existe em potência, não em ato*” (p.29). O virtual não é estático e não está constituído, é sim uma construção complexa de atividades contínuas (*ongoing*). Segundo Levy “[...] o virtual é como o complexo problemático, o nó de

---

<sup>39</sup> Referimos a *off-line* ao que acontece em o território tradicional.



tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que se chama um processo de resolução: a atualização” (p.5). No virtual, encontramos assim como no território tradicional, um espaço para criação de virtualizações, dizeres, comportamentos e discussões na sua própria linguagem desenvolvida especificamente para a interação entre usuários e atores, em que além de se criar outras interações também podem se transportar movimentações do território tradicional, o *off-line* para o território virtual, já o *online*, veremos mais adiante neste capítulo como funciona nas redes sociais.

Contudo, deixamos de lado este argumento e essa ideia tradicional da observação etnográfica binômica ou dualista, em que uma é melhor ou se sobrepõe à outra. No ciberespaço surgem novas modificações, simbologias, e se cria e recria uma cultura. Possivelmente, é a possibilidade de estar conectado que é produzida entre os garinagu, especialmente aqueles que estão fora de Honduras, isto é, nos países com maior acesso à internet e com comunidade diaspórica, na qual a possibilidade de reconstruir um lugar Garífuna, seja relevante. Ou seja, é a própria possibilidade diaspórica que alimenta a construção do lugar: as pessoas em fluxo reconstróem espaços dos quais elas podem falar e expressarem suas experiências significativas e os eventos que as afetam, agora enquanto coletividade.

O lugar, disse Marc Augé (1992), “é aquele que vive no sentido de *invenire*, uma invenção, dos nativos, da história, da marcação territorial, sobretudo começa sendo o que o autor chama de “algo geométrico” de traçar linhas” (p.58). Hoje podem ser coordenadas que são colocadas no GPS (Global Positioning System) que demarcam um território, o lugar do nativo, não no sentido de uma essencialização e autoctonia, mas de uma construção de cunho híbrido entre natureza e cultura (Wagner,1981).

Para o autor, o “não lugar”, que seria o ciberespaço, é um espaço na/sobre modernidade, que não tem essa noção tradicional de demarcação territorial, são efêmeras, mas o *não lugar* pode ser um lugar, porque são as pessoas e as interações o que fazem aquele *não espaço* um espaço com características de lugar. Augé (2009)

argumenta que “[...] O lugar e não lugar são falsas polaridades: a primeira nunca é completamente apagado e o segundo nunca é totalmente compatível” (p.84). Contrário aos autores que olham o ciberespaço como uma imitação do espaço real, Augé não faz do lugar e o não lugar uma discussão bipolar, mas acredita que estas encontram-se num *spectrum*, onde são as pessoas e suas micro/macro interações são as que estabelecem o lugar.

O ciberespaço, é composto de *ciberlugares*, um espaço de disputa social e política que desafia as imposições geopolíticas de um território tradicional no virtual. Estes *ciberlugares* podem ser espaços ou plataformas para as relações intergrupais e as intrapessoais. Burbules (2001) argumenta que um ciberlugar é aquele onde existe uma standardização do design, é fácil para o ator se adaptar, atuar e interatuar na medida que este espaço adquire o status de lugar. O lugar e o sentido do lugar desenvolvem-se a partir da familiaridade e do reconhecimento do espaço. Essas plataformas no *ciberespaço* transformam-se em lugares a traves da familiaridade, já as interações e o jeito em que atuam dentro deles é o modo como os personalizam e como os remodelam de acordo as suas necessidades, além de ser um lugar de disputas e interações com outros e entre atores.

Segundo Recuero (2009) as redes sociais, quanto os *ciberlugares* “foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social” (*apud* RECUERO, 2009, p.102). Nesta dissertação utilizamos o termo de *ciberlugares* para referir-nos às redes sociais como Facebook, Twitter, Snapchat, Instagram e Youtube (por mencionar algumas). Nestes ciberlugares o ator se situa, está em um lugar *aqui* acessando seu computador, a internet e também se transportando *lá*, no outro lugar, comunicando-se e estabelecendo relações com outros atores. Dispomos agora da habilidade de estar em um mesmo lugar, e em muitos ao mesmo tempo. Através dos ciberlugares o ator se transporta a outro, fazendo dos ciberlugares uma plataforma que rompe com distâncias e tempos, tornando-lhe flexível.

Estes ciberlugares podem ser vistos como um novo campo de reconfiguração da luta política e social *off-line* ao *online*. No nosso trabalho o foco será como a OFRANEH e a ODECO utilizam estes espaços para levar as discussões do território tradicional ao virtual, mas que as discussões online poder ter um impacto nas lutas *off-line*. O acompanhamento desses ciberlugares tenta entender como os Garinagu se configuram na rede social e trazem as suas campanhas e debates sócio-políticos para o ciberespaço.

A autora, Raquel Recuero (2009), no seu livro “Redes Sociais na Internet” debate e reflete sobre como as redes sociais estão modificando os processos sociais e os meios de transmissão de informação na nossa sociedade, discutindo os atores, agrupamentos, dinâmicas e conexões. A autora argumenta que as novas tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) têm ajudado à participação e à mobilização de movimentos sócio-políticos na internet, pois a internet tem sido facilitadora, isto é, uma via para a formação de atores em comunidades que têm usado o ciberespaço como lugar representativo de suas lutas no território tradicional, desta forma levando o *off-line* ao *online* (RECUERO, 2009).

Diversos estudiosos, referem-se ao uso da palavra *atores* para aqueles que participam do ciberespaço, neste trabalho o ator é aquele que se mobiliza, constrói, visibiliza e sociabiliza ações num *ciberlugar*. Com isso, *diferenciamos usuário de ator*, este pode ser qualquer pessoa ou até várias pessoas que assumem a identidade de um só usuário.

A intenção desta seção era argumentar e definir brevemente como utilizamos alguns termos neste capítulo. Resumindo, definimos a) a internet como ferramenta b) o ciberespaço como um mundo donde se criam e recriam, organizam lugares e comunidades c) dentro do ciberespaço encontramos ciberlugares, chamados de ciberlugares das redes sociais que permitem o *display* do ator d) ator é aquele que contribui à criação de um ciberlugar.

## 4.2 Breve apresentação dos movimentos sociais nas redes sociais

A intenção deste item é descrever três exemplos em que a internet tornou-se uma ferramenta fundamental na mobilização da luta social e/ou política. Primeiramente veremos o caso dos *Zapatistas* no México, destacaremos como o ciberespaço se tornou uma extensão do território tradicional e como a luta desse grupo desde as montanhas do México ao virtual teve simpatia e apoio no espaço *online*. O segundo exemplo será o que ocorreu na América Central, o caso do assassinato do advogado guatemalteco que previu sua morte e o anúncio de um vídeo no *Youtube*, veremos como este vídeo conseguiu mobilizar até 50.000 pessoas na Guatemala. O terceiro e último exemplo, será o caso da *Primavera Árabe*, veremos como a organização online repercutiu na organização social off-line.

A internet tem se colocado como a ferramenta de mais fácil acesso, tendo dentro dela os ciberespaços, os quais possuem redes sociais, ou também chamadas *Web 2.0*<sup>40</sup>; encontramos no ciberespaço como diferentes movimentos, entre eles destacam os movimentos feministas, os movimentos de direitos humanos ou movimentos étnicos se reúnem, se manifestam, por transformam e organizar o espaço cibernético em um espaço de luta. Castell (2001) as define como “redes electrónicas autodefinidas de comunicación interactiva, organizadas en torno a un interés o propósito compartido, aunque a veces la comunicación se convierte en si misma en la meta”<sup>41</sup> (p.395).

O primeiro exemplo, utilizado por autores como Castells (2009,1997) Harlow (2011) e Castaneda (2014) trata-se da revolução *Zapatista* ocorrida na década de 90, este é um exemplo de como o desenvolvimento de uma rede pelo ciberespaço acelerou a projeção da sua visão, missão e as suas necessidades. Começou pelo ativismo de atores universitários interessado no tema na Universidade Nacional Autônoma de

---

<sup>40</sup> Web 1.0 se conhece aquela que foi feita pelos científicos, desenvolvedores do sistema. Web 2.0 foi a nome dado porque esta nova internet é feita e moldada pelos usuários.

<sup>41</sup> Tradução livre. Redes eletrônicas auto-definidas de comunicação interativa, organizadas em torno de um interesse ou propósito compartilhado, ainda que a comunicação se converte em si mesma na meta.

México (UNAM) compartilhando *e-mails* e criando lista de atores interessados no tema, a isto se uniram em Organizações Não Governamentais (ONGs) que trocavam mensagens de *alerta* e de *ações urgentes* com membros de outras organizações em prol dos direitos humanos assim criando uma rede transnacional de colaboração, em que se desenvolveram projetos de traduções, se planejaram eventos, se criaram páginas web, ações de alerta e reuniões (SHERYL, 2001).

Claramente, usado por autores que estudam o ciberespaço, os Zapatistas se tornaram o primeiro exemplo de sucesso da criação da internet como ferramenta e do ciberespaço como lugar para o desenvolvimento de interconectividade (SHIRLEY, 2001, p.21). Nesta linha, Castañeda (2014), explica-nos que a internet e as comunicações eletrônicas estabeleceram conexão e solidariedade entre os zapatistas e os atores, o autor pontua que “a tecnologia facilitou o esforço internacional e dar suporte a indivíduos corajosa e altamente vulnerável que estavam lutando por seus direitos” (p.23). O que ressalta aqui é: a) como o cidadão comum tornou-se em gerador, criador e ativista e b) como os zapatistas mudaram a difusão do seu ativismo político pelo uso dos NTICs. As suas palavras, suas vozes tornaram-se, no ciberespaço, uma das suas armas mais poderosas, pois uma vez colocadas na rede, elas se propagavam como um vírus, isto é, rapidamente a qualquer lugar do mundo, em ritmo acelerado gerando solidariedade, simpatia e apoiantes (CASTANEDA, 2001)

Exemplos mais recentes do uso das redes sociais para transformações políticas, encontra-se em um caso mais perto de Honduras: no ano 2009, o advogado Rodrigo Rosenberg, advogado guatemalteco foi assassinado. Guatemala, assim como Honduras, sofre de altos índices de assassinato e roubo, notícias preliminares clacificavam seu assassinato como mais um caso a mãos de ladrões (HARLOW, 2011). Contudo, poucas horas mais tarde, saiu à luz um vídeo, na plataforma de *Youtube*, que foi gravado dias antes da sua morte, onde Rosenberg acusava de antemão publicamente o seu assassinato ao Presidente Álvaro Colom Caballeros. O vídeo inicia assim:

*“Buenas tardes,  
Mi nombre es Rodrigo Rosenberg Marzano,*

*Y lamentablemente si usted está en este momento oyendo o viendo este mensaje es porque fui asesinado por el presidente Alvaro Colom con ayuda de Gustavo Alejos y Gregorio Valdez*<sup>42</sup>

Em poucas horas, o vídeo se tornou *viral* e rapidamente os usuários, especialmente da rede social Facebook, criaram páginas, grupos e trocaram imagens. Com isso, em passo acelerado tínhamos um movimento que visava buscar justiça para a morte de Rosenberg. A congregação *online* resultou na movimentação *off-line* de aproximadamente 50.000 pessoas procurando justiça (HARLOW, 2011).

Outro exemplo mais conhecido de como a internet tem revolucionado o ativismo no ciberespaço foram os eventos que culminaram na Primavera Árabe. O ano 2011 marcou o fim de regimes políticos, um na Tunísia e o outro no Egito após uma série de protestos movimentados pelos NCITs e as redes sociais. O movimento no Egito surgiu por uma campanha de Facebook liderada pelo *April 6th Youth Movement*, um grupo que começou no ano 2008 através de uma página na rede social *Facebook* para expressar seu apoio à greve dos trabalhadores têxteis na cidade de Mahalla al-Kobra, uma cidade agroindustrial do Egito (PBS, 2011).

A *página* começou com um convite que tinha cerca 300 pessoas, mas no dia seguinte já havia três mil *usuários* inscritos na página, que rapidamente saltou para setenta mil pessoas. Em meio aos protestos de 6 de abril, milhares de trabalhadores se revoltaram o que resultou na prisão de 400 pessoas e morte de quatro trabalhadores (PBS, 2011). Num protesto organizado para o aniversário de Hosni Mubarak<sup>43</sup>(1928-), Esraa Abdel Fattah Ahmed Rashid, uma das administradoras da *página do Facebook ou fanpage* foi presa ao tentar enviar mensagens para os demais *ciberativistas*. Duas semanas depois ela foi liberada, mas em pouco tempo renunciou a atividade *ciber-política* (PBS, 2011).

---

<sup>42</sup> Tradução livre.

*Boa tarde,*

*Meu nome é Rodrigo Rosenberg Marzano,*

*E lamentavelmente se você está assistindo este vídeo é porque foi assassinado pelo presidente Alvaro Colom com ajuda de Gustavo Alejos e Gregorio valdez”.*

[https://www.youtube.com/watch?v=mC\\_ODpxMA10](https://www.youtube.com/watch?v=mC_ODpxMA10) Acesso 7/18/2016.

<sup>43</sup> O líder militar e político de Egito (1981-2011).

O movimento, liderado por outro administrador da *fanpage* Ahmed Maher continuou organizando marchas, algumas sem sucesso. No entanto, no dia 25 de janeiro, uma grande movimentação organizada pelo grupo *April 6th* e acompanhados de um *vídeo viral*<sup>44</sup>, fez com que a greve ganhasse repercussão. O grupo agora acompanhado por milhares de seguidores *online* fez suas demandas *off-line*. A demanda primordial era a resignação do seu líder político Hosni Mubarak (PBS,2011).

O movimento ativista conseguiu visibilizar a situação política mundialmente. Como nos conta Wolman (2008) num artigo de *Wired* “Muitos cidadãos egípcios estão torcendo para as crianças idealistas do Facebook [...].” A revolução de Egito no ano 2011, consistiu em demonstrações, greves e atos de desobediência civil, impulsados pelos altos níveis de corrupção, repressão, violência policial e violação da liberdade de expressão do governo, a finalidade era derrubar o regime de Mubarak. Finalmente, no dia 11 de fevereiro de 2011, o vice-presidente anunciou a renúncia do líder Hosni Mubarak.

Colocamos aqui como exemplo a Revolução no Egito, porque os usos das mídias sociais, primordialmente do Facebook, impulsionaram um movimento sócio-político, com o início da criação de uma página do Facebook para expressar solidariedade, ao movimento trabalhador, talvez no começo sem entender o impacto profundo que teria na população. A autora Ekaterina Stepanova (2011) ressalta:

No region, state, or form of government can remain immune to the impact of new information and communication technologies on social and political movements. While the political contexts of mass unrest in large parts of the Middle East have important country and macro-regional specifics, the impact of net-based technologies and social tools goes beyond that region and will continue to affect developing and developed countries alike (p.3).<sup>45</sup>

A estudiosa explica como que apesar do contexto específico no Meio Oriente, as ações e a utilização do TICs e redes sociais demonstram como as redes de comunicação

<sup>44</sup> Vídeos na plataforma de Youtube que são rapidamente compartilhados ou assistidos.

<sup>45</sup> Tradução nossa. Nenhuma região, estado ou forma de governo pode permanecer imune ao impacto das novas tecnologias de informação e comunicação sobre os movimentos sociais e políticos. Enquanto o contexto político de agitação de massas em grandes partes do Médio Oriente tem especificidades para o país e a região o impacto das tecnologias baseadas na internet e ferramentas sociais vai além daquela região e continuará a afetando os países em desenvolvimento e desenvolvidos (STEPANOVA, 2001, p.3).

online podem ser efetivas e servirem para acelerar a movimentação de uma transformação social da noite para o dia. Assim, pode-se ver, por exemplo, o Twitter que se tornou um agente importante no protesto digital, onde os autores dos *tweets*, viraram ativistas e criaram um e-movement.<sup>46</sup> Demonstrando assim, que o uso da tecnologia tem sido aproveitado pelos movimentos sociais e políticos para amplificar suas vozes, muitas vezes reportando antes para a mídia oficial nacional, retomando este espaço a favor das suas vozes.

O objetivo deste item era o apresentar três exemplos de como a organização off-line pode ser transferida, organizada e reorganizada na esfera virtual e como as congregações *online* afetam às demandas no território tradicional. Além disso, objetivávamos mostrar como a internet tem se tornado uma ferramenta transcendental e de suma importância para a dizimação de causas e lutas sócio-políticas.

#### 4.3 Perfil da OFRANEH e ODECO

No capítulo anterior descrevemos como as companhias bananeiras em cumplicidade com os governos nacionais se apropriaram das terras na zona norte do país. As transnacionais construíram um sistema baseado na exploração da mão de obra trabalhadora. A indústria bananeira afetou a migração na região, no caso dos Garinagu, ela afetou a migração; os indivíduos que moravam em comunidades periféricas às cidades centralizadas onde se classificava, processava e preparava os cachos de bananas para sua exportação, foram pouco a pouco habitando mais estas cidades. Os Garinagu que tinham habitado a costa foram pouco a pouco desterritorializados.

O propósito deste item é de retomar novamente as organizações representantes nos Garífuna para prosseguir às descrições das suas movimentações no ciberespaço. Além disso, procura-se expandir mais um pouco o conhecimento sobre essas duas organizações para compreender o processo de retroalimentação e explicar o

---

<sup>46</sup> Referimo-nos a e-movement como um movimento de caráter político ou social criado estritamente na internet.



envolvimento dessas organizações nos *ciberlugares*<sup>47</sup> e como neles se reflete suas lutas reivindicativas. Acharmos de suma importância compreender, através dos estudos de caso, como existe um processo de retroalimentação e reafirmação para com sua luta social e política por parte de uma audiência similar.

Como vimos no primeiro capítulo no item 1.3, existem em Honduras pelo menos uma dúzia de organizações que defendem e visam reafirmar os direitos indígenas e afrodescendentes. Entre eles, ressaltam duas organizações a Organización Fraternal Negra Hondureña (OFRANEH) e a Organización de Desarrollo Étnico Comunitario (ODECO). As duas organizações têm um discurso de luta pela inclusão dos direitos aos indígenas e afrodescendentes. Vimos que ambas organizações têm em comum o fato de denunciar a discriminação racial e a luta de reivindicação em favor dos grupos de cultura diferenciada. No entanto, as duas organizações têm aproximações diferentes para reafirmar suas demandas como veremos na continuação.

#### 4.3.1 A representação Garífuna

O propósito deste item é observar como no espaço virtual, as organizações OFRANEH e ODECO, representantes das lutas garinagu se utilizam e se desenvolvem no ciberespaço a) uma rede de garinagu que desenvolvem um interesse na luta dos seus direitos territoriais e culturais e b) a criação de uma rede coletiva com outras organizações que compartilham a luta reivindicativa destas organizações.

Além da migração garinagu, as bananeiras trouxeram uma segunda onda migratória, sobretudo, nos grupos de ascendência Africana proveniente das Índias Ocidentais. A chegada das indústrias bananeiras marcou uma estrutura similar às plantações no sul de Estados Unidos, onde escravos negros eram a mão de obra das produções de algodão, tabaco e arroz. Tal estrutura colocava os brancos *gringos* na ponta da pirâmide social trabalhadora e os negros embaixo deles. Além disso, a presença de outros grupos étnicos na zona norte do país acelerou, por parte do governo, a

---

<sup>47</sup> Lembremos que temos definido ciberlugares as redes sociais onde os atores fazem deles seu próprio espaço de discussão.

necessidade de tomar medidas para homogeneizar a população. Isso, sucedeu-se na população agora chamada de *mestiza*, a *negritude* ameaçava à construção do estado-nação hondurenho. A vida nas bananeiras durante a primeira metade do século XX foi marcada pela insurgência de movimentos trabalhistas. Neste contexto se desenvolveram tensões entre os diferentes grupos étnicos, racismo e a discriminação para com os negros, as quais aumentaram uma vez que a indústria bananeira utilizou os negros como fura-greves, a percepção dos mestiços e dos negros foi vista como “ladrões de trabalhos” e “impertinentes por se intrometer nas greves” (EURAQUE,1996).

Os movimentos trabalhistas deram início ao desenvolvimento de diferentes organizações que visavam lutar contra a xenofobia nas comunidades. O ativismo dos trabalhadores na década de 50 conseguiu reunir diferentes grupos para reforçar o movimento. Segundo Anderson (2009), no início da década de 1950 foram publicados vários artigos em jornais denunciando a discriminação racial dos *morenos*, também trabalhadores, realçando o problema de racismo e exploração laboral nas transnacionais, abrindo campo para a reafirmação de uma identidade negra laboral que procede a se auto representar nas lutas (ANDERSON, 2009, p. 98-100 in CUISSET, 2013, p.93).

A *Sociedad Abraham Lincoln*, influenciada pela luta de direitos civis nos Estados Unidos, é fundada por ativistas obreiros, no início desta luta reivindicativa de direitos igualitários gerando espaços para os negros na sociedade hondurenha na zona norte; após sua dissolução surgem organizações como a *Organización Fraternal Negra Hondureña* (OFRANEH) em 1977 e a *Organización de Desarrollo Étnico Comunitária* (ODECO) em 1992 (GARCIA,1997).

Desde a época colonial, o período de construção do estado-nação em Honduras, até hoje, diferentes categorias raciais têm sido utilizadas para se referir aos Garinagu (AGUDELO,2011, p.80). Entre elas destacam o uso de *morenos*, *negros caraíbas*, *caribenhos*, *negros*, *afrohondurenhos* e *afro indígenas*. No contexto das discussões da bipolaridade política em Honduras além da apreciação de políticas neoliberais em conjunto com política multiculturais que pretendem facilitar o apoio a grupos de cultura

as diferencia, existe uma discussão em andamento entre essas duas organizações sobre as categorias raciais de afrodescendentes ou afrohondurenhos, uma categoria que inclui negros ingleses ou *negros creoles* e os Garinagu e afro-indígenas, uma categoria de autoidentificação própria Garífuna. Veremos a continuação mais a profundidade os perfis destas organizações e como se inserem no debate étnico político de diversas formas.

A *Organização Fraternal Negra Hondureña* (OFRANEH) foi fundada em 1977 pelo Dr. Alfonso Lacayo (1926-1985) e por Basilio Arriola Garcia (1930-), foi reconhecida oficialmente em 1980 (BRONDO, 2013). Primeiramente surgiu com o nome *Sociedad Garífuna Hondureña* (SOGAÑAH), mas no ano de 1978 mudou seu nome para *Organización Fraternal Negra Honduras* (OFRANEH), após uma discussão de como o nome de SOGAÑAH era excludente para com os demais grupos negros presentes na região a sociedade, mudou o nome para OFRANEH. Salvador Suazo (2010) descreve que a formação da OFRANEH nasceu no cunho do mercado laboral bananeiro, foi criada por pessoas que sofriam de racismo e discriminação na cidade, na sociedade e no trabalho (SUAZO, 2010, *entrevista* in CUISSET, 2013, p.94).

A OFRANEH tem seu início como uma organização que visava lutar contra a xenofobia e a discriminação na sociedade da zona norte, tentava forjar a integração dos cidadãos Garífunas a diferentes espaços governamentais e públicos, no entanto, em meados dos anos 80, o discurso da OFRANEH tinha mudado, e a organização enfatizava a luta do seu território ancestral, a manutenção da sua cultura e a proteção do seu redor natural parte do seu ethos (CUISSET, 2013). Como vemos a representação da OFRANEH tem flutuado entre a representação dos afrodescendentes e dos Garinagu. Originalmente, ela visava representar os afrohondurenhos, mas devido a necessidade de representação Garífuna no contexto, ela se transformou em uma organização exclusiva e dedicada à representação Garífuna. (BRONDO, 2013).

A grosso modo, a organização foi produto dos movimentos sindicalista que se formaram nas indústrias bananeiras. Segundo Cuisset (1994) “[...] a organização é considerada a ‘*organización madre*’ ou ‘*matriz*’ dos movimentos a nível nacional” (1994, p. 1992). Além, Anderson (2012) descreve a OFRANEH como uma organização que se enfoca nas lutas territoriais e proteção cultural, que critica as correntes neoliberais e o neoimperialismo por ter arranjado políticas de invisibilização para os grupos de cultura diferenciada. Segundo Santos Centeno nos finais da década dos 80, nasce uma tensão entre a organização, e já se visava à separação dentro dela.

A ODECO foi fundada na cidade de La Ceiba, Honduras, no dia 25 de janeiro de 1992, por Céleo Alvarez Casildo, um ex membro da OFRANEH. A organização até hoje tem desenvolvido uma orientação política na luta contra a xenofobia para os afro-hondurenhos. A diferença das duas organizações é que a OFRANEH tem alianças com outras organizações de afrodescendentes, representando-se em congressos como II Congresso Internacional de África- Occidente celebrado na Universidade de Huelva, Espanha, a criação do seu próprio congresso “*Cumbre Mundial de Afrodescendientes, Desarrollo Integral, Sostenible con Identidade*” realizado em La Ceiba, Honduras, e a assistência e participação da criação da *Primera Cumbre Mundial de los Afrodescendientes, na cidade de Washington, D.C.,USA, por mencionar alguns*.

A ODECO se denomina uma organização de base, sem fins lucrativos, composta por homens e mulheres afrodescendentes, categoria racial que definem como qualquer pessoa com ascendência africana que se auto identifique como tal. A organização visa promover “o desenvolvimento integral da população afrohondurenhas [...] sua intenção é atender as necessidades da população negra hondurenha (Negros Creoles e Garífunas) uma população marginalizada dos projetos e processo de desenvolvimento do país” (ODECO, *blogpost*). A organização tem um status de organização não governamental que visa integrar os afrohondurenhos no desenvolvimento de projetos, sobretudo, trabalhar ao lado de organizações governamentais que permita-lhes dar seu *input*, isto é, seu ponto de vista no desenvolvimento de projetos para as comunidades afro. Anderson (2009) chama a forma de trabalhar da ODECO como *afrovisibility*, uma forma de ganhar visibilidade para os afrohondurenhos, aliando-se com outras organizações. Por outro lado, a OFRANEH preocupa-se em desenvolver projetos nas

comunidades que surjam na comunidade, orientado por membros da comunidade para a comunidade.

Os interesses das organizações discutidas neste item podem se observar por meio da sua presença virtual em diferentes plataformas do ciberespaço. Nos interessa ver na próxima seção dois estudos de caso de como estas organizações transportam suas lutas *off-line*, o território tradicional ao território *online*, o virtual.

#### 4.4. Os garinagu nas redes

O propósito deste item é narrar uma descrição virtual etnográfica. Primeiramente será descrito os espaços onde a OFRANEH e a ODECO se manifestam *online*. Em segundo momento, faremos uma análise de como os atores se inserem no debate de identidade Garífuna. Entendemos que não existe uma forma certa de fazer etnografia virtual, no entanto, nesta dissertação apresentamos nossos melhores esforços, juntamente com a ajuda de bibliografia especializada. Além disso, devo mencionar que inicialmente esta parte da dissertação incluiria dados coletados por ferramentas especiais de leitura e codificação de mensagens nas FYBT. Porém, após um debate ético tanto pessoal como cientista social, em especial, da antropologia, quanto pelo caráter um tanto invasivo que se delineou, optei por observar a atividade dos perfis online pela minha própria conta, enfocando a construção de símbolos e narrativas sobre o processo de identificação Garífuna, atendo-se ao movimento na página de Facebook e os Blogs.<sup>48</sup>

Como mencionamos antes, os Garinagu mantêm pelos FYBT uma rede em que difundem uma agenda política e social significativa, além disso, difundem temas como relações étnico-raciais, legislações, apoio a movimentos culturais, sociais e políticos na América Latina. Eles têm encontrado uma maneira de se auto apresentar publicamente e manter diálogos específicos sobre seus interesses. A OFRANEH e a ODECO têm

---

<sup>48</sup> O LABIC da UFES desenvolve pesquisas especiais sobre o tema. Mediante um software específico é possível detalhar com minúcias os usuários, suas conversas, seus interlocutores e os assuntos que estão em pauta. No caso das redes dos Garífuna, como se tratam de ativistas políticos, tal exposição é temerária de represarias das mais diversas. Além disso, é minha intenção desenvolver outros estudos junto a este grupo, razão pela qual preferiu-se manter a integridade das informações por eles trocadas.

utilizado o espaço virtual, através do uso das redes sociais, para a formação de ações coletivas onde manifestam seu apoio em prol das lutas territoriais e culturais. A internet tem marcado nossa socialização nas últimas décadas e grande parte da nova geração de crianças e adolescentes hoje não conhecem o que era viver sem a internet e como ela pode acelerar e visibilizar uma causa coletiva (CASTANEDA, 2014).

O Facebook<sup>49</sup> promove uma plataforma de fácil acesso no qual rapidamente o usuário pode se inserir na rede criando um *perfil de usuário* ou uma *fanpage*. O perfil é em essência de caráter privado, nele o usuário compartilha informações entre amigos, conhecidos ou com o público. Essa rede social, é composta por um muro de publicações, que aparecem a partir da aceitação de amizade, fotografias e uma lista de “amigos” e notas<sup>50</sup>. A rede pessoal se forma quando o usuário aceita uma *amizade com outro usuário*. Com isso, o termo de amizade serve para formar uma rede ou vínculo de ator a ator, adicionando o outro ator à rede pessoal do usuário do perfil. Dentro do perfil, o usuário pode modificar através de listas com quem cada um compartilha cada *post*.

Salientamos ainda que por outro lado, uma *fanpage* também é de caráter público, ou seja, não está condicionada a criar um vínculo de *amizade* e permite o ator, administrar a trajetória para a audiência. A plataforma Facebook mostra o impacto de cada post, a quantidade de seguidores, e a opção de pagar por publicidade para dar maior visibilidade à página. O usuário pode, simplesmente, dar uma curtida para seguir a

---

<sup>49</sup> Fundada no ano 2004, por Mark Zuckerberg e seu companheiro de quarto Eduardo Saverin, *The Facebook*, foi originalmente criado como uma intranet para os estudantes da Universidade de Harvard. Podemos encontrar a descrição da sua missão e visão na sua própria *fan page* na rede social, hoje simplesmente conhecida como *Facebook*. A companhia se descreve como (Uma utilidade social que ajuda as pessoas se comunicar de forma eficaz com seus amigos e colegas de trabalho. A companhia desenvolve tecnologia que facilitam a troca de informação através do grafo social e mapa digital das conexões que existem entre as pessoas no mundo real. É uma plataforma aberta, qualquer pessoa pode se registrar e interatuar com as pessoas ao seu entorno (FACEBOOK) A missão da companhia e utilidade social é de fazer do nosso mundo um lugar aberto e conectado. No ano 2015 celebraram 1.000.000.000 de pessoas na rede social; Facebook forma parte da Web 2.0, a web no ciberespaço que é criada e transformada pelos usuários.

<sup>50</sup> As notas são postagens mais longas que uma publicação normal, tem a configuração de um documento de Word simplificado.

*fanpage* e assim criar um vínculo dando concordância para receber notificações e publicações da página inicial (*homepage*).

Observamos entre o mês de fevereiro e março do ano 2016 as redes sociais onde se envolvem os dois grupos representativos dos Garífuna. No Facebook observamos os grupos e os perfis do usuário da Organização de Desenvolvimento Étnica Comunitária (ODECO), a organização tem um *perfil de usuário* e não uma *fanpage*. No começo desta pesquisa enviamos uma solicitação de amizade, mas nunca nos aceitaram como *amigos*. Contudo, no *perfil* pudemos observar as publicações públicas sem a necessidade de estar da “*rede de amizade*” do perfil. Entretanto, devido a isso, a quantidade de *postagens* que tivemos acesso foram limitados. Devido a nosso limitado acesso aos posts nunca conseguimos conferir se este perfil era o representativo da organização.

As poucas publicações que tivemos acesso do *perfil* da ODECO consistem, sobretudo, a dar visibilidade a artistas afrohondurenhos, seminários de formação para líderes *afrodescendentes*, e publicidade do grupo de dança ODECO. O *perfil* Grupo ODECO tem ao redor de 2.100 “amigos”, sendo que o máximo de *amigos* que essa rede social permite é um perfil de até 3000 amigos, após este número é recomendado abrir uma *fanpage*. As fotos e vídeos exibidos são de grupos de dança folclórica Garífuna, comidas típicas, participação em eventos sociais e fotos sobre as marchas no mês de herança africana na Honduras, algumas dessas fotos são de caráter público submetidas pelo mesmo *perfil*, outras são fotografias onde o *perfil* foi etiquetado (*tagged*).

Além do perfil encontramos vários grupos com o nome ODECO. Diferentemente do perfil, os grupos são públicos e permitem a visualização completa das publicações uma vez algum *ator* decida a se unir a tal grupo. Não entraremos em detalhes acerca dos grupos, após uma breve olhada nele encontramos que o conteúdo do grupo é bastante similar aos *posts públicos* no *perfil*.

A Organização Fraternal Negra Hondurenha tem contas ativas nas redes sociais do Facebook e do Twitter. Após ser adicionado como “*amigo*”, podemos observar o perfil

da OFRANEH, que se encontra colorida por uma quantidade inumerável de posts, fotos, notas e vídeos. Uma vez que se faz uma *amizade* na plataforma de Facebook é permitido observar os posts atuais, que emergem na hora se alguém coloca algo, mas também os posts passados que ficam registrados no perfil. Visitamos o perfil no mês de março de 2016, os temas que mais se destacam na página consistem em: biodiversidade, luta Garífuna atual, direitos humanos, violência, assassinato, negritude, comunidades Garífuna e outras organizações indígenas. O perfil tem uma média de 14 *posts* por dia no mês de fevereiro e março do ano 2016.

Nosso primeiro estudo de caso, centrou-se em um debate nos comentários de uma fotografia *posted*<sup>51</sup> na rede Facebook, onde o perfil da OFRANEH se encontra envolto pelo sistema *tagging*<sup>52</sup>. Neste caso nos concentramos só no perfil da OFRANEH pois, como explicamos anteriormente, não tivemos acesso ao perfil do Grupo ODECO. Outro ponto a se mencionar é que este estudo tem como foco observar como os diferentes atores interatua e como se traz do *offline* para o online as discussões que para os atores são importantes. Além disso, tentamos tecer vínculos com as outras redes onde a presença Garífuna é latente. Também descobrimos um vínculo entre a fotografia e o *blog*<sup>53</sup> ([www.ofraneh.wordpress.com](http://www.ofraneh.wordpress.com)) e ([www.odeco.blogspot.com](http://www.odeco.blogspot.com)) que seguidamente entraremos com mais detalhe tentando mostrar os debates dos comentários com os *blogpost* das organizações.

Contudo, chamo aqui nossa atenção às fotos do perfil, carregadas de um semântico prol direitos **afro-indígenas** e provocativas, às vezes publicada pelo próprio perfil da OFRANEH ou fotos onde a organização tem sido etiquetada (*tagged*) em uma foto.

Escolhemos enfatizar nosso primeiro caso de estudo nos comentários de uma fotografia em particular, pois foi quando encontramos um espaço de debate maior entre diferentes atores na rede social e, também, porque foi esta fotografia a que deu início a

---

<sup>51</sup> A palavra *post* tem sido transformado num verbo, *posted* é o verbo em passado singular de *post*.

<sup>52</sup> Termo que significa etiquetar. Se usa no Facebook para literalmente etiquetar um usuario a algum post, foto ou nota. Além da sua funciona, o sistema de *tagging* ajuda a tecer e fortalecer uma rede.

<sup>53</sup> A diferença das plataformas que conformam a Web 2.0, os blogs começaram da década dos 90, com o lançamento público da internet e a criação de espaços para o desenvolvimento de um **www** pessoal.



ideia de um estudo online das redes Garífunas, outro motivador foi o fato desta foto ter vínculo com os *blogs* das duas organizações por *atores* participantes no debate.

Segundo Recuero (2009), “a rede social está viva através das trocas conversacionais dos atores” (p.105). A autora afirma que as redes sociais, só podem ser apropriadas e cumprir diferentes propósitos para um mesmo ator, dependendo do nível de atividade virtual deste ator. Sua atividade e relacionamento com outros autores altera sua visibilidade social na rede, conseguindo utilizar as redes, em especial o *Facebook* simplesmente como argumenta Ellison, Steinfield e Lampe (2007), como “forma de manter a rede social que não estava mais geograficamente próxima”. (apud RECUERO, 2009, p.105)

O primeiro caso, assim como mencionado anteriormente, foi a respeito de uma foto do perfil da OFRANEH, a qual encontra-se taggeada. Veremos que nesse debate, por meio de comentários entre atores, há três desdobramentos importantes a) o que significa ser Garífuna b) o estabelecimento de redes transnacionais num *ciberlugar* c) como os acontecimentos *offline* são trazidos para o território virtual.

A foto pode ser facilmente encontrada no perfil da organização, é a imagem número oito e uma das principais. Observamos que a fotografia teve a maior participação de outros usuários, definimos aqui por participação o número de curtidas (*likes*) e comentários. A popularidade na rede, especialmente, no Facebook está ligada às curtidas ou aos comentários que podem ser utilizados como medida de popularidade e aceitação de uma postagem para uma audiência. Recuero (2009) afirma que por meio de comentários e *likes* nas páginas dos movimentos servem para ganhar capital social, mas eles são inúteis sem a atividade dos atores.

A foto foi utilizada por outro perfil que, também, inclui a palavra Garífuna, cujo nome principal vou omitir, porém darei o nome de ator #1, por ser o principal autor da

postagem)<sup>54</sup>. O usuário, segundo seu perfil mora na cidade de Nova Iorque, localizada nos Estados Unidos, esse usuário além de ser amigo da OFRANEH também é amigo das organizações *Garifuna American Heritage Foundation United* (GAHFU) e com o *Comite de Emergencia Garífuna de Honduras* (CEGAH), duas organizações envolvidas na luta e nas reivindicações dos Garífuna e que também se manifestam nas redes sociais por meio de *perfis de usuário*. Na foto postada do dia 2 de outubro do ano 2014 havia uma descrição em inglês e um *link* externo para um documento em PDF da Comissão de Direitos Humanos da ONU para o grupo de trabalho dos expertos em pessoas de ascendência africana. O título do documento em inglês é: *Identification and definition of "People of African Descent" and how racial discrimination against them is manifested in various regions* escrito pelo embaixador P.L Kasanda para a convenção em Geneve no ano 2003, além da descrição da fotografia e o link, a publicação inicia com o hashtag<sup>55</sup> de *#garifuna*, a descrição disse o seguinte:

We cannot use terms without providing a definition. The term "afrodescendiente" is a translation of "People of African Descent". These words in English have been used since the 1990's. Please read the definition carefully. This term describes a common historical experience. My question is: Does this definition fit the historical experience of Garinagu?<sup>56</sup>

A continuação da fotografia que é na verdade um *print*<sup>57</sup> do item no. 6 da parte de identificação e definição do documento compartilhado no *post*.

<sup>54</sup> Os nomes dos participantes na conversação foram apagados, decidimos usar os diálogos pois a fotografia tem uma classificação aberta para uma audiência pública. Elegemos esta *foto-post* para iniciar nosso caso pois foi a que abriu o debate da configuração de uma rede Garífuna online.

<sup>55</sup> Hashtags, são palavras que podem catalogar suas mensagens que começam com o símbolo numeral que funciona como codificador de temas automático, ex. *#garifunas* *#twitter*, *#dissertação*, etc.

<sup>56</sup> Tradução livre. "Nós não podemos utilizar termos sem fornecer uma definição. O termo "afrodescendiente" é uma tradução do "Povo de ascendência africana". Estas palavras em Inglês têm sido usadas desde a década de 1990. Por favor, leia a definição com cuidado. Este termo descreve uma experiência histórica comum. A minha pergunta é: Será que esta definição se ajustará à experiência histórica de Garinagu? "

<sup>57</sup> Fotografia da tela do computador

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

Figure 8 Fotografia compartilhada pelo ator #1 no dia 2 de outubro do ano 2014 na rede social de Facebook, onde encontramos etiquetada a Organização Fraternal Negra Hondureña. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10203671067795835&set=t.100002425606478&type=3&theater> Último Acesso: 12/7/16.

A postagem recebeu trinta curtidas, dois compartilhamentos e 58 comentários produzidos por 22 atores que constituem um debate online. As curtidas podem nos indicar o número de pessoas que aprovaram a postagem da imagem com a mensagem provocativa que deu início a um debate trilingue, onde os comentários se intercalam entre o idioma inglês, Garífuna e espanhol. (Em anexos se encontram os prints dos comentários com sua data de acesso e link). Nos comentários encontramos pessoas apoiando a inclusão dos Garífuna no termo de afrodescendentes e, também, pessoas que despreziavam totalmente seu uso. Vimos nos comentários referências para a ODECO e a OFRANEH e seus debates sobre a palavra afrodescendente.<sup>58</sup>

Ator #2 (em inglês): "Good show Ator #1"

Ator #1 (em inglês): "This is not a show.... it's very very serious"

Ator #3 (em ingles): "Anyone can be of African descent it does not specifically identify us Garífunas. The making of a Garifuna person is African and Arawak Indian. Afrodescendant is a term used to describe a vast amount of African people. Garifuna is mixed making we can't leave the Arawak part out."<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Temos dado nomes de atores e números na ordem de resposta para apagar os nomes principais da conversação. Cada nome do ator recebeu um número e com esse número foi identificada na postagem e seção de comentários.

<sup>59</sup> Tradução Livre.

Ator # 2 (em inglês): "Bom show de ator # 1"

Ator # 1 (em inglês): "Este não é um show .... é muito, muito grave"

Ator # 3 (em Inglês): "Qualquer um pode ser de ascendência Africana, não nos identifica especificamente aos Garífuna. A fabricação de uma pessoa Garífuna é Africano e Arawak (ou Arauque). Afrodescendente é um termo usado para descrever uma grande quantidade de pessoas africanas. Garífuna somos misturados, não podemos deixar de fora a parte Arawak.

Outras pessoas que não se identificaram como Garífuna demonstraram seu apoio como por exemplo:

Ator #5: I am not Garifuna, but I'm in favor of Garifuna staying Garifuna, why give up your specific and unique heritage for a vague term of "Afro descent"? It's true that Garifuna are African descendants but it's not all they are.<sup>60</sup>

Os atores se posicionaram frente a um tema defendendo as diferentes linhas discursivas de cada organização como vimos no item 1.3 do primeiro capítulo, a OFRANEH e a ODECO têm inserido em suas lutas reivindicativas uma linguagem semântica entre o que é ser afrodescendente ou Garífuna. Alguns atores não ficaram contraídos de demonstrar seu apoio para uma ou outra organização, alguns escreveram seu descontento com o envolvimento das organizações nas lutas Garífunas:

Ator#6: At a community meeting this past Saturday, Celeo (Alvarez) Casildo, whom fully endorses this term but is clueless to why he endorses it was asked, "What does *afrodescendiente* mean to you? His reply was dismissive, "I don't have a definition" "I'm not an expert in definitions", "the defition is in the books at the United Nations". Why continue promote a term that's being used by the Honduran State Attorneys at the Interamerican Court to justify out identity as non-indigenous? This past August, the state of Honduras issued a statement stating that we (Garifuna) are not considered and indigenous group in Honduras. (link to OFRANEH blogpost) <http://ofraneh.wordpress.com/.../estado-de-honduras.../> As per the above referenced article "El Estado de Honduras y la premeditada conversión de Garífunas a simples afrodescendientes."<sup>61</sup>

Outros compartilharam publicações do blog da OFRANEH para fortalecer seu comentário alinhando-se ao discurso de porque os Garífunas são Garífunas e não merecem ser encaixados no termo de afrodescendentes, em alguns comentários, mais explosivos, alguns atores acusaram a ODECO de aceitar políticas neoliberais que

---

<sup>60</sup>Tradução livre.

Ator #5: Eu não sou Garífuna, mas ficou em favor dos Garífuna ficar Garífuna, porque desistir de sua herança específica e única para um termo vago de "afrodescendente"? Se é verdade que os Garífuna são descendentes de africanos, mas não é tudo o que eles são.

<sup>61</sup> Tradução Livre.

Ator # 6: Em uma reunião da comunidade no sábado passado, Celeo (Alvarez) Casildo, a quem apoia inteiramente este termo, ele foi perguntado: "O que afrodescendente significa para você? Sua resposta foi desconsiderada, "Eu não tenho uma definição" "Eu não sou um especialista em definições", "a definição está nos livros nas Nações Unidas". Por que continuar promovendo um termo que está sendo usado pelo hondurenho Estado Procuradores no Tribunal Interamericano para justificar a nossa identidade como não-indígena? Em agosto passado, o Estado de Honduras emitiu um comunicado afirmando que nós (Garífuna) não somos considerados grupo indígena em Honduras. (Link para OFRANEH blogpost) <http://ofraneh.wordpress.com/.../estado-de-honduras.../> De acordo com o artigo acima referenciado "O Estado de Honduras e a premeditada conversão dos Garífunas a simples afrodescendientes.

afirmavam a aceitação por parte dos Garífunas o termo de afrodescendentes apagando sua história particular.

O debate da categoria afrodescendente, traz com ele um carregamento de políticas multiculturais e direitos indígenas, onde a discussão vai além da semântica e parte para as repercussões da mudança da categoria Garinagu de afro-indígena a afrodescendente. A troca de categorias facilitaria à perda das conquistas em Honduras como grupo indígena. Começando, como indica o ator #17, pela perda do direito ao território ancestral.

Ator #17: Las tierras ancestrales fueron dejadas específicamente a los garífunas, al cambiarle el nombre pierde poder. He is brainwashing garinagu. Because we know we are ignorant.<sup>62</sup>

As terras ancestrais Garífuna foram asseguradas devido ao convênio 169 da OIT que estabeleceu o reconhecimento das terras tradicionais e pediu aos governos tomar medidas para proteger o direito dos povos indígenas em usar as terras mesmo que não fossem habitadas por eles, mas que cumpram alguma função tradicional (Organización Internacional del Trabajo, convenio nº169 sobre Pueblos Indígenas y Tribales em Países Independientes, artículo 14). Esse convênio satisfaz a necessidade de documentar as terras Garífuna antes das ameaças da expropriação delas. Entre os anos de 1996 e 2011, o Instituto Nacional Agrário (INA) outorgou 42 títulos comunitários em Vallecito (AMAYA BANEAS, 2011, p. 702-706 in CUISSET, 2013, p.103).

Em síntese, todos os atores ficaram no debate do termo, por exemplo os atores#14, #17e #18 convidam aos interlocutores para prestar atenção e dar prioridade ao que está acontecendo nas comunidades Garífunas em Honduras. Como por exemplo, a desterritorialização ocorridas nas comunidades de Barra Vieja, Cristales e Nueva Armenia, proporcionando, o que chamaria Castells (2009), à extensão do que se vive offline ao online. Essas discussões semânticas discutem o que está acontecendo offline.

---

<sup>62</sup> Ator # 17: As terras ancestrais foram deixadas especificamente para os Garífunas, mudar o nome perde o poder. Ele quer lavar o cérebro dos Garinagu. Porque sabemos que somos ignorantes.

Ator #1: [...] We cannot act if the words do not matter. To do so is an actual sign of ignorance. Words have an effect on human behavior. [...] The act of Honduran government official's that was caught by the people in Barra Vieja in an attempt to falsify documents would have worked had not someone paid attention to the words on paper que. Then why would the Honduras Government present an argument and use this term distinct African descent to prove Their case? Let's think critically about this and not act like these words do not matter. The actions of the Honduran government towards Garífuna communities throughout Honduras in part have a lot to with this new perspective on who They claim to think we are.<sup>63</sup>

Aqui o Ator #1, refere-se a que o documento que entregaram à comunidade de Barra Vieja.

Ator #18: Quiero Saber Que Hacen y donde están las Organizaciones Ahora que están Sacando a Los garífunas de Sus tierras? ¿Están guardando el silencio El Diplomático característico? ¿Dónde están las voces Que callaran el silencio? Las Organizaciones Hondureñas Hacen a los garífunas ser vistos como un chiste ante los ojos del Mundo. ¡Lucrándose en nombre de Nuestro Pueblo! Qué pena me dan.<sup>64</sup>

Ator #14: “Por esos tipos de comentarios que no llevan a nada bueno, mejor no ponen su vista en lo que está pasando en Barra Vieja.”<sup>65</sup>

Ator #17: “Claro que tenemos nuestra vista en Barra Vieja y la tenemos fijada en Comunidad de Cristales y Rio Negro y en toda las Comunidades Garífuna que corren mucho peligro a causa del Gobierno que en vez de protegernos comete GENOCIDIO en contra nuestra y líderes que nos han traído el Caballo de Troya para traicionarnos como ellos mismos nos traicionan”<sup>66</sup>

O dia 6 de agosto do ano 2014 no período da tarde, iniciou-se a desapropriação territorial dos moradores de Barra Vieja, uma comunidade. A tirada desse povo do local

<sup>63</sup> Tradução Livre. Ator # 1: [...] não podemos agir se as palavras não importam. Para fazê-lo é um sinal real de ignorância. As palavras têm um efeito no comportamento humano. [...] O ato dos oficiais de governo hondurenho foi capturado pelas pessoas em Barra Vieja em uma tentativa de falsificar documentos. Isso teria funcionado se alguém não tivesse prestado atenção às palavras em aquele papel. Então porque é que o Governo Honduras apresentar um argumento e usar este termo ascendência Africano distinto para provar o seu caso? Vamos pensar criticamente sobre isso e não agir como estas palavras não importam. As ações do governo hondurenho face às comunidades Garífunas em todo Honduras, em parte, têm muito a com esta nova perspectiva sobre quem dizem pensar que somos

<sup>64</sup> Tradução livre. Eu quero saber o que fazem e onde estão agora organizações que estão puxando pelas terras garinagu? Eles estão mantendo silêncio de característica diplomático? Onde estão as vozes que quebraram o silêncio? Estas organizações de Honduras estão colocando os garinagu como uma piada aos olhos do mundo. Lucrando em nome do nosso povo! Que pena sento.

<sup>65</sup> Ator # 14: Para que esses tipos de comentários que não levam a nada de bom, melhor colocar os olhos sobre o que está acontecendo na Barra Vieja.

<sup>66</sup> Ator # 17: É claro que temos nossa vista em Barra Vieja e fixa na comunidade de *Cristales e Rio Negro* em toda as comunidades Garífuna em perigo por causa do governo que, em vez de nos proteger, eles têm cometido genocídio contra nós e os líderes trouxeram o cavalo de Tróia para nos trair

tinha como objetivo utilizar aquele território para fazer um novo projeto turístico que visava a construção de um resort e um campo de golfe. Ao redor de 450 pessoas foram afetadas (OFRANEH, *Blogpost*, 15/09/14). A pressão pela desterritorialização em Honduras acrescentou com a aprovação das leis de Zonas de Emprego e Desenvolvimento Econômico (ZEDE)<sup>67</sup>, onde mais de vinte comunidades seriam afetadas para a criação de cidades modelos, assim como abordado no segundo capítulo.

A desterritorialização de Barra Vieja não é nova, segundo um OFRANEH, já tinha acontecido duas vezes, a primeira para a construção de uma base militar estadunidense e a segunda pela Empresa Nacional Portuária (OFRANEH, *blogpost*, 25/09/24)<sup>68</sup>. Adicionando ao debate volta o ator #1 em como o termo de *afrodescendente* afetaria a luta territorial Garífuna. Especificamente para o caso que se discute aqui relacionada à comunidade de Barra Vieja, nosso segundo caso, argumentado no debate através dos comentários da fotografia do Facebook.

O caso de Barra Vieja é um dos muitos que tem acontecido nos últimos três anos, lembremos, como relatei aqui, que antes da minha visita à sede da OFRANEH em Sambo Creek, os moradores da comunidade de Nueva Armenia tinham sido desapropriados do seu território por um grupo de homens armados. Essas comunidades

---

<sup>67</sup> Segundo sua website as Zonas de Emprego e Desenvolvimento Econômico (ZEDE) ou chamadas de Cidades Modelos são “áreas territoriais altamente atraentes para os investimentos nacionais e estrangeiros, que são parte inalienável do Estado de Honduras, sujeito à Constituição da República e do governo nacional sobre questões relacionadas com a soberania, a aplicação da justiça, território, a defesa nacional, relações externas, questões eleitorais, emissão de bilhetes de identidade e passaportes, conforme estabelecido no artigo 329, em seu sétimo parágrafo da Constituição da República. Zonas de Emprego e Desenvolvimento Económico (ZEDE). As ZEDEs têm personalidade jurídica, que estão autorizados a estabelecer a sua própria política e regras, criado a fim de acelerar a realização dos objetivos do Plano Nacional e facilitar as condições que permitem a inserção do país no mercado mundial sob regras altamente competitivos e estáveis. Este através da adopção de tecnologias para a produção de alto valor agregado, de forma transparente e capaz de atrair investimento nacional e estrangeiro necessário para crescer rapidamente ambiente, criar os empregos necessários para reduzir as desigualdades sociais e proporcionar à população serviços de educação, saúde, segurança pública e infra-estruturas que permitem uma melhoria real na vida dos hondurenhos”. Para mais informação sobre a aprovação das ZEDEs em Honduras acessar [http://zede.gob.hn/?page\\_id=2](http://zede.gob.hn/?page_id=2) (Acesso 7/19/16).

<sup>68</sup> <https://ofraneh.wordpress.com/2014/09/25/inminente-desalojo-en-la-comunidad-garifuna-de-barra-vieja/> Acesso 7/25/16.

ficam no território que foi uma vez parte do enclave territorial pela Standard Fruit Company nos anos 20 do século passado.

Nosso segundo caso consiste em outra *publicação de uma* fotografia, especificamente para o caso da desapropriação territorial de Barra Vieja. Novamente em setembro de 2014, iniciou-se outro processo de desterritorialização em que as comunidades Garífunas, Barra Vieja eram atingidas novamente por convoys de militares e polícias, os quais colocaram os habitantes da comunidade fora de suas casas.<sup>69</sup>

Na publicação há a fotografia de uma mulher Garífuna de aproximadamente 50 a 60 anos, sentada em uma cadeira, atrás dela, há policiais fortemente armados. Encontramos nas suas fotos outras 6 postagens fotográficas denunciando a desapropriação territorial da comunidade de Barra Vieja. Nesse caso, a rede social tem funcionado como uma plataforma de disseminação de informação, mas, também, proporcionando espaços de apoio para pessoas que demonstram simpatia para o que está acontecendo. Demostramos aqui dois exemplos das descrições utilizadas para avisar o que estava sucedendo na comunidade.

A primeira foto teve 29 curtidas, 25 compartilhamentos e 5 comentários, possui a seguinte descrição por parte do OFRANEH como:

“En este momento está a punto de iniciarse un desalojo de la comunidad Garífuna de Barra Vieja, Tela. Un contingente de medio centenar de policías, se encuentran a punto de iniciar el desalojo. después de haber sido suspendida la ejecución esta mañana. No obstante que la comunidad interpuso el pasado viernes un amparo ante Corte Suprema, el Juzgado de Tela está procediendo a desalojar a la comunidad de su territorio ancestral. No obstante que la comunidad interpuso el pasado viernes un amparo ante Corte Suprema, el Juzgado de Tela está procediendo a desalojar a la comunidad de su territorio ancestral. Exigimos un respeto total a los derechos humanos y territoriales de las personas que en este momento se encuentran en la comunidad de Barra Vieja”

A segunda fotografia do mesmo mês de setembro do ano 2014, havia 10 curtidas, 18 compartilhamentos e dois comentários:

“Alerta: A punto de efectuarse un desalojo de la comunidad garífuna de Barra Vieja, Tela, promovido por empresarios turísticos de Indura Beah Resort (Bahía

---

<sup>69</sup> Esta vez não podemos compartilhar a foto pois, é de caráter privado no *perfil de usuário* da OFRANEH, e não temos a permissão para compartilhar ela. Descrevemos aqui brevemente ela.



de Tela). La corte primera de Apelación de la Ceiba da luz verde al desalojo, violando de esta forma el Convenio 169 de la OIT y la declaratoria de naciones Unidas sobre los Derechos Humanos de los Pueblos Indígenas”

Seguido de comentários por vários atores em apoio à resistência da desterritorialização como, por exemplo:

Ator #3: Respeto a las comunidades Garífunas en Honduras, nuestro apoyo total en contra de este gran atropello de sus derechos humanos y territoriales. No al desalojo!

Ator #4: Rechazo total al desalojo... respeto al territorio garífuna... seguimos atentxs!!!

Ator #3: Respeto a las comunidades Garífunas en Honduras, nuestro apoyo total en contra de este gran atropello de sus derechos humanos y territoriales. No al desalojo!

Ator #4: Rechazo total al desalojo... respeto al territorio garífuna... seguimos atentxs!!!

As fotografias com comentários são espaços de diálogo entre os atores, onde vemos envolvidos líderes de diferentes grupos em prol dos direitos Garífuna. Pode-se observar, também, que o envolvimento dos atores em outras organizações com outros grupos.

Vimos nesses dois casos o desdobramento importante do nosso objeto de estudo em duas partes: a) como os comentários ajudaram à criação de uma rede de apoio virtual facilitando e fornecendo uma forma de suporte aos indivíduos corajosos e que se encontram em condições altamente vulneráveis b) vimos como outros atores se alinham com as duas organizações representantes da luta reivindicativa Garífuna c) Além dessas discussões de categorias e lutas territoriais, a pesquisa nos levou a conhecer os debates offline<sup>70</sup> aos debates virtuais e descobrimos, também, que não há apenas publicação de foto-postagens e *links* tem se tecido uma rede ao outras redes da Web 2.0. Como é a presença de *blogposts* em descrições de outras fotos e comentários por diversos autores.

---

<sup>70</sup> Continuamos referindo-nos aqui ao território tradicional

Neste tópico expusemos nosso primeiro encontro etnográfico numa rede social, onde os *atores* se manifestam através de um debate ocorrido após a publicação de uma fotografia no Facebook. No primeiro caso vimos como a discussão inicia como a pergunta da inserção dos Garífunas, retirando, portanto, o termo de afrodescendentes. Mostramos como essa discussão reportou-se para outro um caso mais relevante ocorrido de maneira *off-line*, como é o caso da desapropriação das comunidades de Barra Vieja, a qual se tornou nosso segundo caso etnográfico virtual devido às fotografias denunciando no mesmo dia o que possivelmente foi a chegada de tropas militares e policiais para dar início à desterritorialização dos habitantes da comunidade de Barra Vieja.

Veremos no nosso seguinte tópico, com maior precisão, como as preocupações e discussões são manifestadas nos comentários por intermédio das postagens nos *blogspots*. Movemo-nos agora à descrição do espaço dos blogs, primeiramente com a OFRANEH, seguido da ODECO.

#### **4.5 Blogs: a nova voz dos grupos indígenas no ciberespaço, uma breve descrição dos blogs da OFRANEH e ODECO**

Tínhamos descrito brevemente no primeiro capítulo como a OFRANEH e a ODECO mantem seus *blogs*, sítios no ciberespaço, onde se auto representam numa organização e de forma reivindicativa. Ambas organizações denunciam a discriminação racial que sofrem os grupos de cultura diferenciada e como continuam sendo apagados pela história “oficial” do estado hondurenho. Os blogs, tem se tornado a extensão da sua voz e a difusão da sua mensagem. No entanto, as duas organizações têm um público bastante semelhante, constituído da população negra, mas com aproximações diferentes para reafirmar a identidade Garífuna.

Os blogs permitem a disseminação de informação com certo custo extra para o usuário, tornando-se uma extensão do próprio usuário. Atualmente, a *blogosfera*<sup>1</sup>, consiste em

blogs classificados de acordo com seu conteúdo, desde blogs de moda até, o do nosso interesse, blogs de ativismo sócio-políticos, onde vemos como os usuários expõem uma situação do seu ponto de vista. No princípio funcionavam como um diário online, as publicações eletrônicas dos usuários para os usuários, os primeiros blogs, assim como mostram Ferreira e Vieira (2007) “eram uma ferramenta de comentários e dicas de *sites* desconhecidos, ou seja, funcionavam como publicações eletrônicas e formas de expressão” (p.2). No entanto, os blogs, explicam os autores, tornaram-se um espaço de publicação na internet, rapidamente se desenvolveram sítios onde o conhecimento do *HTML*, a linguagem de programação de um site, não era necessário e com eles surgiram novos *bloggers* (usuários que se dedicam à escritura e manutenção de um blog).

Observamos os blogs da OFRANEH e da ODECO entre os meses de janeiro e fevereiro do ano 2016. O blog da OFRANEH encontra-se em um site de blogs chamado *wordpress*, uma plataforma de acesso grátis ao usuário, onde podem livremente criar seu próprio *blog*. A organização, formada em 1977, se uniu à *blogosfera* em setembro de 2010 e tem estado ativamente postando notícias, comunicados e *memos*. O número de *entries*<sup>71</sup> por mês encontra-se na média de 4, mínimo 2 e máximo cinco. As *entries* são colocadas em categorias e o site também desenvolve automaticamente palavras chaves que são exibidas do lado.

Por outro lado, o blog da ODECO, mantém seu blog no site de [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com), um dos primeiros sites em disponibilizar a plataforma da criação de blogs pessoais. A ODECO se uniu à plataforma em novembro de 2008. O site opera de forma similar ao da OFRANEH, no entanto a maior diferença é que este blog permite ver quem escreve as *entries*, no caso da ODECO, a maioria dos posts foram escritos pelo ex-membro da OFRANEH, e presidente da ODECO, Celeo Alvarez Casildo<sup>72</sup>. No mês de Janeiro, o blog registrou 2 *entries* e no mês de fevereiro 6.

---

<sup>71</sup> Chama-se de *entries* ao número de postagens no blog.

<sup>72</sup> Lamentavelmente, Celeo Casildo Alvarez, pessoa com a que troquei e-mails para arranjar uma entrevista morreu este ano no mês de abril após uma luta contra o câncer. Fica inconcluso quem está a cargo do blog hoje.

Em ambos blogs as *entries* são classificadas por *tags* (etiquetas). Este sistema de etiquetas é diferente ao sistema de *tagging* do facebook. Este funciona para classificar palavras chaves, usualmente sobressaem as de maior uso. No segundo sistema, o do facebook, ele funciona para criar uma rede de um *ator* para outro *ator*.

No caso da OFRANEH as etiquetas que sobressaem as de menor a maior são as seguintes: CIDH, Ciudad Modelo, Convenio 168, Corte IDH, CPLI, derecho consulta, Garifunas, Garifuna, Honduras e OFRANEH. As etiquetas são exibidas em cor azul, na página inicial do blog. Vemos na imagem embaixo como aparecem no blog.

[acaparamiento tierras](#) [Africa](#) [agua zarca](#)  
[asesinato](#) [asesinatos](#) [banana coast](#)  
[banco mundial](#) [Barra Vieja](#) [berta](#)  
[Cáceres](#) [bugle](#) [cambio climático](#)  
[charter city](#) [CIDH](#) [ciudades modelo](#)  
[ciudad modelo](#) [congreso](#)  
[nacional](#) [consulta previa](#)  
[Convenio 169](#) [copinh](#) [Corte](#)  
[IDH](#) [Corte Suprema](#) [CPLI](#) [crimen](#)  
[organizado](#) [derecho consulta](#)  
[derechos humanos](#) [DESA](#)  
[desalojo](#) [ecocidio](#) [EPN](#) [exploracion](#)  
[explotación](#) [expulsión](#) [Facusse](#)  
[garifuna](#) [garifunas](#)  
[garinaqu](#) [golpe de estado](#) [golpe](#)  
[estado](#) [hidrocarburos](#) [hidroeléctrica](#)  
[hidroeléctricas](#)  
[Honduras](#) [INA](#) [Indura](#)  
[resort](#) [JOH](#) [lenca](#) [lencas](#) [ley pesca](#)  
[militares](#) [miskitos](#) [moskitia](#) [narcotráfico](#)  
[neocolonialismo](#) [Nueva Armenia](#)  
[ofraneh](#) [palma africana](#)  
[panama](#) [paul romer](#) [pepe lobo](#) [pueblos](#)  
[indígenas](#) [Puerto Castilla](#) [Punta](#)  
[Piedra](#) [radios comunitarias](#) [Randy](#)  
[Jorgensen](#) [red](#) [redd](#) [represas](#) [rey](#)  
[porno](#) [satuye](#) [sentencia](#) [Triunfo](#) [Trujillo](#)  
[UNDRIP](#) [Vallecito](#) [ZEDE](#)

Figure 9 Imagem das etiquetas geradas automaticamente pelo website de [www.wordpress.com](http://www.wordpress.com). Observemos que as palavras que destacam são as palavras que se usam na maioria dos posts por parte da OFRANEH. Em <https://ofraneh.wordpress.com/> Acesso 12-7-16.

Já as etiquetas da ODECO funcionam de outra forma, isso ocorre, porvavelmente, porque o blog se encontra abaixo do guardachuva de outra website que não processa as tags de maneira automática e sim de forma manual. O que isso quer dizer? Quer dizer que com cada *entrie* o autor de dito *entrie* tem que escrever a etiqueta com que quer vincular a *entrie*. No entanto, ainda assim aparecem do lado da página principal como mostra a imagem a seguir:



Figure 10 Observamos aqui as etiquetas geradas manualmente pelo autor dos entries no blog. O número entre () é a quantidade de posts baixo essa etiqueta.

<http://odecohn.blogspot.com.br/search?q=junta+directiva> Acesso 12-7-16. Ver “Etiquetas” do lado direito.

No mês de janeiro e fevereiro a ODECO não gerou nenhuma etiqueta para as 8 postagens que observamos. Enquanto cada postagem da OFRANEH entre esses dois meses gerou 177 etiquetas, quando correlacionadas com as etiquetas mostradas na primeira imagem, destacam quase as mesmas.

Derecho Consulta, Derechos Humano, Estudio Factibilidad, Golpe De Estado, Hidroeléctricas, Honduras, Ofraneh, Ciudad Modelo, Corrupción, Golpe De Estado, Guerra Drogas, Honduras, Militarización, Ofraneh, Drogas, Garífunas, Golpe De Estado, Guerra Drogas, Honduras, Militarización, Pueblo Indígena.

Ao comparar as duas podemos observar que os *blogspot* de cada organização manifestam sua agenda sócio-política e como ela é transferida às redes sociais. Nas *etiquetas* da ODECO, sobressaiu o termo “afrodescendente”. Essas organizações manifestam este discurso inclusivo e de visibilidade aos afrodescendentes, que inclui os Garífunas. O blog mantém uma agenda cultural ativa que visibiliza não só as lutas dos afrodescendentes, mas, também, retoma a herança africana. As palavras chaves e postagens confirmam nossa hipótese de que cada organização tem uma linha de posicionamento político e ideológico.

Já a OFRANEH continua com um discurso de inclusão dos Garífunas como povo indígena e afro. Isso reflete nas etiquetas e nas palavras utilizadas não só nos blogs, mas que também se infere, à WEB 2.0 no Facebook, onde vinculam suas *postagens*, *bem* como em seus *blogposts*. Como vimos, os *atores* utilizam os *blogposts* como referências aos seus argumentos.

O propósito desta seção era descrever os blogs com especial atenção às etiquetas, observamos a partir delas como se entrelaçam e exibem as linhas representativas de cada organização. No próximo tópico veremos a relação entre os blogs e os comentários na rede social do facebook.

#### 4.6 Entrelaçando a rede social de Facebook e os Blogs

Nas discussões dos comentários de postagens do Facebook vimos os questionamentos do que é ser Garífuna. Debate esse, que se vive localmente e, também, que se sente virtualmente. A intenção deste tópico é aprofundar acerca do blogspots e relacioná-los com diferentes temas trazidos no debate entre diferentes atores na área de comentários na foto que discutimos no capítulo anterior. Meu contato virtual com os Garífunas a pesar de ser mais constante pelo Facebook pela sua plataforma que informa os

usuários o que outros usuários colocam na rede social quase imediatamente, as postagens dos Garinagu foram mais completas em seus blogs.

Os atores do Facebook que estabelecem debates com outros atores no Facebook fazem referência constante a postagens no blog. Por exemplo e não limitado a: *Estado de Honduras niega condición de indígena al Pueblo Garífuna*<sup>73</sup>, *Afrodescendientes o Garífuna: raza a cultura*<sup>74</sup>, intitulado *Sobre todo, Garinagu (Garífuna)*<sup>75</sup>, *Ciudades Modelos Remix: el ocaso de la soberanía y democracia*<sup>76</sup>. Estas postagens foram escritas anos atrás, mas que percebendo nos comentários e na rede social, mesmo elas sendo “velhas”, elas continuam dando o que falar entre os diferentes membros da comunidade Garinagu e também são trazidos a discussão pelos líderes das organizações.

Segundo o *blogpost* da OFRANEH, intitulado *Sobre todo, Garinagu (Garífuna)*, além do desterritorialização nas comunidades que habitam território fértil e geograficamente importante para inversores, os Garífunas estão sofrendo uma desapropriação cultural, devido ao encaixamento da sua cultura na categoria de afrodescendente.

Ya sea por ignorancia o intereses, ciertos grupúsculos vienen promoviendo una negación del bagaje indígena que existe en nuestra cultura, y así convertimos en simples afrodescendientes. Nuestro idioma se cataloga como Arawak Maipure Norteño, siendo casi inexistente los aportes de origen africano. Nuestra cultura se circunscribe entre los pueblos de la yuca amarga provenientes de la cuenca del río Orinoco.<sup>77</sup>

Essa não foi a primeira vez que a OFRANEH tinha defendido em *blogspots* o uso de Garífuna e não afrodescendentes, em outro *blogspot* intitulado *Afrodescendientes o*

<sup>73</sup> Blogpost. Data da postagem 20/08/2014. <https://ofraneh.wordpress.com/2014/08/20/estado-de-honduras-deniega-condicion-de-indigena-al-pueblo-garifuna/> Acesso 12/7/16.

<sup>74</sup> Blogspot. Data da postagem 18/09/2013. <https://ofraneh.wordpress.com/2013/09/18/afrodescendientes-o-garifunas-raza-o-cultura/> Data do post 18/9/2013.

<sup>75</sup> Blogspot. Data da postagem 10/04/2013. <https://ofraneh.wordpress.com/2013/04/10/sobre-todo-garinagu-garifunas/> Data do post Abril/10/2013.

<sup>76</sup> Blogspot. Data da postagem 11/02/2014. <https://ofraneh.wordpress.com/2014/02/11/ciudades-modelo-remix-el-ocaso-de-la-soberania-y-la-democracia/> Acesso 12/7/16.

<sup>77</sup> Tradução livre. Seja por ignorância ou interesse, certos grupos estão promovendo uma negação do da linhagem indígena que existe em nossa cultura, e assim nos ornar simples afrodescendentes. Nossa língua é classificada como Arawak Maipure Norteño, sendo quase inexistentes as contribuições de origem Africano. Nossa cultura está confinada aos povos da mandioca amarga da bacia do rio Orinoco

*Garifuna: raza o cultura*<sup>78</sup>, publicação mencionada no segundo capítulo, como a OFRANEH, se concentra no discurso de indigenismo e autoctonia, rejeitando a representação como afrodescendentes. O *post* argumenta que aqueles que se autodenominam afrodescendentes se inserem num sistema corrupto nas mãos de governadores de turno, por outro lado aqueles que mantem seu status de Garífuna, se inserem na luta da defesa de seu território ancestral e sua linhagem cultural (OFRANEH, 2013).

Por outro lado, a ODECO refere-se aos Garífunas em seus *posts* Garífunas-Afrodescendentes.

Es importante tener en cuenta que las comunidades Garifunas y el conjunto de comunidades Afrodescendientes, llegaron a Honduras como consecuencia del tráfico esclavista y la sed de expansión y enriquecimiento de Europa (españoles, portugueses, ingleses, etc.), antes y después de 1797. Tanto los Garifunas como los Criols, suman comunidades desarraigadas desde el África, estas comunidades proceden del "Gran Caribe", depositarios de la trata transatlántica llámese San Vicente.<sup>79</sup>

Esses espaços de discussão e interações entre os atores que se deslocam a diferentes lugares off-line, ficam anexados a um debate de identidade coletiva *online*

Ator #1: In an article in the Honduras media which seems to have been removed from the internet, Mr. Celeo Alvarez Casildo I quoted: "El término afrodescendiente es correcto, igual que "Garifuna". (The term Afrodescendants is correct, the same as "Garifuna")<sup>80</sup>.

Ator #8: Cansado estoy de repetir, si perdemos nuestro nombre perdemos todo. Los británicos nos llamaron "Black Carib" solo para negarnos nuestros derechos y reclamo a yurumein. Honduras con la ayuda de ODECO Céleo Álvarez han cambiado nuestro nombre a Afrodescendiente o Afrohondureño. Hoy Honduras ha y está cometiendo GENOCIDIO contra el pueblo Garifuna. ODECO trabaja a favor del gobierno y los corruptos Hondureños en contra del pueblo Garifuna. De sus boca salen los nombres Mandela, Ghandi, Martin Luther King and Satuye. Estos son hombres que se sacrificaron por el bien de su pueblo en vez

<sup>78</sup> <https://ofraneh.wordpress.com/2013/09/18/afrodescendientes-o-garifunas-raza-o-cultura/> Data do post 18/9/2013.

<sup>79</sup>Tradução livre. É importante notar que as comunidades Garífuna e o conjunto de comunidades afrodescendentes, chegaram a Honduras como resultado do tráfico de escravos e sede de expansão e enriquecimento da Europa (Espanhol, Português, Inglês, etc.) antes e depois de 1797. Tanto Garífunas como Creoles, foram desenraizadas da África, essas comunidades são provenientes de depósitos do "Grão Caribe", chama-se de San Vicente. (Ver Anexos para print do *blogpost*)

<sup>80</sup>Tradução livre. Ator # 1: Em um artigo na mídia Honduras, que parece ter sido removido da internet, o Sr. Celeo Alvarez Casildo afirma que "O termo afrodescendente es correto, igual que " Garífuna ". (O termo afrodescendentes está correto, o mesmo que "Garífuna".



de sacrificar a su pueblo por logros personales. Que lastima y peor todavía que vergüenza. El pecado, pues, está en aquel que sabe hacer lo bueno, y no lo hace. Solo la UNIDAD puede salvar a nuestro pueblo y nada más.<sup>81</sup>

Ator # 9: Yo soy Garífuna! Si Celeo Álvarez promueve esta campaña de afrodescendientes no lo hace en nombre de mi identidad como Garífuna que soy, además de que no conozco en el país a parte de CEGAH el Comité de Emergencia Garífuna de Honduras, no existe ninguna otra institución garífuna. OFRANEH se llama organización fraternal "Negra" de honduras, al fin surge una llamada nación garífuna. ODECO estuvo aquí en New York y nadie confronto con argumentos sólidos que nos permitiera ver que Celeo Álvarez nos agrade como comunidad garífuna en el país. Consté, fui el primero en preguntarle: de que explicación daba sobre de que la palabra o el termino afrodescendiente nos afectaba como pueblo indígena en el país y nuestros intereses territoriales ancestrales.<sup>82</sup>

Ator #10: No estoy de acuerdo que me llamen afrodescendiente! Soy Garifuna.<sup>83</sup>

Vemos neste trecho como os *atores* tomam fortes represálias para o que as organizações estão e não estão fazendo e como sua representatividade afeta sua identidade. Aqui podemos ver como os atores desafiam as representações Garífuna, o Ator #9 faz uma conexão entre ODECO e OFRANEH, mas, também, traz à discussão o CEGAH (Comité de Emergência Garífuna de Honduras) e sua representatividade dos Garífunas por meio de suas siglas. Nossa bibliografia indica que das três a organização com maior alcance nacional e internacional na sua luta pela representatividade Garífuna tem sido a OFRANEH. Ator #9 “fui o primeiro em perguntar (a Celeo Alvarez) que explicação ele dava sobre o termo afrodescendente e como afeta nosso status de

---

<sup>81</sup> Tradução Livre. Ator # 8: Estou cansado de repetir, que se perdermos o nosso nome perdemos tudo. Os britânicos nos chamaram "caraibas negros" apenas para nos negar nossos direitos e reivindicar a Yurumein. Honduras com a ajuda da ODECO e Céleo Alvarez estão mudando nosso nome para afrodescendente ou afrohondurenhos. Hoje Honduras está cometendo genocídio contra o povo Garífuna. ODECO trabalha para o governo e em favor dos corruptos do povo hondurenho em contra dos Garífuna. De suas bocas saem os nomes de Mandela, Gandhi, Martin Luther King e Satuyé. Estes são os homens que se sacrificaram para o bem de seu povo, em vez de sacrificar o seu povo para realizações pessoais. E isso dói mais do que a vergonha. Pecado, então, é aquele que sabe fazer o bem e não o faz. Apenas a unidade pode salvar o nosso povo e nada mais.

<sup>82</sup> Tradução Livre. Ator # 9: Eu sou Garífuna! Se Celeo Alvarez promove esta campanha de afrodescendentes, ela não o faz em nome da minha identidade como Garífuna. Além eu não conheço nenhuma organização Garífuna no país aparte de CEGAH (Garífuna Comitê de Emergência de Honduras). OFRANEH chama-se de A Organização Fraternal “Negra” de Honduras, finalmente, surgiu uma nação chamada Garífuna. A ODECO visitou Nova York e ninguém confrontou com argumentos sólidos a Celeo Alvarez para ver como o termo nos ataca como comunidade Garífuna no país. Aclaro, eu fui o primeiro em perguntar: que a explicação ele dava sobre o termo afrodescendente e como afeta nosso status de povo indígena do país e os nossos interesses territoriais ancestrais.

<sup>83</sup> Tradução livre. Ator # 10: Eu não concordo de ser chamado de afrodescendente! Eu sou Garífuna.

povo indígena do país e os nossos interesses territoriais ancestrais”, aqui vemos, sobretudo, como desafiavam os líderes das organizações, em especial, da ODECO, para discutir como o seu discurso de *afrodescendentes* afeta as lutas e a identidade Garífuna.

Estes comentários são particularmente importantes porque os atores, Garífunas e não Garífunas, se envolvem em uma discussão sobre a identidade e o que é ser Garífuna, além de fazerem ligações tanto com a OFRANEH como a ODECO. Prestamos atenção, especialmente, ao comentário do *ator #8* que discute as categorias raciais desde a chegada dos Ingleses à Ilha de San Vicente, até a época atual. Assim, foi visto em um só comentário uma discussão de quase 400 anos de categorias raciais, a qual tem servido para distanciar os Garífunas ser colocá-los como os outros. Também vimos o chamado para Satuyé, herói importante na luta dos Garífunas contra os ingleses. Martin Luther King, importante influência nos movimentos civis dos Estados Unidos, os quais influenciaram à organização dos movimentos contra o racismo e a discriminação na zona norte do país e Nelson Mandela, revolucionário sudafricano que lutou contra o sistema de apartheid.

Neste item vimos como os Garífunas tanto em território hondurenho como em outros países onde atualmente se encontram, apesar de estar geograficamente deslocados configuram uma discussão num só no lugar, no ciberespaço. Conectados virtualmente numa discussão que influencia suas lutas no território off-line.

#### **4.7 Considerações finais**

Mostraremos as principais ideias que orientaram a presente dissertação, sublinhando a potencialidade de alguns temas tratados, assim como as abordagens que ainda estão por serem desenvolvidas. Não se tratam de conclusões, mas de uma abertura para novas pesquisas e o aprofundamento de trilhas já iniciadas.

Um dos pressupostos fundamentais defendidos aqui foi o de que as identidades sociais não são fixas, mas sim resultado de lutas políticas ao longo da história. A exemplo

disso, buscou-se mostrar que o ativismo político étnico em Honduras tem sofrido uma série de transformações que se acentuaram nas últimas décadas. Como vimos, os Garífunas têm tido várias identificações ao longo da história hondurenha desde sua chegada a Roatán, quando foram identificados como *caraíbas negros* pelo sistema colonial. Com as relações neocoloniais que reconverteram a força de trabalho dos afrodescendentes agora como “trabalhadores” mediante as identificações racializadas, os Garífuna foram classificados como *morenos* pelas relações de força das Companhias bananeiras internacionais. Mas, o seu reconhecimento como Garífunas, foi o resultado dos esforços dos seus próprios intelectuais e pela guinada na maneira pela qual estes se auto identificaram, não mais como afrodescendentes, mas como indígenas.

A luta pela manutenção da sua herança indígena tem ajudado à preservação e conservação das suas expressões culturais, isto conseqüentemente tem ajudado com a inserção em diferentes espaços onde podem devidamente fazer suas demandas políticas e sociais.

O ativismo político étnico em Honduras tem sofrido uma série de transformações nas últimas décadas. A luta pela manutenção da sua herança indígena tem ajudado à preservação e conservação das suas expressões culturais, isso, conseqüentemente, tem ajudado com a inserção em diferentes espaços onde podem devidamente fazer suas demandas políticas e sociais.

A constituição do caribe negro, a partir da escravidão, extrativismo de recursos, exploração e tráfico humano foi perpetuado pelas três companhias bananeiras transnacionais americanas em Honduras. A construção do Estado-Nação com uma identidade própria hondurenha foi afetada pela presença com a indústria bananeira no país, a economia hondurenha ampliou suas indústrias de poder aquisitivo, as costas hondurenhas se tornaram alvo da exploração turística, e nelas seus habitantes, a maioria Garífunas, foram o segredo para chamar a atenção de milhões de pessoas. A consequência disso, é refletida quando os Garífunas foram utilizados no *marketing* como uma etnia hondurenha numa terra de encantos e riqueza cultural, que na teoria ajudaria à economia de pequena escala das comunidades. No entanto, na prática eles

têm sido desterrados em favor de grandes complexos turísticos e econômicos, como mostrado o caso das ZEDEs.

O ciberespaço permite-nos observar como a complexidade da construção identitária está vinculada com a reivindicação dos Garífunas como um povo único, indígena e negro. A história escrita, a partir dos colonos, apagaram suas contribuições por décadas e hoje podemos observar que os Garífunas estão tentando reconstruir um autoreconhecimento identitário restaurando.

Vimos nesta dissertação que o caso Garífuna é complexo, e eles não podem ser olhados da mesma forma que tratamos os problemas reivindicativos de outros grupos, pois sua identificação pode se inserir tanto como povo indígena, como afrodescendentes. Exemplo disso, é o uso da sua cultura para a indústria do turismo no meio do século XX, segundo vimos através das discussões do ciberespaço que existe um debate entre os Garífunas sobre sua identificação e a representação das organizações tecidas a tal representação.

O envolvimento no ciberespaço tem conseguido repercutir do *online* ao *off-line*, e vice-versa, permitindo-nos começar a olhar um sistema de redes no território tradicional, transportados, criados e recriados com a atuação dos diferentes usuários no território virtual. Vários atores fizeram comentários questionando porque focar em um debate semântico quando estavam acontecendo coisas mais relevante do que a nomeação “afrodescendentes” ou “Garífuna”. Segundo Castañeda (2014) esse debate de quem são e como se inserem numa luta mais global, é definido como auto reflexividade “os indivíduos querem se interrogar sobre quem são, o que querem, o que querem alcançar, que tipo de democracia e sociedade desejam” (p.41). Esses tipos de debates podem acontecer em diferentes ciberlugares, mas segundo nossas visitas aos diferentes FYBT são mais comuns no *Facebook*.

Ressalta na nossa etnografia que os comentários entre atores com posições diversas conseguiram fazer alianças provisórias e debates em fluxo e contrafluxo sem importar a

dispersão geográfica dos atores, criando uma discussão transnacional num ciberlugar, estando *ali* no *online* e ao mesmo tempo em diferentes lugares *off-line*. Dessa forma, foi-se estabelecida uma rede de comunicação e cooperação de outros grupos Garinagu em outras nações que desenvolveram um interesse específico sobre seus direitos, começando pela classificação como grupo étnico diferenciado ou afrodescendentes.

Observamos como os *atores* nos comentários da fotografia, trouxeram com ele um jargão carregado de palavras chaves similares às que utilizam as organizações no seus *blogspots*. Além da vinculação direta de *entries* nos comentários que se relacionavam com a discussão, utilizando estes *entries* como ferramentas argumentativas para defender suas posições.

A complexa história da construção do Caribe esta vinculada com as articulações próprias garinagu, indicam a formação de um povo único, produto da mestiçagem entre os indígenas aruaques e negros. Vemos que a história está construída a partir de elementos coloniais, mas a partir da memória garinagu e no ciberespaço se reconstrói uma autoreconhecimento fundamental, produto dos debates entre os próprios atores Garífunas.

Observamos na etnografia que com cada megaprojeto os conflitos na faixa caribenha, e desterritorialização está crescendo, além da destruição dos recursos naturais parte do *ethos* dos moradores Garífunas piora. Vemos que os Garífunas têm encontrado um novo espaço onde podem alcançar uma nova audiência. As duas organizações, tanto a OFRANEH como a ODECO, têm aproximações diferentes para reafirmar as demandas sociais, culturais e políticas, mas achamos que a oscilação dos Garífunas entre diferentes categorias identitárias é contraproducente para sua luta e sim talvez em benefício do governo e/ou companhias transnacionais que encaixam os Garífunas na categoria que beneficia seus projetos.

Finalmente, o caso Garífuna é tão complexo e rico (em termos de estudo), que esta dissertação pode ser só o começo para uma pesquisa mais completa, que permita ficar





Print 2- Os seguintes prints são dos comentários ao nosso primeiro caso, estão arranjadas em ordem cronológico. As identidades dos envolvidos tem sido protegida mesmo que a postagem seja pública. Em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10203671067795835&set=t.100002425606478&type=3&theater> Ultimo Acesso: 12/8/16.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

Good Show Hectorf  
October 2, 2014 at 8:17pm · Like

This is not a show.... it's very very serious  
October 2, 2014 at 8:20pm · Like

Anyone can be of African descent it does not specifically identify us garifunas. The making of a garifuna person is African & Arawak Indian. Afrodescendant is a term used to describe a vast amount of african people. Garifuna is a mixed making we can't leave the Arawak part out  
October 2, 2014 at 8:25pm · Like · 2

Or leave Carib out as well!  
October 2, 2014 at 8:34pm · Like

I'm not Garifuna, but I'm in favor of Garifuna staying Garifuna. Why give up your specific and unique heritage for a vague term of "Afro descent"? It's true that Garifuna are African descendants but it's not all they are.  
October 2, 2014 at 8:36pm · Like · 3

Based on this definition of a shared historical experience, there are no "People of African Descent" in Africa... there you will only find Africans.

Write a comment...

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

At a community meeting this past saturday, Celeo Casildo whom fully endorses this term but is clueless to why he endorses it was asked, "What does afrodescendiente mean to you? His reply was dismissive, "I don't have a definition", "I'm not an expert in... See More  
October 2, 2014 at 9:01pm · Edited · Like · 2

thank you for your initiative to bring up this subject. Garifuna should never have identity crisis if we stick to our own history. Unfortunately, there is an apparent reason to change our identity in Honduras so we can loose what  
October 2, 2014 at 9:01pm · Like · 2

is left of our lands, culture and language.  
October 2, 2014 at 9:02pm · Like · 2

In an article in the Honduras media, which seems to have been removed from the Internet, Mr. Celeo Alvarez Casildo is quoted:  
El término afrodescendiente es correcto igual que (Gjarifuna). (The term afrodescendant is correct, the same as (Gjarifuna)... See More

celeo-casildo-el-

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

...El que no sabe su historia, sera confundido y serán capas de aceptar cualquier cosa... lea abajo... La esclavitud no fue parte de la experiencia histórica Garifuna....

See More



Afrodescendiente no es una mala palabra...

LATRIBUNA.HN

October 2, 2014 at 10:15pm · Edited · Like · 4

Seguramente nuestros abuelos contestaran GARIFUNA NUGUYA...GARIFUNA AU.

October 2, 2014 at 10:14pm · Like · 4

Cansado estoy de repetir, si perdemos nuestro nombre perdemos todo. Los Británicos nos llamaron "Black Carib" solo para negarnos nuestro derechos y reclamo a yurumein. Honduras con la ayuda de ODECO Celeo Álvarez han cambiado nuestro nombre a Afros... See More

October 3, 2014 at 6:18am · Edited · Like · 4

Yo soy garifuna!

Yo soy garifuna!

Si Celeo Álvarez promueve esta campaña de afrodescendientes no lo hace en nombre de mi identidad como garifuna que soy, además de que no conozco en el país a parte de Cegah Comite, o comite de emergencia garifuna de Honduras, no existe... See More

October 2, 2014 at 11:29pm · Edited · Like · 2

Es desafortunado pues yo he vivido en carne propia la lucha Thursday, October 2, 2014 at 11:2

ese termino nos esta exponiendo al destierro

October 2, 2014 at 11:14pm · Like · 3

Pues además del termino es importante hacer énfasis en los directivos patronales que se encargan de vender las tierras a espaldas del pueblo! será grave lo de Celeo Álvarez, pero lo de los dirigentes patronales es un crimen! Cometerá celeo sus cagadales... See More

October 2, 2014 at 11:26pm · Like · 1

No estoy de acuerdo que me llamen afrodescendiente! Soy garifuna.

October 2, 2014 at 11:27pm · Like

Los directivos de la comunidad de cristales y Río Negro de trujillo presidida por Omar Loredo le vendieron cientos de ectareas de tierras comunales a inversionistas canadienses sin precondiciones, yo no le puedo hechar la culpa a Celeo Álvarez!

Si nos afecta el termino afrodescendiente, peor nos afecta la irresponsabilidad de los directivos patronales que venden las tierras.

October 2, 2014 at 11:49pm · Edited · Like · 1

I love my Garifuna ethnicity, and @ the same time, I love the idea of being called Afro-descendant! I think that people of African descent are very strong and courageous people who continue to overcome many hurdles in this life. Africans are blessed w/... See More

October 3, 2014 at 9:21am · Edited · Like · 3

ESTOS COMENTARIOS ES COMO PARTIR UNA MANZANA EN DOS PARTES TODO ES AGRIDULCE JAJAJA JAJAJA

October 2, 2014 at 11:58pm · Like

Debo mencionar lo siguiente: Los amigos por interés son vende patria, lambizcones y vende Garifuna.

La anestesia sirve para que no sientas la cuchillada, y cuando se le aplica a la mente se le llama adoctrinamiento el cual es para que no

Write a comment...



6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

FOR ESOS TIPOS DE  
COMENTARIOS QUE NO LLEVA A NADA BUENO  
PORQUE MEJOR NO PONEN SU VISTA EN LO  
QUE ESTÁ PASANDO EN BARRA VIEJA

October 3, 2014 at 12:02am · Like · 2

Debatando k suena mas bonito,  
garifuna, garinagu, afrodescendientes,  
afrohondureños, adjetivos propuestos x politicos y  
activistas, mientras muchos paisanos sta noche  
no tienen un techo o un lecho donde descansar xk  
han sido desalojados d sus humildes casas...

October 3, 2014 at 12:08am · Like · 1

AL FINAL DE CUENTA QUIEN TIENE  
LA RAZON

October 3, 2014 at 12:10am · Like

ESO DEBE DE DISCUTIRSE NO  
COSAS SIN SENTIDO QUE GARIFUNA QUE  
AFRODESCENDIENTE TOTAL PARA MÍ ES  
IGUAL NEGRO ES NEGRO ACASO EL  
LEOPARDO PODRÍA QUITARSE LAS MANCHAS

October 3, 2014 at 12:14am · Like

no one said it was a show. "Good Show!" is  
approval of your post! Of course I'm well aware as  
you of the seriousness of what is happening!

October 3, 2014 at 12:16am · Like · 3

Write a comment...

October 3, 2014 at 12:16am · Like · 3

Los ladrones que venden lo que  
no es de ellos, que se les confía los bienes  
comunales y lo terminan vendiend, y eso es un  
robo.

Aqui nadie menciona eso!  
Solo ven los desalojos, pero cuales son las  
causas?

October 3, 2014 at 12:17am · Like · 1

IGUAL QUE LA PANTERA Y EL  
PUMA NO PUEDEN MUDAR DE SU COLOR

October 3, 2014 at 12:17am · Like

Claro que tenemos nuestra vistas  
en Barra Vieja y la tenemos fijada en Comunidad  
de Cristales y Rio Negro y en todas las  
Comunidades Garifuna que corren mucho peligro  
a causa del Gobierno que en vez de protegernos  
comete GENOCIDIO en contra nuestra y líderes  
que nos han traído el Caballo de Troya para  
traicionarnos como ellos mismos nos traicionan.

October 3, 2014 at 12:18am · Like · 2

Aqui nadie esta pidiendo que se le de  
la razon, simplemente estamos expresando  
nuestras inquietudes por los sucesos que  
amenaza la identidad nuestra. Asi que.  
AGUIMETIBU youn nun!!

October 3, 2014 at 8:54am · Edited · Like

Write a comment...

ES QUE LOS RESPONSABLES SON  
ESAS DISCUSIONES QUE NO LLEVA A NADA  
BUENO LO REPITO Y LO SOSTENGO ES MEJOR  
USAR LA PRUDENCIA Y NO LA DIVISIÓN  
COMUNITARIA

October 3, 2014 at 12:24am · Like

BUTI GU'OUN NIDUJE'OUS,  
GOOD NIGHT FAMILY, BUENAS NOCHES  
FAMILIA DIOS ME LOS BENDIGA SIEMPRE

October 3, 2014 at 12:27am · Like · 1

Hermanos Unamonos!  
Trabajemos desde nuestro lecho como garinagu,  
vallamos a las comunidades y eduquemos  
informemos, hablemos con la comunidad  
revisemos lo que realmente esta pasando en  
nuestras comunidades, recavemos información y  
identifiquemos con no... See More

October 3, 2014 at 12:40am · Like · 5

<https://www.facebook.com/video.php?v=960896247257723&set=vb.209146065766082&type=2&theater>

October 3, 2014 at 1:20am · Like

By looking at the Garinagu  
physical characteristics (color of the skin and  
Negro fetures) the answer will be YES, due to the

Write a comment...

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, <sup>Juana Marin Hefzi-bà Beula</sup> South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

Photos of Ofraneh Garifuna  
in Timeline Photos

Tag Photo Options Share Send Like

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

Photos of Ofraneh Garifuna

Tag Photo Options Share Send Like

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

By looking at the Garinagu physical characteristics (color of the skin and Negro fetures) the answer will be YES, due to the historical experience of those that forcible wore extracted from they original place to be treaded as slaves. Of course the Garinagu are more, they have amalgamate other genes of those that wore living in the place where the landed. Probable will be worth to carry out the study of the genetic composition of our population to end once for all of an speculative controversy that can ease be sort out. By a Genetic Study of our DNA Today is so advanced that can profile an individual just by using their genetic sample. You are absolutely right Hector when you point out to be careful in the use of the word, but also we need to be aware that very often the meaning and definition change to suit a particular interest of a dominant social group, and it is the case of the use of the word Afrodescendent, in USA, and Now extended to Latinamerica. wich is the case that involve us in such discussion. best to all, continue to explore History the clue is always in the past.

October 3, 2014 at 4:14am · Like · 3

let me try and say this as simple as I can. If what was done by our ancestors, was done by another race other than African. It would of been taught in every history book.

Write a comment...

Que judas van a estar investigando del mestisaje que justifica mi raza o etnicidad, cuando estan claritas mis caracteristicas negroides? Obama que es mulato, y mulato de pura sangre, mezcla de blanca y negro, y actual presidente de la primera potencia del mundo no dejan de llamario negro!

Trabajemos hermanos, hechemosle ganas a este proyecto sin buscar formas ni maneras de tumbar a nadie, estos caeran por su propio peso. Sigamos dando importancia y veran que a nada vamos a llegar, informemos y eduquemos, pero no nos estanquemos, si el proceso conleva a la defenza de los derechos sociales e individuales de los garinagu, estoy con ustedes, pero no nos distraigamos en cosas que al final no resuelven nuestros problemas de a fondo.

October 3, 2014 at 8:31am · Like · 2

Que se jodan los afrodescendientes, nosotros somos garifunal Aun que no deberia ser asi. A mi me gusta caminar con jente inteligente, ejemplar, que promueven la unidad, eso es lo que busco... See More

October 3, 2014 at 8:36am · Edited · Like · 2

Al 100%  
October 3, 2014 at 8:42am · Like

Write a comment...

Y miren lo que encuentrol  
October 3, 2014 at 8:36am · Edited · Like · 2

Al 100%

October 3, 2014 at 8:42am · Like

Yo tiendo a caer mal porque no me permito ser instrumento de nadie mas que de mis principios, de mis ideas, aun por encima de los riesgos que en nuestra sociedad se da con una persona como yo. Yo solo tengo una cara señores, si me falla mi madre o mi p... See More

October 3, 2014 at 9:15am · Like · 2

Yo no voy a odiar a nadie porque a otro se le antoje! Si esto me hace ver como que alguien me ha comprado, pues mi precio es la lealtad a mis principios. Naci y creci en la pobreza, jamás en la mediocridad... See More

October 3, 2014 at 9:35am · Like · 1

Todos miramos lo que esta pasando, ya indentificamos el problema ahora. Hay que buscar la solucion

October 3, 2014 at 9:39am · Like · 6

La Tierras Ancestrales fueron dejadas especificamente a los garifunas al

Write a comment...



6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

Photos of Ofraneh Garifuna  
in Timeline Photos

Tag Photo Options | Share Send Like

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

La Tierras. Ancestrales fueron dejadas específicamente a los garifunas al cambiarle el nombre pierde porder, hes brainwashing garinagus. Because he knows we are ignorant.

October 3, 2014 at 9:45am · Like · 2

The days of brainwashing are over...

October 3, 2014 at 9:58am · Like · 2

Muy bien dicho Sr Pablo Garcia. Y te apoyo en tu radicalismo personal. No hay nada de malo, en regularse por sus propias leyes impuestas por cada individuo a si mismo conforme su experiencia personal. Tambien te comparto que probablemente padezco del mis... See More

October 3, 2014 at 10:26am · Like · 1

Perdon un error de dedo. pero termino diciendo que apoyo tu alucion, agregando que tenemos que escuchamos, para ser coherentes y e identificar el problema y poder tomar accion.

October 3, 2014 at 10:30am · Like · 1

Ah me olvide decir, Que Al Sugerir Investigar el ADN de nuestra etnicidad, es solo para que seamos mas contundentes en lo que YA Sabemos, Quienes somos Garifunas. El Problema es cuando el imprismo y la opinion personal se toman en verdades peligrosas, como el amigo Omar que interpela a Jorge Castillo, acusandole de contradictorio, por que el escogio creerse y predicar un mito recién creado para acomodar los fines de unos pocos que gobiernan el pais y de parte de unos de los nuestros que aspiran a la misma posicion y de ser parte de esta clase aun a costa de la vida de sus semejantes. En lo que si estas contundentemente cierto es la conviccion de quien eres y, ahi necesitamos sumar al resto a esas filas para poder prevalecer.

October 3, 2014 at 10:30am · Like · 1

Ah me olvide decir, Que Al Sugerir Investigar el ADN de nuestra etnicidad, es solo para que seamos mas contundentes en lo que YA Sabemos, Quienes somos Garifunas. El Problema es cuando el imprismo y la opinion personal se toman en verdades peligrosas, como el amigo Omar que interpela a Jorge Castillo, acusandole de contradictorio, por que el escogio creerse y predicar un mito recién creado para acomodar los fines de unos pocos que gobiernan el pais y de parte de unos de los nuestros que aspiran a la misma posicion y de ser parte de esta clase aun a costa de la vida de sus semejantes. En lo que si estas contundentemente cierto es la conviccion de quien eres y, ahi necesitamos sumar al resto a esas filas para poder prevalecer.

October 3, 2014 at 10:36am · Like · 1

CREO QUE ME FASTIDIARON CON LA MISMA DISCUSION DE A NOCHE VOY A TENER QUE COMPRAR UN AVION JUMBO Y MANDARLOS A TODOS PARA AFRICA OTRA VEZ

October 3, 2014 at 10:41am · Like · 2

Pero ni tia itara libari baba. jajaja

October 3, 2014 at 11:02am · Like

Lol... buguya Omar, safaru tia

Write a comment...

bifaluman nibu. Lol... ejeregudabadina murusun dol

See Translation

October 3, 2014 at 11:13am · Like

Olvidense de todo eso y empezar una nueva etapa que valga la pena

October 3, 2014 at 11:53am · Like

Huy amigo Omar buen trabajo. Proverbios 27:22 dice-aunque machaque sal tomo con un mortero entre el grano requiebrazado hasta que quede fino, su totonidad no se apartara de el. y es tan cierto que ya decia facundo cabral (cantautor Argentino. (la ignoran... See More

October 3, 2014 at 1:57pm · Like · 2

ES QUE ESTE PUEBLO EN VEZ DE PONER ORDEN PONEN DESORDEN. AQUEL QUE NO ADMITE LA NATURALEZA QUE DIOS LE HA DADO SE AVERGUENZA DE DIOS SERA MEJOR PARA EL INDIVIDUO QUE CAMBIE DE NATURALES Y CREA SU PROPIA CREACION. NO CABA DUDA LO QUE JESUCRISTO DIJO ESTE PUEBLO TIENE OJOS PERO NO VE, TIENE OÍDOS PERO NO OYE DIOS LES HA ENTORPECIDO SUS MENTES PARA QUE NO ENTIENDAN Y TROSPIEZEN ASI HAN SIDO SIEMPRE

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

6. People of African Descent maybe defined as descendants of the African victims of the Trans-Atlantic and Mediterranean Sea slave trade. The group includes those of the sub-Sahara slave trade. Descendants of the victims of the trans-Atlantic trade live primarily in the Diaspora of North, Central and South America and the Caribbean. In 1996, for instance, their number in Latin America was estimated at 150 million<sup>5</sup> or approximately a third of the total population of the area. However for the definition to be completed, it must also include Africans and their descendants who, after their countries' independence emigrated to or went to work in Europe, Canada and the Middle East where they also experienced racial discrimination suffered by those who live in Western European countries.

October 3, 2014 at 3:25pm · Like

SIEMPRE ACOSTUMBRAMOS A LLAMAR SUBLIME A LO ABOMINABLE SAGRADO A LO PROFANO ADONDE IREMOS A PARAR EN SERIO

October 3, 2014 at 3:27pm · Like

Please note: the definition cited in this post is from The Commission of Human Rights. Specifically the Working Group of Experts on People of African Descent. It was written at its Second Session in Geneva, 3-7 February 2003.

The Document is entitled... See More



Audiencia Pública.  
Caso Comunidad...

VIMEO.COM | BY CORTEIDH

October 3, 2014 at 6:54pm · Edited · Like · 1

[http://conexion.hn/\\_estado-de-honduras-deniega...](http://conexion.hn/_estado-de-honduras-deniega...)

October 3, 2014 at 10:09pm · Like

I am proud to be Garifuna, I cannot forfeit one part of my identity and simply embrace

Write a comment...

October 3, 2014 at 10:09pm · Like

I am proud to be Garifuna, I cannot forfeit one part of my identity and simply embrace the other, hence the term Afrodescendiente does not capture the full essence of who I am. Therefore I am bound to have full respect for both: my African heritage and Amerindian heritage. What I see happening in our beloved country is what the Brazilian educator Pablo Freire refers to as "the oppressed is becoming part of the oppressor" The individuals utilizing the term Afrodescendientes are those who have been co-opted by the neocolonial system to carry their message of destruction of indigenous populations to steal the land and all the other resources that come with it. Now dejemonos de paja y reunamos un billete para conseguir un abogado para apoyar a la gente de barra vieja investigar quien en realidad esta involucrado en esa injusticia incluyendo tambien los Garifunas que tambien han de estar involucrados. Si ustedes quieren pongamonos de acuerdo para hacer una reunion via Skype para los que estamos a una distancia retirada y pongamonos a trabajar. Ruben you have develop an enormous credibility in the Garifuna community as a result of your hard work can we do this?

October 4, 2014 at 12:16am · Edited · Like · 4

## LAS LUCHAS GARIFUNAS – AFRODESCENDIENTES EN HONDURAS

Es importante tener en cuenta que las comunidades Garifunas y el conjunto de comunidades Afrodescendientes, llegaron a Honduras como consecuencia del tráfico esclavista y la sed de expansión y enriquecimiento de Europa (españoles, portugueses, ingleses, etc.), antes y después de 1797. Tanto los Garifunas como los Criols, suman comunidades desarraigadas desde el África, estas comunidades proceden del "Gran Caribe", depositarios de la trata transatlántica llámese San Vicente y las Granadinas, Jamaica, Trinidad y Tobago; al entender de donde venimos, mas fácilmente entenderemos como estamos, donde estamos y hacia donde vamos. La interpretación correcta de nuestro pasado nos concede las herramientas para construir un futuro con dignidad.

El pueblo Garifuna, ha demostrado a través de los tiempos su amor y su lucha por la libertad, esas son las enseñanzas heredadas por Joseph Satuye y Barauda. Sus luchas en San Vicente, son memorables; una vez establecidos en Centroamérica, continuaron sus luchas hasta nuestros días.

Como resultado de la determinación de las Comunidades Afrohondureñas, especialmente del Pueblo Garifuna, se han levantado las voces de reivindicación por sus derechos políticos, económicos, sociales y ambientales, es y ha sido GRACIAS A LA LUCHA ORGANIZADA que nuestro pueblo está comenzando a ser escuchado y tomado en cuenta. No debemos olvidar jamás que las pequeñas victorias y avances no son producto de la casualidad ni de las regalías, son la sumatoria de esfuerzos de la juventud, hombres y mujeres que se han tenido que lanzar a las calles, perder los temores, participar en asambleas, en numerosos talleres y reuniones para proponer y exigirles a los gobernantes ser tomados en cuenta en los distintos aspectos de la vida nacional. Son resultados de esa lucha organizada la Conmemoración del Bicentenario Garifuna en el año 1997, el Monumento al máximo Líder Garifuna en la época de San Vicente Joseph Satuyé, el Busto en honor del Dr. Alfonso Lacayo Sánchez, el primer Plan Nacional para el Desarrollo de las Comunidades Afrohondureñas, así como el Plan Maestro de Desarrollo Integral y Sostenible de las Comunidades

## Etiquetas

[10º Aniversario de la adopción de la Declaración y el programa de acción de Durban](#) (1)

[18 al 21 de Agosto](#) (1)

[1ro. de Mayo Día Internacional de los Trabajadores](#) (1)

[2012](#) (1)

[2do. Módulo de la Escuela de Formación de Líderes Afrodescendientes en Derechos Humanos](#) (1)

[3er Foro de la ONU sobre Cuestiones de las Minorías Recibe con Entusiasmo la Cumbre Mundial de los Afrodescendientes](#) (1)

[4ta urna](#) (4)

[518 Años de Resistencia Indígena](#) (1)

[abrazo la Convocatoria a la Primera Cumbre Mundial de los Afrodescendientes](#) (1)

[Actividades de la ODECO](#) (36)

[Acuerdo de Duelo](#) (10)

[Africa: Kinshasa](#) (1)

[Afrodescendiente y Popular](#) (1)

[Afrodescendientes en](#)

### Print 3- Postagem sobre os Afrodescendentes- Garifunas em

<http://odecohn.blogspot.com/search?q=garifunas> titulado *El Pueblo Garifuna y sus luchas*. Data da postagem 1/6/2009. Autor: Celeo Alvarez Casildo. Último Acesso 12/8/2016.

## REFERÊNCIAS

ALEGRIA, S. Nora. Redes De Relación Social Y Vida Cotidiana, Del Espacio Acústico A Los Ciberlugares Como Espacios Dialógicos. Estudio De Caso En Un Contexto Rural Del Pirineo Atlántico Navarro. **Dissertação de Mestrado**. UNED, 2011 in <http://62.204.194.43/fez/eserv/bibliuned:masterComEdred-Nsalbotx/Documento.pdf> Acesso: 7;25;16.

AMAYA, A. Jorge. “**Reimaginando” la nación en Honduras: de la “nación homogénea” a la “nación pluriétnica”**: Los negros Garífunas de Cristales, Trujillo. Tese de Doutorado em Estudos Latino-Americanos, Universidad Complutense de Madrid, 2004.

\_\_\_\_\_. Los Negros Ingleses O Creoles De Honduras: Etnohistoria, Racismo, Y Discursos Nacionalistas Excluyentes En Honduras, Los Negros Ingleses O Creoles De Honduras: Etnohistoria, Racismo, Y Discursos Nacionalistas Excluyentes En Honduras, 2007.

ARRIVILLAGA Cortés, Alfonso (2010). “La diáspora garífuna entre memorias y fronteras”. En: **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, Vol. 24 núm. 41, pp. 84-95, 2010.

AGUDELO, Carlos. Génesis de redes transnacionales de movimientos afrolatinoamericanos. Su presencia en América Central. In: HOFFMANN, Odile (ed.). **Ciudadanía y Política entre los afrodescendientes en México y América Central**. México: CEMCA-INAH-IRD-UNAM, 2010.

\_\_\_\_\_. Los Garífuna, las múltiples identidades de un pueblo afrodescendiente de América Central. **Afrodescendencia: Aproximaciones contemporáneas de América Latina y el Caribe**. Colombia, 2011.

\_\_\_\_\_. Movilidades y resistencias de los caribes negros. Pasado y presente de los garífuna. **Revista CS**, [S.l.], p. 189-225, dic. 2013. ISSN 2011-0324. Disponible en: <[http://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/revista\\_cs/article/view/1681/2172](http://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/revista_cs/article/view/1681/2172)>. Acesso: 03 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.18046/recs.i12.1681..>

\_\_\_\_\_. Expresiones culturales y dinámicas identitarias desde el Caribe contemporáneo. Simpósio apresentado no 53º Congreso Internacional de Americanistas. **Los pueblos americanos: cambios y continuidades**. La construcción de lo propio en un mundo globalizado, Cidade do México, 19-24 de julho, 2009.



\_\_\_\_\_. The afro-guatemalan Political Mobilization: Between Identity, Construction Process, Global Influences and Institutionalization» in Jean Rahier (ed) *Black Social Movements in Latin America. From Monocultural Mestizaje to Multiculturalism*. Miami: Palgrave Macmillan, 2012,

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Fondo de Cultura Económica, México, 1993

ANDERSON, Mark. When Afro Becomes (like) Indigenous: Garifuna and Afro-Indigenous Politics. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, vol. 12, nº 2, p.384-413, 2007.

\_\_\_\_\_. **Black and Indigenous. Garifuna Activism and Consumer Culture in Honduras**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

\_\_\_\_\_. Garifuna Activism and the Corporatist Honduras State since the 2009 Coup in Jean Rahier (ed) *Black Social Movements in Latin America. From Monocultural Mestizaje to Multiculturalism*. Miami: Palgrave Macmillan, 2012.

ASSIES, Willem. HOEKEMA, Andre, VAN DER HAAR, Gemma. **The Challenge of Diversity**: Indigenous Peoples and Reform of the State in Latin America. Thela Thesis Amsterdam, 2000.

AUGÉ, Marc. **Los no lugares: Espacios del Anonimato**: Antropología de la modernidad. Gedisa, 2009.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARAHONA, Marvin. **Pueblos indígenas, Estado y memoria colectiva en Honduras**. Tegucigalpa: Guaymuras, 2009.

\_\_\_\_\_. **La evolución histórica de la identidad nacional**. Tegucigalpa: Guaymuras, 2002.

\_\_\_\_\_. **La Hegemonía de los Estados Unidos (1907-1932)**, Tegucigalpa, CEDOH, 1983.

\_\_\_\_\_. **Honduras en el siglo XX una síntesis histórica**. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2005.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

Bourdieu, P. Questões de sociologia. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BEAUCAGE, Pierre. La Dynamique autochtone et l'Etat: l'exemple des Garifunas du Honduras (ou comment une ethnie devient classe)". In: Marie Lapointe (dir.). **L'Etat et les autochtones en Amérique latine / au Canada**. Symposiums du Congrès annuel Association canadienne des études latinoaméricaines et caribéennes (Québec, 7-9 octobre 1988). Québec: Université Laval, 1989, p. 33-80.

BRONDO, Keri V. When Mestizo becomes like Indio...or is it Garifuna?: Multicultural Rights and "Making Place" on Honduras' North Coast. **Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, Vol. 15, No. 1, pp 170-194, 2010.

\_\_\_\_\_. **Land Grab: Green Neoliberalism, Gender, and Garifuna Resistance in Honduras**, 2013.

BOURGOIS, Philippe. Banano, etnia y lucha social en Centroamérica. San José: Editorial Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1994.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BRIGNOLI, Perez. El fonograma en los trópicos, sobre el concepto de banana Republic en la obra de O. Henry. Iberoamericana, VI 23, 2006. P. 127-141

BURNS, Alan F. Honduras. Afro-Tropical: A World on Fire. [www.clas.ufl.edu/users/afburns/afrotrop/Honduras.htm](http://www.clas.ufl.edu/users/afburns/afrotrop/Honduras.htm) Acesso: 05/18/16.

BURBULES, C. Nicholas. ¿Constituye Internet Una Comunidad Educativa Global? Revista de Educación, núm. extraordinario, pp. 169-190, 2001 *Apud* Carlos TORRES y Nicholas C. BURBULES (Eds.): Globalización y Educación. Nuevas perspectivas, Routledge, 2000.

CALVALCANTE, V.L., Thiago. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. História (São Paulo) v.30, n.1, p. 349-371, 2011. In <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a17.pdf> Acesso 25/7/16.

CALENDAR OF STATE PAPERS. **Colonial Series**: America and West Indies, 1574 - 1733. Londres, publicados entre 1860 e 1939.



CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CASTANEDA, A. Marcelo, Ação coletiva com a internet: reflexões a partir da Avaaz. **Tese de Doutorado**, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. 11ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.

CAYETANO, Sebastian R. **Garífuna History, language and Culture of Belize, Central America and the Caribbean**. Ciudad Belice: Angelus Press, 1996.

Centro de Cultura Garinagu. Secretaria de Cultura de Artes y deportes. Sistema de Información Cultural. Disponível em <http://sichonduras.hn/detalle.php?ID=135> Acesso: 11 de agosto, 2015

COELHO, Lillian. **Migração, etnoterritorialidade e pertencimento numa cidade de pequeno porte do interior de Rondônia**, Ponto Urbe, 11, 2011.

COELHO, Ruy. **Los Negros caribes de Honduras**. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 1955.

\_\_\_\_\_. **Dias em Trujillo: Um antropólogo brasileiro em Honduras**, Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2000.

CONSULATE OF SAINT VINCENT AND GRANADINES. The right excellent Joseph Chatoyer, 2011. In [http://www.svgconsulate.co.uk/articlesandnews/may-aug-2011/The\\_Right\\_Excellent\\_JOSEPH\\_CHATOYER.pdf](http://www.svgconsulate.co.uk/articlesandnews/may-aug-2011/The_Right_Excellent_JOSEPH_CHATOYER.pdf) Acesso 14/08/2015.

CÓRDOBA, Jorge Armando; BARAHONA, Adán; EUCEDA, Carlos. **Información sobre los Pueblos Indígenas de Honduras como insumo para el Proyecto Regional de Manejo Integrado de Ecosistemas por Pueblos Indígenas y Comunidades de Centroamerica**. Honduras. Octubre, 2003.

CUISSET, Olivier. Del campo a la ciudad y vice-versa: elementos para la historia del movimiento garífuna en honduras. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre às Américas**. V.8 N1, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

ELIAS-CARO, Jorge E.; ORTEGA, Antonio V. **Multinacionales Bananeras e imperio económico En el gran Caribe: 1900-1940**. Revista Escuela de Historia Vol. 12 No.2, 2013,

ENGLAND, Sarah, ANDERSON, Mark. Authentic African Culture in Honduras? Afro-Central Americans Challenge Honduran Indo-Hispanic Mestizaje, XXI Latin American Studies Association International Congress, September 24-27, Chicago, 2007.

EURAQUE, Dario. The Threat of Blackness to the Mestizo Nation: Race and Ethnicity in the Honduran Banana Economy, 1920S and 1930S *apud* STRIFFLER, Steve e MOBERG, Mark. **Banana Wars**. Duke University Press. London, 2003.

\_\_\_\_\_. 100 años de categorías raciales y étnicas en Honduras, 1790s-1890s: Hacia la neutralización de la afro descendencia colonial, **Boletín AFEHC N°50**, publicado el 04 julio 2011, disponible en: [http://afehc-historia-centroamericana.org/index.php?action=fi\\_aff&id=2716](http://afehc-historia-centroamericana.org/index.php?action=fi_aff&id=2716).

\_\_\_\_\_. Reinterpreting the “Banana Republic”: Region and State in Honduras, 1870s- 1972. **Chapel Hill: University of North Carolina Press**, 1996.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: uma descrição dos modos de subsistência e das Instituições políticas de um povo nilota. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FALZON, M.A. **Multisited Ethnography**: Theory, Praxis and locality in contemporary research. Malta: Ashgate Publishing Company, 2009.

GARCIA, C. Santos. Historia del movimiento hondureño. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras, 1997.

GARCIA, M. Yesenia. Organización y Demandas del Movimiento Obrero en Centroamérica: Entre el Enclave Bananero y el Proceso de Reformas Sociales. *Clio América* Vol. 4, Núm. 7 p. 36 – 57, 2010 in <http://revistas.unimagdalena.edu.co/index.php/cliioamerica/article/view/395> Acceso 7/25/16

GARGALLO, Francesca. **Garífuna Garínagu, Caribe**. México: Siglo XXI, 2002. \_\_\_\_\_. Los Garífuna de Centroamérica: reubicación, sobrevivencia y nacionalidad de un pueblo afroindioamericano. **Política y Cultura**, nº 14, 2000, p. 89-107.

GEERTZ, C. **Works and lives: The anthropologist as author**. California: Stanford University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. **The Interpretation of Cultures: Selected Essays**. New York: Basic Books, 1973.

HERRIE, Elise. **The tentacles of “El Pulpo”: The influence of the Unites Fruit Company on politics and social structures of Central America**. Utrech University Repository, 2010.

HUANG, Carol. Facebook and Twitter key to Arab Spring uprisings: report, jUNIO 6, 2011 in <http://www.thenational.ae/news/uae-news/facebook-and-twitter-key-to-arab-spring-uprisings-report> Acceso: 6/25/16.

FACEBOOK. *About*. In [https://www.facebook.com/enespanol/info/?entry\\_point=page\\_nav\\_about\\_item&tab=milestone](https://www.facebook.com/enespanol/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=milestone) Acceso: 7/25/16.

FNRP. **Pueblos negros de Honduras Denuncian Cumbre Mundial de Afrodescendientes por excluir comunidades**  
In: [http://www.resistenciahonduras.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3406:pueblos-negros-de-honduras-denuncian-cumbre-mundial-de-afrodescendientes-por-excluir-comunidades&catid=61:pueblos-indigenas-y-negros&Itemid=245](http://www.resistenciahonduras.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3406:pueblos-negros-de-honduras-denuncian-cumbre-mundial-de-afrodescendientes-por-excluir-comunidades&catid=61:pueblos-indigenas-y-negros&Itemid=245) Acceso: 20/08/2015

FOUCAULT, Michel. L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.

FRIEDLAND, Jamie; ROGERSON, Kenneth. How Political and Social Movements Form on the Internet and How They Change Over Time. Institute for Homeland Security Solutions, 2009.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.  
GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GESCHIERE, Peter. **The Perils of Belonging**: Autochthony, Citizenship, and Exclusion: Paradoxes in the politics of belonging in Africa and Europe. The University of Chicago Press, Ltd., London, 2009

GOMEZ-MARTINEZ, José Luis. Mestizaje y fronteras como categorias culturales iberoamericanas. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, 1994.

GONZÁLEZ, Nancie. **Peregrinos del Caribe**. Etnogénesis y etnohistoria de los garifunas. Tegucigalpa: Editoria Guaymuras, 2008 (1988).

\_\_\_\_\_. From Black Carib to Garifuna: The coming of Age of an Ethnic Group. **Actes du XLII Congres International des Americanistes**, vol. 6, 1979.

GULLICK, Charles. **Myths of a minority**, Assen: Van Gorcum, 1985.

\_\_\_\_\_. Ethnic interaction and Carib language. **Journal of Belizean Affairs**, Belize City: Saint John's College, núm 9, 1979.

HARLOW, Summer. Social media and social movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved off-line. *New media & Society* p. 1–19, The University of Texas at Austin, USA, 2011.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HALE, Charles. Neoliberal Multiculturalism: The Remaking of Cultural Rights and Racial Dominance in Central America. **Political and Legal Anthropology Review**, v. 28, n.1, p. 10-28, 2005.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, Apr. 1997.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Sage Publications. London. 2000.

IGREJA, L. Rebecca e AGUDELOS, Carlos. Afrodescendentes Na América Latina E Caribe: Novos Caminhos, Novas Perspectivas Em Um Contexto Global Multicultural. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre às Américas**. V.8 N1, 2014.

KRABBE, J.S. En la realidad. Hacia metodologías de investigación descoloniales. **Tabula Rasa**, Colombia, núm. 14, p. 183-204, 2011.

Langley, D. Lester; Schoonover, D. Thomas. **The Banana Men** (Lexington: University Press of Kentucky, 1995.

LAINEZ, Vilma e Victor Meza. El enclave bananero en Honduras. **Nueva Sociedad**, núm.6, p.21-43, 1973.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

LÉVY, Pierre tradução de Paulo Neves. **O Que é o virtual?** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. Tradução de Carlos Irineu da Costa. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34,1999.

LEY DE LA PROPIEDAD. La gaceta. Honduras. 2014 In: <http://www.sefin.gob.hn/wp-content/uploads/2004/06/Ley-de-la-Propieda.pdf> Acesso: 10/06/2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina,2013.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. In: **Revista de Antropologia**, n.34, p. 197- 221, 1991

\_\_\_\_\_. **Ethnography Through Thick and Thin**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. Ethnography in/of the World System. The emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, vol. 24, p. 95-117,1995.

MALKIN, Elisabeth. Honduran President is Ousted in Coup. The New York Times. 28 de Junho, 2009. Disponível em:

[http://www.nytimes.com/2009/06/29/world/americas/29honduras.html?pagewanted=all&\\_r=1](http://www.nytimes.com/2009/06/29/world/americas/29honduras.html?pagewanted=all&_r=1)

MARTINEZ, José Luis G. Mestizaje y Frontera como categorias culturales iberoamericanas. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina**, Vol. 5, N.1, 2015.

MARTINEZ, Yesenia G. Organización y Demandas del Movimiento Obrero en Centroamérica: Entre el Enclave Bananero y el Proceso de Reformas Sociales. Colombia: Universidad de Magdalena, Clio América 2008.

MEZA, Victor. Historia del movimiento obrero hondureño. Centro de Documentación de Honduras, 1991.

MIRANDA, Miriam. Entrevista a Miriam Miranda de OFRANEH. Mayo, 2012. Red Alva TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nrprJbTLWFM> Acesso em: 12/08/ 2014.

Mapa da América Central com seus povos indígenas e Garífunas (1. Vermelho). Fonte: Mapa 2.4 in Atlas Centroamericano para la gestión sostenible del territorio el “atlas centroamericano para la gestión sostenible del territorio” [http://issuu.com/cathalac/docs/atlas\\_prevda/52](http://issuu.com/cathalac/docs/atlas_prevda/52). Acesso 08/07/2015.

MIRANDA, M.. Entrevista com Tory Field e Beverly Bell escritores do blog “Other Worlds” In <http://otherworldsarepossible.org/without-our-land-we-cease-be-people-defending-indigenous-territory-and-resources-honduras>.

MONTERO, P. Questões para a etnografia numa sociedade mundial. **Novos Estudos CEBRAP**, no. 36, p. 161-177,1993.

MONTEIRO,D. Silvana. . O Ciberespaço? O termo , a definição e o conceito. Revista de Ciência da Informação - v.8 n.3, 2007. In [http://www.brapci.ufpr.br/brapci/\\_repositorio/2010/01/pdf\\_31a590c998\\_0007547.pdf](http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_31a590c998_0007547.pdf) Acesso 25/7/16.

News5. Garifuna Culture honoured by UNESCO, 2011 *in* <http://edition.channel5belize.com/archives/18143> Acesso 25/7/16.

ODECO, Revista. **211 años de presencia Garifuna em Centroamérica**. La Ceiba, 2008.

\_\_\_\_\_. Informe Alternativo Presentado ante el CERD. La Ceiba: Honduras, 2014.

\_\_\_\_\_. II Congreso Internacional África - Occidente **Post**. Domingo, 17 de Outubro, 2010. In

<http://odecohn.blogspot.com.br/search/label/II%20Congreso%20Internacional%20Africa%20-%20Occidente> Acesso: 7/25/16

\_\_\_\_\_. El Pueblo Garifuna y sus Luchas. Documento publicado en mayo de 2009. **Post**. Terça, 2 de febrero de 2016 in <http://odecohn.blogspot.com/2016/02/el-pueblo-garifuna-y-sus-luchas-doc.html> Acesso: 7/25/16.

\_\_\_\_\_. De los “Congresos de las Américas Negras” a la Cumbre Mundial Afrodescendiente **Post**. Sábado, 30 de abril de 2011. In <http://odecohn.blogspot.com/2011/04/de-los-congresos-de-las-americas-negras.html> Acesso: 7/25/16.

OFRANEH. Inicio <https://ofraneh.wordpress.com> acesso 20/07/2015

OFRANEH. Estado de Honduras deniega condición de indígena al pueblo garífuna. **Post**. Agosto, 20, 2014. In: <https://ofraneh.wordpress.com/2014/08/20/estado-de-honduras-deniega-condicion-de-indigena-al-pueblo-garifuna/> Acesso 23/08/2015.

\_\_\_\_\_. Afrodescendientes o Garífunas: Raça o Cultura. **Post**. Setembro, 18, 2013. In <https://ofraneh.wordpress.com/2013/09/18/afrodescendentes-o-garifunas-raza-o-cultura/> Acesso 23/08/2015.

\_\_\_\_\_. Mes de la herencia Africana y el despojo al pueblo Garífuna. **Post**. Abril 9, 2014. In: <https://ofraneh.wordpress.com/2014/04/09/el-mes-de-la-herencia-africana-y-el-despojo-al-pueblo-garifuna/> Acesso 20/08/2015.

\_\_\_\_\_. Permanente acoso a la comunidad de Nueva Armenia. **Post**. Abril 9, 2014. In: <https://ofraneh.wordpress.com/2015/01/13/permanente-el-acoso-a-la-comunidad-garifuna-de-nueva-armenia/> Acesso 10/06/2015.

\_\_\_\_\_. Alerta, grupo de invasores amenazan la banca directive de la OFRANEH. **Post.** Janeiro 20, 2015 In: <https://ofraneh.wordpress.com/2015/01/20/alerta-grupo-de-invasores-amenazan-a-junta-directiva-de-la-ofraneh-2/> Acesso 20/08/2015

\_\_\_\_\_. Nuevo juicio para expulsar a la comunidad Garífuna de Barra Vieja de su territorio ancestral. **Post.** Junho, 29, 2015. In <https://ofraneh.wordpress.com/2015/06/29/nuevo-juicio-para-expulsar-a-la-comunidad-garifuna-de-barra-vieja-de-su-territorio-ancestral/> Acesso 20/08/2016

OLIVEIRA, M. J. **Entre Amigos**: Antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PALACIO, Joseph. Reconstructing Garifuna oral history – techniques and methods in the history of a Caribbean people. In: PALACIO, Joseph (coord.). **The Garifuna: a nation across borders**. Essays in social anthropology. Belize: Cubola Press, p. 43-63, 2005.

\_\_\_\_\_. The multifaceted Garífuna: juggling cultural spaces in the 21st century. In: PALACIO, Joseph (coord.). **The Garifuna: a nation across borders. Essays in social anthropology**. Belize: Cubola Press, p. 105-122, 2005.

PBS. Inside the April 6<sup>th</sup> Movement. <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/revolution-in-cairo/inside-april6-movement/> Acesso: 7/25/2016.

PHILLIPS, James. **Honduras in Dangerous Times: Resistance and Resilience**. Lexington Books, 2015.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**. Ano 2, No.3, julho/dezembro, 2013.

Quadro 1- Minutes of Enquiry into Administration of the West African Trade: Volume 84, in Journals of the Board of Trade and Plantations, Volume 14, January 1776 - May 1782, ed. K H Ledward (London: His Majesty's Stationery Office, 1938), 126-146,



acesso 10 de Abril do 2015, En: <http://www.british-history.ac.uk/jrnl-trade-plantations/vol14/pp126-146>

RAHIER, J. **Black Social Movements in Latin America: From Monocultural Mestizaje to Multiculturalism**. Palgrave Macmillan USA, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009a. 159 RHEINGOLD, Howard. The virtual community: Homesteading on the eletronic frontier, 1993. Disponível em: [www.rheingold.com/vc/book](http://www.rheingold.com/vc/book). Acesso em 25 de março de 2015.

\_\_\_\_\_. Mapeando redes sociais na Internet através da conversação mediada pelo computador *apud* Hetkowski, T. M.; Nascimento, A. D. (Org.). Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: Edufba, 2009b, p. 251- 274. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/mapeando.pdf>. Acesso em: 7/24/2016.

\_\_\_\_\_. La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

REYES, C. Marcos. **Trópicos**. Editorial UNHA, Tegucigalpa, 1971.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1996.

ROBINSON, William. Transnational Conflicts: Central America, Social Change and Globalization. New York, Verso, 2003.

ROGERSON, K. International communication in social movements and interest groups. International Studies Compendium Project. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 2009.

RUTA. **Información sobre los Pueblos Indígenas de Honduras como insumo para el Proyecto Regional de Manejo Integrado de Ecosistemas por Pueblos Indígenas y Comunidades de Centroamerica** Honduras. 2013 In: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/icap/unpan027543.pdf> Acesso 16/08/2015

RYLANDER, Amalia Louisa. **The Belizean Garifuna identity**: migratory and transnational space and its effects on the home community. The Artic University of Norway. Tese de mestrado. 2010.

SAHLINS, Marshal. Ilhas de Historia. Primeira Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa e NUNES, João Arriscado. **Introdução: para ampliar o cânone de reconhecimento, da diferença e igualdade** in: Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural, Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, Milton. O retorno do território. En: OSAL: **Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Secretaria de Agricultura y Ganadería. Gobierno de Honduras. <http://www.dicta.hn/valle-de-aguan.html> Acesso: 6/30/2016.

SOTO-QUIROZ, Ronald; DIAZ ARIAS, David. Mestizaje, indígenas e identidad nacional em Centroamérica: de la colonia a las Repúblicas Liberales. San José-FLACSO, 2007.

SHIRLEY, Sheryl. **Zapatista Organizing in Cyberspace: Winning Hearts And Minds**, Conference of the Latin American Studies Association, Washington D.C., September 6-8, 2001.

SILVA, Sandro José da. **Do fundo daqui**: luta política e identidade quilombola no estado do Espírito Santo. Tese. PPGA-UFF. Niterói. 2012.

STANFORD UNIVERSITY. Matriarcado Garifuna. Entrevista y transcripción por la Asociación Cultural Incorpore© con Purificación 'Popo' Arriola López; Triunfo de la Cruz, Honduras; julio 1998 in [https://web.stanford.edu/group/arts/honduras/discovery\\_sp/women/matriarchy.html](https://web.stanford.edu/group/arts/honduras/discovery_sp/women/matriarchy.html) Acesso: 7/25/16.

STRIFFLER, Steve, MOBERG, Mark. Banana Wars: Power, Production, and History in the Americas. American Encounters, 2003.

SUAZO, Salvador. **Los Deportados de San Vicente**. Tegucigalpa: Guaymuras, 1999

SUAZO, Martha Lorena. **Estudio Migratorio de Honduras** in Estudio comparativo de la legislación y políticas migratorias en Centroamérica, México y República Dominicana, Tegucigalpa, 2008. En <http://www.sinfronteras.org.mx/index.php/es/publicaciones/de-sin-fronteras/informes-anuales-2/380-estudio-comparativo-de-la-legislacion-y-politicas-migratorias-en-centroamerica-mexico-y-republica-dominicana.%C2%A0P> Acesso: 6/30/2016.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006

SOARES, Karla. Facebook tem regras de conduta, saiba o que é proibido na rede social. TechTudo, 2014. Disponível em <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/03/facebook-tem-regras-de-conduta-saibao-que-e-proibido-na-rede-social.html> Acesso 7/25/16

STEPANOVA, Ekaterina. The Role of Information Communication Technologies in the “Arab Spring” IMPLICATIONS BEYOND THE REGION PONARS. Eurasia Policy Memo, No. 159, 2011.

TAYLOR, Douglas. Ethnology and Ethnography: The Black Carib of British Honduras. In. John Wiley & Sons, Ltd. American Anthropologist Vol. 54, No.4, Blackwell Publishing Ltd In., 1952 <http://dx.doi.org/10.1525/aa.1952.54.4.02a00130> Acesso 6/30/2016.

TWITTER. *About in* <https://about.twitter.com/compan>. Acesso 7/25/16.

UCBS Writing Program. Pablo Neruda UFCo. In <http://www.writing.ucsb.edu/faculty/dean/Upload501B-Fall06/PabloNeruda.pdf> Acesso: 6/30/2016.

WADE, Peter. Rethinking mestizaje: ideology and lived experience. **Journal of Latin American Studies** 37:1-19. 2005.

\_\_\_\_\_. **Blackness and race mixture: the dynamics of racial identity in Colombia**. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 1993.

\_\_\_\_\_. **Identidad racial y nacionalismo**: una visión teórica de Latinoamérica. Texas: University of Austin Texas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Race and Sex in Latin America*. London: Pluto Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *Race and Ethnicity in Latin America*. Chicago, IL., Pluto Press, 1997.

WAGLEY, Charles. Ethnology and Ethnography: The Black Carib of British Honduras por Douglas MacRae Taylor. **American Anthropologist**. Vol. 54. 1952.

WAGNER, Roy. *The Invention of Culture*. University of Chicago Press, 1981.

WOLMAN, David. Cairo Activists use Facebook to Rattle Regime. *Business*, 2008 in <http://www.wired.com/2008/10/ff-facebookegypt/> Acesso: 7/25/2016.

YUVAL-DAVIS, Nira. Belonging and the Politics of belonging. **Patterns of Prejudice**, Vol. 40, Búm 3, 2006.

ZEDE. ¿qué es una ZEDE? In <http://zede.gob.hn> Acesso: 7/25/16.